



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Instituto de Física
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Doutorado em Ensino de Ciências



CAMILA DE FREITAS VIEIRA

**UM OLHAR ECOCRÍTICO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A CONTRIBUIÇÃO
DA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS**

CAMPO GRANDE-MS
2022



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Instituto de Física
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências
Doutorado em Ensino de Ciências



CAMILA DE FREITAS VIEIRA

**UM OLHAR ECOCRÍTICO PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A CONTRIBUIÇÃO
DA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS**

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutora em Ensino de Ciências.
Orientadora: Profa. Dra. Angela Maria Zanon

CAMPO GRANDE-MS
2022

BANCA EXAMINADORA

VIEIRA, Camila de Freitas. Um olhar ecocrítico para a Educação Ambiental: a contribuição da poética de Manoel de Barros – **Campo Grande/MS**. 2022. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências – Educação Ambiental). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Profa. Dra. Angela Maria Zanon
Orientadora/Presidente

Prof. Dr. Marcos Antônio Reigota
Titular

Profa. Dra. Angela Maria Guida
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Titular

Profa. Dra. Icléia Albuquerque de Vargas
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Titular

Profa. Dra. Suzete Rosana de Castro Wiziack
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Titular

AGRADECIMENTOS

Considerando que a construção desta tese foi atravessada pela pandemia da covid-19, os agradecimentos se tornam ainda mais especiais, já que os encontros e os abraços tiveram que ficar contidos.

Dessa forma, agradeço a minha família, em particular a minha mãe, pelo amor, pela preocupação, mesmo a quilômetros de distância, pelos ensinamentos e pelo incentivo aos estudos.

Aos colegas da minha turma de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências — PPEC/UFMS, pelos momentos alegres de aulas de campo e pelas disciplinas que fizemos juntos. Em especial ao grupo “Nós cinco”, pelas trocas, pelo incentivo, pelo carinho e pelo apoio.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul — UFMS, por me proporcionar formação gratuita e de qualidade, da graduação ao doutorado.

Ao Instituto Federal de Mato Grosso do Sul — IFMS, pela oportunidade de um período de afastamento parcial para capacitação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências — PPEC/UFMS, pelo apoio, pela atenção, pelo estímulo e pelo aprendizado nas aulas.

Aos membros da banca, Prof. Marcos Reigota, Profa. Ângela Guida, Profa. Suzete Wiziack e Profa. Icléia Vargas, pelas preciosas contribuições no exame de qualificação e por terem aceitado participar da banca de defesa.

À Profa. Angela Maria Zanon, minha orientadora, pelo acolhimento, por me passar segurança nos momentos de incerteza, pela paciência, compreensão e generosidade, além do apoio e direcionamento, visando ao aprimoramento da tese.

Aos meus companheiros Lis e Tuco (animais não humanos), pelo amor, pelo carinho, por suportarem minha irritabilidade e minha indisponibilidade para os passeios diários

e por estarem ao meu lado (às vezes, literalmente) nas madrugadas de estudo e de escrita da tese.

Por fim, a todos os meus amigos que torceram para que eu chegasse até aqui e que contribuíram para este momento.

Muito obrigada!

Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves. Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o verdor primal das águas com as vozes civilizadas (Barros, 2013, p. 184).

RESUMO

Nesta pesquisa, buscamos investigar a relação humano-natureza nos textos literários, baseando-se no diálogo entre a literatura e a educação ambiental como espaço fecundo para uma formação crítica, humana e de sensibilização de indivíduos acerca da problemática socioambiental. Ela surge da necessidade de promover estudos que tenham a intenção de refletir sobre os problemas ambientais, a fim de que sejam suscitadas possíveis soluções para minimizar as adversidades enfrentadas no tocante à questão socioambiental. Para tanto, encontra-se ancorada na perspectiva crítica da educação ambiental e nos estudos ecocríticos, que têm aprofundamento crítico e problematizador acerca da relação entre literatura e natureza no contexto literário. Dessa forma, as perspectivas teórico-metodológicas alçadas desta pesquisa permitem olhar de forma diferenciada para a questão da problemática ambiental. A tese está organizada em dois capítulos e considerações finais, além da introdução. No primeiro capítulo, o esforço inicial dirige-se à construção de um percurso teórico da educação ambiental, no qual fazemos um retrospecto de aspectos considerados importantes para a sua contextualização no mundo e no Brasil, bem como discorreremos brevemente sobre conferências e seminários que se destacaram ao difundir e expandir seus preceitos. Além disso, trouxemos a questão da compreensão e da necessidade de uma educação ambiental aberta a sensibilidades outras, outros sentidos, dentro da relação com o meio ambiente, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência ecológica baseada na sensibilidade ambiental. Apresentamos, ainda, os pressupostos teóricos da corrente literária Ecocrítica. Já no segundo capítulo, abordamos a leitura e análise da poética de Manoel de Barros que contempla a temática da natureza, além das considerações sobre a relação humano-natureza, ressaltando a maneira como sua poesia reafirma a importância dos “seres inúteis” e sua comunhão com o mundo natural, como espaço propício para fomentar a sensibilidade e a conscientização em face da questão ambiental. Diante do exposto, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, cujo modo de investigação se deu de maneira qualitativa. Seu *corpus* é formado por um conjunto de textos literários selecionados da obra de Manoel de Barros. A escolha teve como base a presença da temática ambiental nos escritos do poeta e, nesse sentido, neste estudo utilizamos os títulos “Poesia Completa” e “Memórias Inventadas”. Após a investigação, foram levantados os seguintes resultados: a poesia de Manoel de Barros possibilita a comunhão com o mundo natural, oferecendo uma outra forma de compreensão do mundo, baseada na ressignificação dos sentidos em relação ao planeta e dedicada a um pleno exercício de alteridade com os outros; e dialoga com os pressupostos da educação ambiental na medida em que potencializa, como instrumento de sensibilização, a elaboração de novos sentidos de reaproximação entre o humano e a natureza. Mediante uma relação ética, de cuidado, mostrando outras formas de ser e existir com a natureza, e ao comparar-se às árvores, aos pássaros, aos seres “ínfimos”, legitima a criação de uma linguagem inventiva, na qual a natureza se comunica, tem vida, voz e expressividade, permitindo-nos repensar e estabelecer uma relação mais próxima e não hierarquizada com o mundo natural, de forma a não saber os limites entre um e outro, onde ser árvore ou estar em estado de; é banhar-se de natureza a partir da sutileza e da fusão entre os diferentes seres.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Manoel de Barros; Ecocrítica; Humano; Natureza.

ABSTRACT

In this research we try to investigate the human-nature relationship in literacy based upon the dialog between literature and environmental education, being a rich space for a critical, human and individual awareness formation in socio-environmental field. This proposal came from the need of studies concerning environmental problems reflection, in order to provide solutions that may reduce the odds addressed to socio-environmental issues. So that this work is based upon critical framework of environmental education, as well as ecocriticism studies, that deliver critical and problem solving widening, concerning the relation between literature and nature in literacy context. In this way, theoretical and methodological approaches in the present work allow a different view to environmental issue. This thesis is organized in two chapters and final considerations, as well as the introduction. In the first chapter, starting efforts focus on building a theoretical path on environmental education, where we perform a retrospective view about aspects that we have been considered important for its context in Brazil and around the world. We also discuss briefly about the conferences and academic presentations that stood out to propagate and spread its principles. Moreover, we brought the understanding issue, as well as the need for an open environmental education addressed to other sensitivities, other feelings in a relation connected with the environment, for the development of an ecological consciousness that comes from environmental sensibility. We also presents theoretical approach of literacy manifestation of ecocriticism. The second chapter discusses reading and analysis of Manoel de Barros Poetry that encompasses nature theme, including considerations about human-nature relationship, enhancing the way his poetry reaffirms the importance of “useless beings” and their communion with natural world, such as a suitable place to foster sensibility and environmental consciousness. Thus, this is a bibliographical research that was conducted by qualitative methodology. The research corpus is composed by a group of literature texts provided from Manoel de Barros work. The material was sorted by considering environmental theme in his literary work, so that we report the use of “Poesia Completa” and “Memórias inventadas” in this study. The following results were found after investigations: Manoel de Barros poetry allows communion with natural world, providing another way to understand the world, based on the redefinition of feelings in relation to the planet, being committed to alterity. It is connected to environmental education framework, once his work is powerful, as a sensitization tool, by creating new feelings of rapprochement between human and nature, starting with an ethical relationship, with care, showing other manners of being and existing with nature. By comparing himself to trees, birds, “negligible” beings, he legitimizes the creation of an inventive language where nature communicates, with life, voice and expressiveness, and allows us to rethink and stablish a closer and non-hierarchical connection with natural world, in order to ignore the limits between them, where being tree, or being in a state of; is having a nature bathe from delicacy and merger between different beings.

Keywords: Environmental Education; Manoel de Barros; Ecocriticism; Human; Nature.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO	18
1.1 Sobre a Educação Ambiental Crítica	18
1.2 Ecologias inventivas: conversas sobre Educação Ambiental para os tempos atuais.....	42
1.3 Sobre a Ecocrítica.....	60
CAPÍTULO 2 – AS INUTILIDADES NA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS	72
2.1 Uma des-biografia do poeta Manoel de Barros.....	72
2.2 Educação Ambiental e Literatura: entrelaçamentos e possibilidades, do vício de amar as coisas do ínfimo.	79
2.3 Bernardo e o transfazer poético da natureza	144
CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
REFERÊNCIAS.....	160

INTRODUÇÃO

Considerando a realidade ambiental desoladora em que se encontra o Brasil e o mundo contemporâneo, provocada pela cisão entre sociedade e natureza, pelas crises que o planeta atravessa, pela degradação da natureza e da humanidade, pela flexibilização e pelo desmonte das políticas que regulam e protegem o meio ambiente, a Educação Ambiental se firma como uma das formas de enfrentamento dessa crise. No processo de compreensão e reflexão sobre a realidade na qual estamos inseridos, fundamentado em um aprendizado crítico e de enfrentamento, é necessário e urgente pensar em formas de combater a degradação ambiental e as desigualdades socioambientais, frutos de um modo de produção cruel, que atinge todas as espécies do planeta.

Dessa forma, surge a necessidade de promover estudos que tenham a intenção de refletir acerca dos problemas ambientais, a fim de que sejam suscitadas possíveis soluções para minimizar as adversidades enfrentadas no tocante à questão socioambiental, de modo a promover a reaproximação entre o humano e a natureza — para que não continuem sendo vistos como dimensões antagônicas, de forma que possamos nos enxergar como seres pertencentes à natureza.

Isto posto, nossa pesquisa está ancorada na perspectiva crítica da Educação Ambiental, que tem, entre os seus princípios, a potencialização da transformação das relações sociais e estabelece, a partir da instrumentalização dos sujeitos, a reflexão crítica da realidade, uma ação social politicamente autônoma e emancipatória. Baseia-se, ainda, nos estudos ecocríticos, que têm aprofundamento crítico e problematizador acerca da relação entre literatura e natureza no contexto literário e sua relação com o humano.

Dessa forma, as perspectivas teórico-metodológicas alçadas desta pesquisa permitem um olhar diferenciado para a questão da problemática ambiental. Todavia, para que isso ocorra, é fundamental aprofundar e problematizar o debate acerca desse tema. Assim, dispomos como problema principal a investigação da relação humano-natureza nos textos literários com base no diálogo entre literatura e Educação Ambiental, como espaço fecundo para uma formação crítica, humana e de sensibilização de indivíduos sobre a problemática socioambiental.

Para abordar tal temática, é fundamental aprofundar a análise da questão ambiental e desvelar como a natureza é problematizada nos textos literários propostos para investigação e desenvolvimento desta pesquisa. Assim, propusemo-nos a analisar, problematizar e entender a maneira como Manoel de Barros aborda a relação humano-natureza nos espaços percorridos pela poesia, buscando suas tessituras, ressignificações e sutilezas. A partir da forma como o poeta percebe e se relaciona com os seres que compõem o planeta em sua obra, objetivamos contribuir para uma possível reflexão, além de perspectivas possíveis, acerca da questão ambiental.

Ademais, por meio do fazer poético de Manoel de Barros — e mediante uma abordagem dialógica entre a Educação Ambiental crítica e a Ecocrítica —, pretendemos focar a ligação que se estabelece entre o humano e a natureza nos textos literários, utilizando-a como instrumento de investigação. Isso porque a literatura se constitui importante ferramenta de diálogo com o mundo, sendo promotora de sensibilização ambiental para construção de uma nova ética e para a ressignificação das relações entre sociedade e natureza.

Trilhando esse caminho, organizamos esta tese em dois capítulos e considerações finais, além desta introdução.

No primeiro deles, o esforço inicial se dirige à construção de um percurso teórico da Educação Ambiental, no qual fazemos uma retrospectiva de questões consideradas importantes para a sua contextualização no mundo e no Brasil, bem como discorreremos brevemente sobre a trajetória das conferências e dos seminários que se destacaram na difusão e expansão de seus preceitos. Além disso, trouxemos a questão da compreensão e da necessidade de uma Educação Ambiental aberta a sensibilidades outras, a diferentes sentidos dentro da relação com o meio ambiente, com vistas ao desenvolvimento de uma consciência ecológica baseada na sensibilidade ambiental, no cultivo da solidariedade e na responsabilidade de cada ser humano — missão da Educação Ambiental como princípio ético.

Ainda no primeiro capítulo, apresentamos os pressupostos teóricos da corrente literária Ecocrítica como abordagem que abarcou e problematizou o lugar da natureza nos estudos literários. Para tanto, alguns dos autores que embasaram a fundamentação teórica foram: Tozoni-Reis (2004); Loureiro (2012); Layrargues (2013); Reigota (2011); Leff (2001); Sauv e (2005); e Krenak (2020a; 2020b; 2020c). Cumpre ressaltar que tamb em discorreremos sobre a Educa o Ambiental cr tica, o seu

surgimento e a maneira pela qual se destacou como alternativa para contrapor a vertente conservadora, entre outras correntes dominantes no âmbito da Educação Ambiental.

No segundo capítulo, apresentamos a leitura e análise da poética de Manoel de Barros que contempla a temática da natureza, bem como as considerações sobre a relação humano-natureza, ressaltando a maneira como sua poética reafirma a importância dos “seres inúteis” e sua comunhão com mundo natural, como espaço propício para fomentar a sensibilidade e a conscientização em face da questão ambiental. Desse modo, utilizamos referenciais que dialogam com a questão ambiental: Leff (2012; 2015); Carvalho (2012); Layrargues (2012); Acosta (2016); Silva e Reigota (2010); Sato (2019); Guattari (2007); Guimarães (1995; 2000), entre outros. Por fim, registramos nossas considerações finais.

Com o suporte desses referenciais, foi possível perceber a comunhão de Manoel com os “seres inúteis”, observando como se dá a sua aproximação das coisas do chão e a sua consonância com a natureza. Sua poesia mostra-se repleta de elementos que possibilitam um espaço importante de interlocuções com os saberes ambientais e de reflexão sobre a relação humano-natureza, principalmente sob uma perspectiva não antropocêntrica, buscando, assim, dispor os preceitos da Educação Ambiental crítica e a determinação de uma nova ética de comportamento humano, bem como superar os mecanismos de desigualdade socioambiental.

Inicialmente, estabelecemos esta pesquisa com base na concepção da Educação Ambiental como processo político, crítico, reflexivo, com a finalidade de construir sociedades sustentáveis, transformadoras e socialmente justas. Do mesmo modo, justificamos a pesquisa considerando a relevância do enfoque da questão humano-natureza que, por meio da literatura e sob o olhar ecocrítico, pode contribuir para o debate socioambiental como espaço fecundo para a reflexão crítica e formação de sujeitos. Isso porque ela reflete uma possibilidade de leitura do mundo, atuando como ferramenta de contextualização dos processos que se inserem nas relações sociais e que atingem o contexto socioambiental.

Além disso, a literatura é uma ferramenta para o exercício da reflexão, tanto na interiorização de conhecimentos quanto no desenvolvimento do senso crítico, e um importante instrumento humanizador, que permite a ampliação de saberes a respeito da complexidade do mundo e de suas relações entre as espécies. "A literatura

desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CÂNDIDO, 2004, p. 180), de forma a colaborar para o desenvolvimento da consciência socioambiental, potencializar a mudança de atitudes e valores em relação à questão socioambiental e estabelecer uma nova forma de pensar o mundo.

Ademais, a relevância desta pesquisa está na necessidade de ressaltar a importância da Educação Ambiental como uma política imprescindível para se discutir a problemática ambiental e ressignificar a relação com a natureza e com o mundo. E a literatura, por meio de seus diversos gêneros, constitui-se ferramenta que potencializa o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo e reaproximador na relação do humano com a natureza, fazendo com que os indivíduos se percebam na condição de elementos da natureza. Também reforça a luta por uma educação em busca de um processo permanente de formação humana e sensibilização na superação de paradigmas que fragmentam o saber e que dissociam o humano da natureza e de sua própria espécie.

Dessa forma, esta pesquisa tem como objetivo geral investigar a questão ambiental e a relação humano-natureza nos textos literários com base no diálogo entre literatura e Educação Ambiental, como espaço fecundo para uma formação crítica, humana e de sensibilização de indivíduos sobre a problemática socioambiental.

Com relação aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico, como procedimento importante na produção do conhecimento científico, na qual tivemos contribuições teóricas diversas sobre a temática estudada e que nos auxiliaram na compreensão do objeto de investigação. Essa forma de pesquisa é desenvolvida a partir de fontes bibliográficas e, segundo Gil (2008, p. 50), “[...] a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. E por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, utilizamos as contribuições teóricas das produções existentes para nos auxiliar a compreender o objeto de estudo.

O modo de investigação desta pesquisa se deu de maneira qualitativa, cuja finalidade, segundo Minayo (2007, p. 22), é "Compreender relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações e a partir desse conjunto de fenômenos humanos

gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade". E o fazemos sob a interlocução com diversos autores que dialogam com a temática ambiental, mediante uma leitura interdisciplinar.

O *corpus* desta pesquisa é formado por um conjunto de textos literários selecionados da obra de Manoel de Barros, cujas análises estão disponíveis no segundo capítulo. A escolha teve como base a presença da temática ambiental nos escritos do poeta, mostrando a forma como se dá a aproximação entre o humano e a natureza. Assinalamos que para este estudo foram utilizadas as obras "Poesia Completa", publicada em 2013 pela editora LeYa, e "Memórias Inventadas", publicada em 2018 pela editora Alfaguara — livro que não participou da composição de "Poesia Completa", por isso sua escolha.

O instrumento fundamental para este estudo baseou-se na leitura minuciosa de sua obra, para, em seguida, selecionarmos os textos, de modo a identificar e problematizar a forma como trazem a questão ambiental, a maneira como se dá a aproximação com o mundo natural e a relação entre o humano e a natureza por meio da literatura, refletindo como os elementos da natureza são representados nos textos literários escolhidos e como podem contribuir para a questão ambiental.

Em seguida, considerando que a Ecocrítica não possui um método próprio de análise, ancoramo-nos nas correntes epistemológicas com as quais dialogamos para nos auxiliar nas análises, sob uma perspectiva interdisciplinar.

Assim, a leitura crítica dos textos ocorreu de maneira a estabelecer o diálogo entre o discurso literário e o discurso ambiental, identificando as interconexões que podem ser estabelecidas com base em um olhar sensível, que possa contribuir para a construção de uma nova forma de nos relacionar com a natureza e potencializar um novo olhar para as coisas do mundo — tanto quanto para a concepção de uma sociedade ambientalmente equilibrada e socialmente justa, que contribua para o processo de transição para uma sociedade sustentável, capaz de enfrentar esta crise que ameaça colapsar o equilíbrio ecológico do planeta e a própria continuidade da vida humana.

Destacamos que a escolha pela leitura crítica em vez de uma análise pormenorizada, esmiuçada dos textos literários, deve-se ao fato de o próprio poeta Manoel de Barros não recomendar essa prática com sua poética. Nas palavras dele: "Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede: procure

ser árvore" (BARROS, 2013, p. 163). Com base nessa ideia, procuramos dialogar com a poética de Barros mais do que propriamente analisá-la. Além disso, pedimos permissão para tratar o poeta por "Manoel" em alguns momentos ao longo desta tese, pois em muitos instantes durante a leitura de suas obras, a sensação era de que estávamos conversando, dialogando, poetizando, sentindo o vento e bebericando um café (ou quem sabe um *whisky*), tal era a proximidade e o prazer da sua companhia travestida de poesia.

E, a partir daqui, peço licença e escrevo na 1ª pessoa do singular para discorrer sobre questões que considero importantes de serem ditas sobre esta pesquisadora.

Sou proveniente da escola pública, da classe trabalhadora. Filha de uma professora da educação básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo, hoje aposentada, que não mediu esforços para que os filhos estudassem, e de um ex-trabalhador da antiga ferrovia Fepasa, também aposentado. Minha infância e adolescência foi vivida em Apiaí, município da região do Vale do Ribeira, interior de São Paulo, cercado pela Mata Atlântica e porta de entrada para o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira — Petar. Então, desde pequena tive oportunidade do contato com o meio natural nos passeios escolares e nas imersões pela natureza da região.

Tive uma infância subindo em árvores, brincando com terra, jogando bola e brincando na rua, espaço lúdico e divertido de uma criança inquieta, movida por brincadeiras e travessuras. E por falar nisso, gostava de brincar com formigas. Lembro-me que era divertido acompanhá-las, enfileiradas, até o ninho, na tentativa de entender como a espécie se relaciona, observando que os indivíduos dividiam o alimento que carregavam.

Dessa forma, identifico-me com Manoel, com suas memórias de infância inventiva, experienciada em comunhão com os bichos, relembro-a com saudade, como descreve o poeta: "Como é bom a gente ter tido infância para poder lembrar-se dela. E trazer uma saudade muito esquisita escondida no coração" (BARROS, 2013, p. 58). E, assim como foi para o poeta, a infância inquieta é lugar privilegiado ao despertar o interesse em nós pelas coisas sem utilidade e da ingenuidade, do imaginário.

Iniciei minha formação acadêmica cursando bacharelado em Serviço Social e me formei em 2007, profissão que exerço até hoje, tendo passado por algumas instituições no serviço público municipal das cidades de Apiaí e Curitiba. Desde 2014

sou servidora pública federal, atuando como assistente social no Instituto Federal de Mato Grosso do Sul — IFMS.

Fiz uma segunda graduação, na qual me formei em Letras por meio da Política Educacional de Interiorização da Universidade Pública do governo do presidente Luiz Ignácio Lula da Silva, na qual as universidades ofereciam cursos em lugares longínquos do Brasil às populações que não tinham acesso ao ensino superior público e gratuito, de modo que pude realizar o curso de licenciatura pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul — UFMS residindo em Apiaí-SP.

A mudança para Campo Grande ocorreu em 2014 para assumir o cargo no serviço público federal que atualmente ocupo, e foi nesse período que esta história começou a ser construída. Isso porque, nesse ano, a cantora Daniela Mercury veio à Cidade Morena realizar dois shows beneficentes em prol do Hospital do Câncer da cidade. O show contemplaria apenas canções da Música Popular Brasileira — MPB e não de axé, estilo musical que consolidou a carreira da cantora baiana. E nos embalos de uma sexta-feira à noite, no Centro de Convenções Rubens Gil de Camilo, Daniela adentra o palco declamando um poema, para só depois começar a cantar. A poesia era de Manoel de Barros e a plateia retribuiu à altura o gesto de carinho e reconhecimento da cantora ao poeta — durante o show, ela fez outras declamações de poemas de Manoel. A resposta vibrante da plateia com a atitude da cantora me fez perceber o encantamento que a poesia causara nas pessoas que ali estavam. Naquele mesmo ano, em 14 de novembro, Manoel veio a falecer, e está por aí, voando, feito passarinho.

Em seguida, cursei mestrado pelo Programa de Estudos de Linguagens, na UFMS, sob a perspectiva dos Estudos Animais, campo de estudo teórico-literário que aborda a presença do animal na literatura e as relações entre animais humanos e não humanos, na qual pude conhecer e me debruçar nos estudos relacionados à poesia de Manoel de Barros, entre outros autores. Por fim, ao passar no processo seletivo de doutorado do Programa de Ensino de Ciências, também na UFMS, na área de concentração em Educação Ambiental, deparei-me com o desejo de dialogar com a poesia de Manoel de Barros e com a Educação Ambiental. O caminho percorrido até aqui me possibilitou um aprendizado fundamental no que se refere à produção de conhecimento.

Assim, desejo aos interessados nesta pesquisa uma excelente leitura. Que ela possibilite viajar por esse diálogo entre a Educação Ambiental e a poesia de Manoel de Barros com base na incompletude das ideias aqui colocadas. Pois falar de Manoel é isso, utilizar-se da comunhão com o meio natural como uma nova forma de compreensão do mundo, daquilo que realmente é essencial.

CAPITULO 1 - REFERENCIAL TEÓRICO

É um olhar para o ser menor, para o insignificante que eu me
criei tendo. O ser que na sociedade é chutado como uma
barata – cresce de importância para o meu olho.
Manoel de Barros

1.1 Sobre a Educação Ambiental Crítica

É diante de uma crise socioambiental aguda, provocada pela forma hegemônica de pensar e viver, por um modo de produzir e consumir que se globalizou — baseado em um modelo de economia exploratória, excludente — e pelas degradações socioambientais que têm levado ao colapso as condições de sustentabilidade da vida, que a Educação Ambiental se origina entre as décadas de 1960 e 1970, por meio do movimento ambientalista.

Além do movimento ambientalista atento à degradação ambiental, e mediante a necessidade de uma outra forma de se relacionar com a natureza, outros grupos sociais preocupados com o modelo de produção e consumo ganharam espaço no debate público. Assim, mobilizaram-se movimentos estudantis, *hippies*, antinucleares, assim como o movimento feminista, entre outros coletivos insatisfeitos "[...] com os padrões societários e as incertezas quanto aos riscos futuros ganham dimensões que vieram a influenciar agentes sociais de todos os países" (LOUREIRO, 2012, p. 71).

Em meio a esses movimentos, destacamos o grupo de mulheres indianas, que foi fundamental para promover a mudança do papel do gênero feminino no contexto de luta ambiental e para a expandir os preceitos do ecofeminismo no mundo. O movimento ambientalista ficou conhecido como *Chipko*, que na língua hindu significa “abraçar”. O ato teve repercussão em todo o mundo e foi liderado por mulheres camponesas indianas nos anos 1970, na região do Himalaia, configurando como atitude de resistência o ato de mulheres abraçarem as árvores, de maneira a interpor seus corpos diante da ameaça de derrubada e a defender seu território.

O movimento pretendia não só a proteção das árvores, mas a sobrevivência de comunidades tradicionais e o fortalecimento de grupos subalternizados e seu modo de vida, visto que eram das florestas que as mulheres coletavam meios para subsistência de suas famílias, contrapondo a maneira economicista como as florestas eram transformadas em mercadoria e entregues ao capital privado.

No que concerne ao movimento *Chipko*, cumpre-nos destacar a fala da pesquisadora e ativista ambiental Shiva (2003), uma das precursoras desse ato e crítica ferrenha da monocultura, das grandes corporações das áreas de sementes, agrotóxicos e fertilizantes:

Minha preocupação com as monoculturas começou com o movimento Chipko, em Garhwal, no Himalaia. As camponesas de Garhwal sabiam que as monoculturas de pinheiros não eram florestas, que não tem condições de realizar as múltiplas funções e fornecer água e conservar o solo, nem de prover as diversas comunidades com espécies que possam servir de alimentos, forragem, fertilizantes, fibras e combustíveis [...] (SHIVA, 2003, p. 15-16).

A posição da estudiosa se dá em virtude de o cultivo de monoculturas ser extremamente prejudicial à diversidade do planeta, ação que é incentivada e financiada por grandes empresas e multinacionais com o intuito de obter o controle do sistema de produção, realizando a devastação da sabedoria tradicional relacionada ao cultivo da terra dos povos de tradições milenares.

O movimento liderado por mulheres foi fundamental na luta contra a degradação ambiental na região e, por conseguinte, na aquisição de uma consciência ecológica quanto aos bens naturais e à dominação de gênero, já que a exploração da natureza faz parte do mesmo viés produtivo e econômico que posiciona a mulher na externalidade em relação às decisões sociais, políticas e econômicas. Desse modo, o movimento foi fundamental para que a visão crítica das mulheres no tocante à questão ambiental e à destruição da biodiversidade fosse incorporada nos processos de decisão, assim como a necessidade de dissipar outras formas de relação entre humano e natureza.

Desde a Revolução Industrial, a relação entre sociedade e natureza vem se tornando predatória. O mundo assistiu a muitas reações e, em especial, o ano de 1972 foi significativo para o movimento ambientalista, que culminou com a primeira Conferência Mundial do Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, na Suécia, convocada pela Organização das Nações Unidas — ONU. De acordo com Tozoni-Reis (2004, p. 4), "Nessa conferência, a educação dos indivíduos para o uso mais equilibrado dos recursos foi apontada como uma das estratégias para a solução dos problemas ambientais", além de ser projetada mundialmente a necessidade de se trabalhar o ambiente e a educação.

Conforme Oliveira *et al.* (2020), foi na Conferência de Estocolmo que a Educação Ambiental surgiu como uma das soluções para o combate à crise ambiental,

e muitos países se comprometeram a estabelecer medidas e diretrizes para incluí-la nos currículos de seus sistemas educacionais. Só então, conforme destaca Castro (2009, p. 175), a Educação Ambiental foi “[...] reconhecida como instrumento decisivo para promover as mudanças de paradigmas na humanidade, objetivando-se sua orientação e inspiração necessária para preservar e melhorar a qualidade do ambiente”.

A partir dessa Conferência, a Educação Ambiental tornou-se um campo específico e reconhecido. Destarte, foram realizados outros eventos relacionados à temática, entre eles o Seminário Internacional sobre a Educação Ambiental em Belgrado, na Iugoslávia, em 1975; e a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental em Tbilisi, na Geórgia, antiga república soviética, em 1977.

No Seminário Internacional de Belgrado, discutiu-se a importância da implementação de uma política de Educação Ambiental como elemento fundamental para o combate à crise ambiental e a necessidade de um novo modelo de desenvolvimento, comprometido com o combate à miséria, ao analfabetismo, à poluição, à exploração humana e à degradação dos bens naturais. Conforme destaca Tozoni-Reis (2004, p. 4), "A Carta de Belgrado define a estrutura e os princípios básicos da Educação Ambiental, identificando o crescimento econômico como controle ambiental e como o conteúdo da nova ética global". Além disso, o documento propõe que essa política de Educação Ambiental seja constituída como um processo contínuo e permanente, organizada de maneira formal e não formal, de caráter interdisciplinar, direcionada a crianças e jovens e sendo capaz de gerar novos valores e atitudes que coadunam com a sustentabilidade no planeta.

Já a Conferência Intergovernamental de Tbilisi constituiu-se um dos principais eventos internacionais relacionados à Educação Ambiental, reconhecida como encontro de referência, considerando-se a participação massiva de representações de Estado. O evento definiu como função da Educação Ambiental a criação de uma consciência referente aos problemas ambientais. Segundo Loureiro (2012a, p. 79), a definição “[...] aponta para a Educação Ambiental como o meio educativo pelo qual se podem compreender de modo articulado as dimensões ambiental e social, problematizar a realidade e buscar as raízes da crise civilizatória”. Vale destacar, ainda, que uma das recomendações importantes dessa conferência para a Educação

Ambiental foi a implementação de políticas públicas e avaliações sistemáticas, com o objetivo de estabelecer e universalizar a Educação Ambiental.

E, diferentemente do Seminário de Belgrado, a Conferência de Tbilisi reformulou diversos conceitos, destacando a necessidade da interdisciplinaridade baseada na cooperação entre as disciplinas tradicionais. Outrossim, não direcionou a Educação Ambiental apenas para crianças e jovens, mas para todas as idades. No entanto, o documento deixou de trazer elementos fundamentais no que diz respeito à dimensão ambiental no currículo. Apesar disso, essa Conferência foi reconhecida como um momento de grande relevância, uma vez que o documento constituiu-se uma ruptura com as práticas de educação conservacionista, ingênua e simplista, conforme discorre Leff (2001, p. 125-126):

Muitos países não assumiram os compromissos de Tbilisi de incorporar a educação ambiental em todos os níveis educativos. A educação ambiental foi reduzida a um processo geral de conscientização cidadã, à incorporação de conteúdos ecológicos e ao fracionamento do saber ambiental a uma capacidade aligeirada sobre os problemas pontuais, nos quais a complexidade do conceito de ambiente foi reduzida e mutilada, perdendo de vista a construção de outra racionalidade produtiva que encontre outras bases para o falso dilema do neoliberalismo ambiental entre o crescimento econômico e os custos ecológicos (LEFF, 2001, p. 125-126).

Outro evento de grande relevância para a Educação Ambiental foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que ocorreu no Rio de Janeiro em 1992. Conhecida como Rio-92, ela foi importante por ter ampliado os princípios e as recomendações da Conferência de Tbilisi, destacando a necessidade de consciência no que tange à questão ambiental, de forma a modificar comportamentos, valores e atitudes, orientando o ensino para a sustentabilidade ambiental para a qual, aliás, a Educação Ambiental deveria se voltar.

Paralelo à Rio-92, ocorreu o Fórum Internacional das Organizações Não-Governamentais, no qual foi pactuado o "Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis", instrumento que permitiu incluir posições da sociedade civil a respeito de questões relacionadas ao meio ambiente. De acordo com Tozoni-Reis (2004, p. 6), "O tratado reconhece a educação como direito dos cidadãos e firma posição na educação transformadora, convocando as populações a assumirem suas responsabilidades, individual e coletivamente, e a cuidar do ambiente local, nacional e planetário".

Nesse sentido, o Tratado coloca que a Educação Ambiental deve se posicionar sob uma perspectiva crítica, interdisciplinar, e ter como objetivo a construção de sociedades sustentáveis, socialmente justas e ecologicamente equilibradas, para gerar consciência e harmonia entre os seres humanos e a natureza. Também posiciona a interdisciplinaridade como importante instrumento para que "[...] a educação possa assumir seu papel na construção de sociedade sustentável pela promoção do pensamento crítico e inovador dos sujeitos/educandos, respeitando a diversidade cultural e promovendo a integração entre as culturas" (TOZONI-REIS, 2004, p. 7).

E a partir da década de 1990, iniciou-se um período de reflexão sobre o grau de degradação do meio ambiente. Diversas conferências e encontros ocorreram com o intuito de procurar soluções globais para os problemas ambientais, tendo como finalidade gerar ações de cooperação entre os países e de setores importantes da sociedade, visando à proteção da integridade ambiental e ao desenvolvimento mundial. Entre os encontros para definir medidas e esforços voltados à questão ambiental, destacamos a Cúpula da Terra de 1992 (ECO 92), na qual se pretendeu gerar ações para a criação de um mundo sustentável.

Na Conferência Rio+20, vinte anos após a ECO 92, ficou evidente a ausência de comprometimento de muitos países com acordos ambientais firmados em 1992, visto que as políticas econômicas e sociais se apresentavam pouco favoráveis no tocante à questão ambiental, mesmo considerando e admitindo os diversos problemas socioambientais que foram se apresentando ao longo do tempo (desmatamento, contaminação das águas, crescente uso de agrotóxico, má distribuição de renda etc.) — considerando, ainda, que eles frequentemente voltam à pauta de discussões de organismos internacionais.

É a partir desses desafios que a Educação Ambiental foi expandindo seu campo de atuação, próxima à área educacional e em diálogo com suas teorias críticas, envolvida na busca por transformações nas relações socioambientais e na construção de sociedades sustentáveis, justas e menos desiguais, uma vez que os problemas ambientais têm raízes histórico-políticas. Então, para transformá-la, faz-se necessário que a cidadania e a questão ambiental caminhem juntas, por meio de uma apropriação crítica e reflexiva da questão ambiental, permitindo a construção de espaços de disseminação de valores éticos e a mudança do modelo de desenvolvimento que

promove relações menos predatórias entre a sociedade e a natureza, garantindo um ambiente sadio no planeta.

Desde então, a institucionalização da Educação Ambiental no Brasil ocorreu a partir de inúmeras correntes teórico-político-pedagógicas, que foram amadurecendo com as transformações ocorridas na sociedade. As pesquisas e discussões atreladas aos problemas socioambientais foram ganhando destaque, tendo em vista a extensa exploração dos bens naturais, bem como os avanços em relação às legislações e políticas públicas que, a partir da criação da Política Nacional de Educação Ambiental — PNEA (Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999), promovem discussões e o fortalecimento do tema no país.

Para Loureiro (2012a, p. 94), a Lei do PNEA apresenta "[...] preocupação com a construção de condutas compatíveis com a 'questão ambiental' e a vinculação de processos formais de transmissão e criação de conhecimentos e práticas, numa defesa das abordagens que procuram realizar a práxis [...]". Essas práxis educativas se dariam por meio de um conjunto de atividades curriculares e extracurriculares, possibilitando que o estudante, dessa forma, utilizasse a questão ambiental em seu cotidiano no ensino formal.

Nesse sentido, a Educação Ambiental surge como instrumento de aprendizagem e sensibilização dos indivíduos em busca de uma relação natural com o meio ambiente; ou seja, intrínseca ao humano, de modo que tratá-la apenas como um processo de transmissão de conteúdo das ciências ambientais é praticar um reducionismo da sua essência. Ela tem como um de seus objetivos, na qualidade de posição transformadora, contribuir para a construção de uma sociedade sustentável ambientalmente, economicamente e socialmente mais justa.

Nas palavras de Reigota (2011, p. 9), a Educação Ambiental e a sua continuidade advêm da relevância das "[...] nossas respostas aos desafios que surgem nas escolas, nas florestas, nos sindicatos, nas igrejas, nos movimentos sociais, nas empresas, nas universidades, nos museus, nas ruas etc., esperando torná-la elemento intrínseco do nosso cotidiano". Além da necessidade de entrelaçá-la ao nosso cotidiano, a Educação Ambiental pressupõe uma educação política, uma participação da sociedade nas decisões políticas, baseada em princípios éticos e ecológicos.

A Educação Ambiental foi concebida por diversas abordagens teóricas que permitiram escolher caminhos epistemológicos, pedagógicos, éticos e políticos para tratar de problemas ambientais. Entretanto, não é possível demarcar o momento ou a partir de quando surgiram as diferentes percepções e correntes político-pedagógicas na Educação Ambiental. Dessa forma, sabe-se apenas que as discussões sobre o tema se desenrolaram no início da década de 1990, momento em que essa educação se desprende da concepção conservadora e reconhece a dimensão social do ambiente.

Para isso, foram criadas várias denominações com o intuito de diferenciar a prática da Educação Ambiental ao longo dos anos, a saber: Naturalista, Conservacionista, Resolutista, Sistêmica, Científica, Humanista, Moral/Ética, Holística, Biorregionalista, Prática, Crítica Social, Feminista, Etnográfica, Ecoeducação e Sustentabilidade (SAUVÉ, 2005).

A educação ambiental sob a vertente crítica configurou-se uma corrente, cujo processo é educativo e de caráter político, e despontou como uma alternativa para contrapor a vertente conservadora que dominou a Educação Ambiental por longos anos — concebida sob um viés despolitizado e que reduzia a problemática ambiental para a condição do humano como causador da crise ambiental, desconsiderando qualquer recorte social que interfira nessa problemática. Ela se solidificou como uma corrente comprometida com o processo de ensino fortemente ligada à transformação social, posicionando-se contra as correntes reducionistas e conservadoras da Educação Ambiental, sendo que, segundo Layrargues e Lima (2014),

O amadurecimento dessa perspectiva ressignificou a identidade da Educação Ambiental “alternativa” fixando-lhe novos adjetivos: crítica, emancipatória, transformadora, popular. Isso porque essa opção pedagógica se nutriu do pensamento Freireano, dos princípios da Educação Popular, da Teoria Crítica, da Ecologia Política e de autores marxistas e neomarxistas que pregavam a necessidade de incluir no debate ambiental a compreensão dos mecanismos da reprodução social, de que a relação entre o ser humano e a natureza é mediada por relações sócio-culturais e de classes historicamente construídas (LAYRARGUES e LIMA, 2014, p. 29).

Segundo Sauv  (2005), essa corrente caracteriza-se por questionar as correntes dominantes e por analisar a problemática ambiental com base na dinâmica social, em uma postura crítica e com um componente político. Sua intenção está na libertação, na transformação social e ecológica. Além disso, ela se destaca por se preocupar com o diálogo de saberes, “[...] saberes científicos formais, saberes

cotidianos, saberes de experiência, saberes tradicionais, etc. É preciso confrontar estes saberes entre si, não aceitar nada em definitivo, abordar os diferentes discursos com um enfoque crítico para esclarecer a ação" (SAUVÉ, 2005, p. 31).

Essa abordagem da Educação Ambiental encontra-se ancorada em uma construção crítica transformadora das relações sociais, comprometida com o processo de ensino e com a transformação social em uma sociedade estruturalmente desigual. Entende, ainda, o processo educacional como um espaço de construção e de enfrentamento das contradições do modo de produção capitalista e de suas políticas neoliberais condicionadas à exploração dos recursos naturais e do trabalho, perpetuando, assim, as desigualdades sociais e econômicas.

Nessa visão, Loureiro (2012a) reforça que

Numa perspectiva histórica e crítica, a atribuição central da Educação Ambiental é fazer com que as visões ecológicas de mundo sejam discutidas, compreendidas, problematizadas e incorporadas em todo tecido social e suas manifestações simbólicas e materiais, em um processo integral e integrador e sem imposição de uma única concepção hegemonicamente vista como verdadeira (LOUREIRO, 2012a, p. 45).

Essa vertente apresenta-se como uma nova forma de compreender as transformações e consequências da devastação dos bens naturais, de refletir a questão ambiental e sua relação com o humano e de respeitar os limites da natureza. Também reflete uma tomada de consciência referente ao grau de degradação ambiental com a problemática ambiental contemporânea e a necessidade de um estudo mais profundo e sistemático sobre a temática. Dessa maneira, ela pode ser percebida como "[...] uma filosofia da educação que busca reorientar as premissas do pensar e do agir humano, na perspectiva de transformação das situações concretas e limitantes de melhores condições de vida dos sujeitos – o que implica mudança cultural e social" (TORRES; FERRARI; MAESTRELLI, 2014, p. 14).

Loureiro e Layrargues (2013) acreditam que a Educação Ambiental crítica nos leva, sobretudo, à consciência necessária quanto aos condicionantes historicamente produzidos e que implicam na reprodução social geradora de desigualdade e conflitos ambientais. Para os autores, trata-se de um instrumento fundamental para trabalhar a autonomia e a liberdade dos indivíduos em face das relações de opressão e dominação peculiares à modernidade capitalista. Uma Educação Ambiental que pensa o meio ambiente pela interdisciplinaridade e não apenas como sinônimo de natureza, mas como instrumento de cultura, de interação entre os sujeitos, permitindo uma visão integrada entre sociedade-natureza.

Sua origem remete a meados da década de 1980 e início dos anos 1990, com o processo de redemocratização da sociedade brasileira, o que favoreceu a retomada de movimentos sociais de cunho emancipatório e o fortalecimento de perspectivas críticas na educação e da educação popular (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013, p. 64-65).

A partir de então, a Educação Ambiental crítica passou a ser vista como um processo contínuo de aprendizagem que permite a indivíduos a tomada de consciência em relação ao meio ambiente por meio da produção, da transmissão de conhecimento e valores, da formação humana e política em contínua reflexão sobre as condições de vida e da superação das relações de poder, em especial daqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade socioambiental.

Com a Educação Ambiental, percebe-se a educação como instrumento de transformação social, inspirada no diálogo de saberes, na valorização das diferentes formas de saberes, no fortalecimento das classes menos favorecidas pelo pleno exercício de sua cidadania, na compreensão das múltiplas complexidades e na superação das formas de dominação do capitalismo e das políticas neoliberais.

É necessário compreender que a Educação Ambiental não busca apenas mudanças comportamentais individuais, mas, sobretudo, mudanças coletivas e participativas. Isso com base em processos educacionais, a fim de formar uma sociedade constituída por seres com capacidade de leitura crítica e com consciência socioambiental, capazes de indignar-se e mobilizar-se diante da realidade socioambiental predatória e desigual, atuando em espaços públicos e democráticos como objeto para pensar, refletir e transformar a realidade.

Leff (2002) defende a epistemologia ambiental como uma forma de superação da crise ambiental:

A epistemologia ambiental é uma política do saber que busca a sustentabilidade da vida. Para além do propósito de internalizar o ambiente externalizado da centralizada do conhecimento e do assédio do poder da ciência; para além do acoplamento da teoria e do pensamento com uma realidade dada, a epistemologia ambiental muda as formas de ser no mundo na relação que o ser estabelece com o pensar, com o saber e o conhecer. É uma epistemologia política da vida e da existência humana (LEFF, 2002, p. 14).

Para o teórico, tal epistemologia tem o ambiente como seu objeto de reflexão e como finalidade a construção de um novo saber ambiental, baseado em uma abordagem crítica da (res)significação do mundo, que emerge do campo dos saberes renegados, que reconhece a identidade, o conhecimento dos povos tradicionais, e que abre caminho para um novo saber, para uma nova racionalidade, “[...] para os ‘fins’ da

sustentabilidade da equidade e da justiça social” (LEFF, 2012, p. 42). Como um movimento político, que visa despertar para uma consciência socioambiental com o intuito de mudança na estrutura da sociedade.

Além disso, a corrente crítica da Educação Ambiental traz uma abordagem que problematiza o contexto das relações sociais e sua interface com a natureza, que coloca as dimensões sociais e ambientais como indissociáveis, de modo que a crise ambiental se origina e se forma nas relações sociais, no modelo de sociedade e na maneira como ela se desenvolve. Logo, compreendemos que a Educação Ambiental, sob o viés crítico, coaduna com os preceitos da Ecocrítica, estabelecendo uma relação fecunda com a intenção desta pesquisa, que é de identificar as relações dialógicas entre obras literárias e a Educação Ambiental.

Ademais, ambas as correntes teóricas se abrem para um olhar interdisciplinar com vistas à melhor compreensão do outro, preconizam sensibilização sobre a crise socioambiental que se alastra vertiginosamente pelo planeta, realçam a importância de olhar a diversidade e pluralidade do mundo e buscam ressignificar as falsas dualidades relacionadas ao paradigma cartesiano e aos preceitos antropocêntricos que foram incorporados nas relações entre o humano e a sociedade, bem como entre a sociedade e a natureza, para a construção de sociedades mais justas e com consciência socioambiental.

Na qualidade de processo educativo, a Educação Ambiental, tem como papel a mediação no que tange à apropriação de conhecimento ambiental, transformando-o em ação socioambiental e instrumento de transformação social com consciência política, que pode estimular a criticidade e o exercício da prática social atrelada ao compromisso ético ambiental, conforme dispõe Tozoni-Reis (2001):

[...] imprimir o desenvolvimento individual um caráter social em sua relação com a natureza e com os outros seres humanos, como o objetivo de potencializar essa atividade humana, tornando-a mais plena de prática social e de ética ambiental. Nesse sentido, educação ambiental exige sistematização através de metodologias que organize os processos de transmissão/apropriação crítica de conhecimentos, atitudes e valores políticos, sociais e históricos (TOZONI-REIS, 2001, p. 42).

Dada a importância da integração de diferentes saberes, constituídos a partir da participação da sociedade com posicionamento reflexivo e crítico, a fim de construir uma racionalidade que induza à modificação de paradigmas científicos tradicionais, os novos desafios para a incorporação de um saber ambiental referem-se ao

posicionamento diante das transformações socioambientais rumo ao processo de intervenção no mundo. Para isso, é fundamental conduzir uma formação ambiental que, nas palavras de Leff (2001), é necessária para assimilar e compreender as transformações "[...] da realidade causada pela problemática do desenvolvimento. A formação implica um processo mais orgânico e reflexivo de reorganização do saber e da sociedade na construção de novas capacidades para compreender e intervir na transformação do mundo" (LEFF, 2001, p. 254).

Assim sendo, a degradação ambiental, as condições precárias de saúde e as condições de vida no planeta são apenas alguns entre tantos problemas contundentes. E para auxiliar esse grande desafio, no desenvolvimento de uma consciência ambiental fundamental, é preciso estabelecer relações com outros saberes, como uma ferramenta num processo interdisciplinar.

Nesse sentido, Layrargues (2012) salienta que a exploração de recursos naturais com o objetivo de ganhos monetários a curto prazo demonstra a incorreta percepção sobre o patrimônio ambiental, o qual deveria ser visto como pertencente à coletividade e não como um bem individual. Dessa forma, a Educação Ambiental tem papel primordial na mudança de percepção quanto à visão coisificada da natureza, visto que sua difusão permite vislumbrar o ambiente a partir da integração entre humano e natureza e não na sobreposição de um sobre o outro. Para isso, é fundamental inserir-se em um processo educativo, de modo a romper o imediatismo e o pragmatismo do senso comum, bem como avançar na perspectiva para construção de estratégias, almejando ampliar a consciência socioambiental.

A relação que desenvolvemos com o meio ambiente foi construída historicamente, de forma que a crise ambiental também é uma construção histórica: "Desde a Revolução Industrial, a atividade interventora e transformadora do homem em sua relação com a natureza vem tornando-se cada vez mais predatória [...]" (TOZONI-REIS, 2004, p. 3). Desde então, as preocupações com a questão ambiental só vêm aumentando e, ainda hoje, deparamo-nos com uma sociedade desprovida de conhecimento em face da necessidade de enfrentamento dos problemas ambientais. A discussão a respeito da educação no mundo atual vem despertando a preocupação de uma grande parcela da sociedade, apontando a necessidade urgente de políticas públicas de Educação Ambiental para combater os problemas gerados pelos conflitos socioambientais.

Além disso, é necessário sensibilizar a sociedade, baseando-se em processos educativos relacionados a questões socioambientais e em uma perspectiva emancipatória e crítica. Também é preciso pensar na formação de sujeitos críticos, mais solidários e conscientes de sua atuação diante de questões socioambientais e, especialmente, cientes de seus papéis políticos como sujeitos históricos. Ademais, é relevante refletir acerca da construção de um saber ambiental articulado com a valorização do conhecimento, de atitudes e princípios da formação crítica para o exercício da cidadania que possibilitem “[...] participar ativamente, perguntando, buscando os diferentes pontos de vista, formulando respostas, hipóteses, ou seja, significa agir como um cidadão que sabe ‘ler’ as relações naturais e sociais que constituem os fatos ambientais”. (CARVALHO, 1998, p. 35). Essas estratégias são essenciais tanto para o desenvolvimento e compreensão adequada dos problemas ambientais quanto para a problematização na realidade na qual se está inserido.

A prática interdisciplinar da Educação Ambiental dialoga com diversos saberes e tem como grande desafio romper a lógica cartesiana, que se perpetrou por longos anos, sendo uma das responsáveis pela fragmentação dos saberes. Tem como pressuposto a construção de valores e práticas que não sejam apenas pautadas por uma necessária conscientização ambiental, mas, sobretudo, por uma ruptura com os padrões individualistas, conservadores e antropocêntricos. Ainda, como instrumento, favorece a compreensão das dimensões sociais, ambientais e políticas, assim como permite compreender e problematizar a realidade, inclusive sob uma perspectiva histórica, conforme discorre Loureiro e Costa (2013):

[...] a educação ambiental crítica e interdisciplinar é estar à altura dos desafios da sociedade chamada sociedade capitalista, justamente, delineando uma teoria que sirva de enfrentamento das atuais condições sociais, culturais e políticas, cuja tarefa é mais complexa do que o paradigma ambiental tradicional promete compreender, por vezes complexo apenas no entendimento da dinâmica natural, desconsiderando a dinâmica social-natural (LOUREIRO; COSTA, 2013, p. 18).

Para Leff (2002), a interdisciplinaridade é um importante componente para o diálogo entre os saberes, como forma de potencializá-los e de interagir com outros conhecimentos por meio de espaços de aprendizagem, a fim de promover o intercâmbio interdisciplinar de conhecimentos que estimulem diálogos sobre justiça social e sociedades sustentáveis e potencializar os saberes pelo uso do diálogo. Nas palavras do sociólogo,

A interdisciplinaridade abre-se para o diálogo de saberes no encontro de identidades constituídas por racionalidades e imaginários que configuram as referências, os desejos e vontades que mobilizam os atores sociais para a construção de uma racionalidade ambiental; que ultrapassa a relação teórica entre os conceitos e os processos materiais e a desloca para as relações de significação entre o real e o simbólico em uma política de diversidade cultural (LEFF, 2002, p. 17).

A Educação Ambiental pressupõe a potencialização como instrumento de sensibilização dos indivíduos no que refere à necessidade de exercício de uma relação “natural” com o ambiente e com o compromisso de participar da resolução dos problemas socioambientais que nos assolam. Isso é fundamental para a construção de sociedades sustentáveis, na busca por novas formas de pensar a formação dos sujeitos e de potencializar profundas transformações sociais, contribuindo, dessa forma, para discussões teóricas e práticas de relevância para a vida de todo o planeta.

Isso significa estimular a compreensão da realidade na qual o indivíduo está inserido, mediante o estímulo ao diálogo de saberes e uma ação política na qual seja possível a reflexão sobre as bases estruturais, que são igualmente necessários para que ocorra a redefinição das relações sociais na natureza. Seu intuito deve estar em romper a perpetuação das relações de poder, que são insensíveis aos problemas socioambientais quando já não é possível mais angariar lucro.

Vivemos num mundo permeado por múltiplas desigualdades, entre elas a socioambiental, de gênero e de etnia. Nesse cenário, destacamos a atuação da indústria poluidora petroquímica que, em virtude do desprezo pelo meio ambiente e pelos humanos, atinge, em sua maioria, grupos vulnerabilizados socialmente. Isso porque são esses grupos que habitam lugares considerados à margem da sociedade, em péssimas condições, sendo atingidos pelos detritos e dejetos da indústria química, sob a justificativa de ser consequência do desenvolvimento.

Dessa forma, a temática da justiça ambiental deve ser abordada pela Educação Ambiental, uma vez que ela se pauta pelo legítimo questionamento do modelo civilizatório de desenvolvimento que degrada o meio ambiente e deteriora a sociedade. Em face da divisão da sociedade, as injustiças socioambientais atingem as pessoas de acordo com gênero, classe e etnia. Aqueles vinculados à pobreza extrema são submetidos a determinados riscos ambientais em seus locais de moradia, que frequentemente são transformados em fontes de contaminação, de depósito de lixo e resíduos químicos tóxicos, situação que atinge predominantemente a população negra.

No que diz respeito a essa questão, a partir da constatação da prática de injustiça ambiental, grupos de sindicalistas e ambientalistas se organizaram e montaram uma coalizão, a fim de combater o depósito inadequado de lixo tóxico em áreas onde residia a população negra, constituindo-se um movimento, de modo a estabelecer estratégias de resistência, conforme destaca Acselrad (2002):

O Movimento de Justiça Ambiental constituiu-se nos EUA a partir de uma articulação criativa entre lutas de caráter social, territorial, ambiental e de direitos civis. Já a partir do final dos anos 60, redefiniu-se em termos "ambientais" um conjunto de embates contra as condições inadequadas de saneamento, de contaminação química de locais de moradia e trabalho e disposição indevida de lixo tóxico e perigoso (ACSELRAD, 2002, p. 52).

À vista disso, o Movimento de Justiça Ambiental estruturou-se como estratégia de resistência, baseando-se na produção de conhecimento e no desenvolvimento de pesquisas sobre desigualdades ambientais, a partir das quais o “[...] reverendo Benjamin Chavis cunhou a expressão "racismo ambiental" para designar "a imposição desproporcional - intencional ou não - de rejeitos perigosos às comunidades de cor.[...]”. (ACSELRAD, 2002, p. 53). E considerando a capacidade da indústria química de se reinventar na exportação de injustiça ambiental, ela transferiu sua atuação para países periféricos como destino dos ramos industriais mais danosos ao meio ambiente e de maior privação socioeconômica para depósito de lixo tóxico, em regiões onde a população não estava fortemente organizada.

Assim, o critério de raça se mostrava evidente na definição de locais onde os ambientes se constituíam favoráveis para a atuação do empreendimento industrial, locais esses habitados por uma população que não traria grandes problemas ao ser forçada a aceitar a degradação causada pela instalação e dejetos das indústrias químicas em suas comunidades.

A Nigéria está entre os países mais afetados pela injustiça e pelo racismo ambiental. Nele, a pesquisadora Elisa Dassoler, autora do documentário “Ken Saro-Wiwa, presente!” e do livro “Ken Saro-Wiwa: arte e ativismo na luta por justiça ambiental”, baseado em sua tese de doutorado em Artes Visuais sobre a vida e militância do escritor e ativista ambiental Ken Saro-Wiwa, apresenta a incansável luta em defesa do seu povo Ogoni por justiça socioambiental. Sua pesquisa mostra a maneira como o “racismo ambiental praticado por corporações petrolíferas multinacionais, em aliança com governos negligentes e autoritários, torna-se genocida, visto que não mede esforços para a eliminação do ‘outro’” (DASSOLER, 2020, p. 20-21).

Na década de 1990, Ken Saro-Wiwa foi um dos articuladores do Movimento pela Sobrevivência do Povo Ogoni – MOSOP. Por lutar e se organizar contra a exploração de petróleo na região do Delta do Níger, na Nigéria — exploração decorrente do racismo ambiental contra minorias étnicas e dos crimes ambientais praticados na região pelas grandes corporações capitalistas de petróleo, em especial a Shell, acobertadas pelo governo do país —, o ativista foi condenado injustamente à pena de morte sob a acusação de liderar um movimento de resistência em região de interesse da indústria petrolífera.

A exploração abusiva de Ogoni pela indústria petrolífera intensificou a situação de marginalização e violação de direitos humanos e ambientais cometidos contra a etnia, elevando o índice de contaminação do ar, da água e dos alimentos por metais pesados, como consequência da atuação da Shell no território. Tal cenário é pontuado por Dassoler (2020):

Tão logo a Shell iniciou suas operações em Ogoni, inúmeros vazamentos e derramamentos de óleo passaram a contaminar os solos, as nascentes e os rios do local. A queima indiscriminada e ininterrupta de gás, muitas vezes dentro dos vilarejos, trouxe enormes transtornos respiratórios, mentais, físicos e psicológicos aos seus habitantes (DASSOLER, 2020, p. 98).

A relação utilitarista da sociedade, sem quaisquer princípios éticos para com o ambiente, vem agravando a crise ambiental nos últimos anos, posto que, ao transformar a vida e a natureza em mercadoria, fomenta ainda mais a crise social no planeta, que exige urgentes soluções e processos contínuos de aprendizagem e conscientização de indivíduos por meio da produção e construção de conhecimentos voltados para a formação humana e política.

A partir disso, a Educação Ambiental constitui-se mediadora da relação estabelecida historicamente entre a sociedade e a natureza e instrumento de apropriação do saber sobre a questão ambiental, de transformação social, com o intuito de potencializar o exercício de consciência ambiental com base na relação humano-natureza, promovendo a aquisição de conhecimento sobre os processos que geram a crise ambiental e com vistas à construção de sociedades sustentáveis. Para Loureiro (2012a),

A Educação Ambiental não atua somente no plano das ideias e na transmissão de informações, mas no da existência, em que o processo de conscientização se caracteriza pela ação com conhecimento, pela capacidade de fazermos opções, por se ter compromisso com o outro e com a vida (LOUREIRO, 2012a, p. 33).

É justamente no compromisso com o outro, com a vida e com grupos vulnerabilizados socialmente que a Educação Ambiental deve se pautar. Ao fomentar a formação de sujeitos críticos e promover uma conscientização ecológica que parte de diferentes saberes, ela contribui para a transformação da realidade de forma comprometida com a sustentabilidade da vida, promovendo mudanças que conduzam a uma ética ambiental e que não sejam apenas ecológicas, mas culturais, políticas, econômicas e sociais, visando à construção de um planeta socialmente justo.

Diante da crise ambiental planetária — resultante do modelo civilizatório produzido pelo projeto econômico que se estabelece até os dias atuais, gerando inúmeras catástrofes ambientais —, faz-se necessária uma ordem que possibilite nova forma de os seres humanos se relacionarem com a natureza, a fim de garantir o futuro de todos. Essa relação deve ser pautada por uma ética ambiental que se destaque como prioridade e que seja abarcada pela humanidade por meio da superação da lógica antropocêntrica, cujo intuito reside na dominação do humano pela sua própria espécie e da natureza pelo humano, ideias fortemente presentes na sociedade.

Para tanto, conforme destaca Tozoni-Reis (2004, p. 75), a Educação Ambiental tem como pressuposto pedagógico "[...] a articulação entre o *conhecimento* sobre os processos ambientais, a intencionalidade dos sujeitos em sua relação com a natureza e a transformação social, ou seja, a substituição dos modelos de sociedade que vêm destruindo o planeta".

Não há como combater a forma criminosa como são explorados os bens naturais apenas com a diminuição do consumo ou mudanças de hábitos e com a responsabilização individual. A objetificação dos bens naturais é fruto do preceito antropocêntrico no qual a espécie humana considera-se autorizada para a destruição da sociobiodiversidade do planeta e para a exploração socioambiental, com a desigualdade social e a insustentável degradação ambiental exponencialmente crescente.

Devemos problematizar a forma de apropriação dos bens naturais, de modo a contribuir para um repensar sobre a percepção da limitação dos bens naturais, bem como acerca da maneira como é desigualmente partilhado o acesso a ele. Devemos, ainda, contribuir para a construção de uma nova ética, comprometida com valores e ideias que busquem a construção de uma sociedade contra-hegemônica, justa e que, ao fomentar a crítica, buscando alinhamento e reconhecendo os sentidos comuns

diante da realidade complexa que nos desafia, inclua a perspectiva de grupos sociais marginalizados, com base no diálogo.

A complexidade ambiental envolve múltiplas dimensões. Por conseguinte, verificam-se diversas maneiras de fazer e pensar a Educação Ambiental não só como um instrumento de mudança cultural ou comportamental, mas, fundamentalmente, como instrumento de transformação social e política, a fim de que possamos almejar uma mudança socioambiental comprometida com a construção de uma sociedade sustentável e a formação de sujeitos empenhados na construção de sociedades ecologicamente prudentes e socialmente justas.

Há no mundo uma introjeção, uma visão dualista que dissocia as dimensões social e natural e o viés naturalista e conservacionista, compreendendo que a proteção da natureza sobressai em grau de importância à questão social, à luta por igualdade, por justiça social. No entanto, é importante enfatizar que as duas dimensões devem caminhar lado a lado, pois não há como almejar uma sociedade sustentável, com equilíbrio ambiental, com parte da população vivendo em condições de miserabilidade social. É necessária uma justa distribuição do que é socialmente criado, para que, dessa forma, nossa sociedade possa viver com a natureza mediante a construção de um mundo mais justo.

Diante disso, a Educação Ambiental emerge como importante ferramenta para a transformação da relação entre a sociedade e a natureza, contribuindo para o alcance da conscientização e compreensão dos problemas ambientais. Nesse sentido Loureiro (2020) destaca que, assim como as demais áreas, a Educação Ambiental se encontra em permanente estado de ataque com a ascensão do agronegócio, que atua, claramente, avesso à política regulatória ambiental. Na análise do autor,

As áreas de educação e ambiental estão sob pressão em um contexto político, econômico e ideológico em que as forças dominantes se identificam com a total liberalização econômica, a desregulamentação pública, e a afirmação e normatização de ideologias conservadoras. Nesse momento histórico, a educação ambiental, enquanto política pública e na promoção de processos sociais emancipatórios, fica igualmente sob ataque (LOUREIRO, 2020, p. 145).

O ataque à questão ambiental se junta a um padrão de desenvolvimento adotado pelo atual presidente, Jair Bolsonaro, que antes mesmo de tomar posse no cargo não demonstrava qualquer apreço pela causa ambiental — pelo contrário, enaltecia a importância do agronegócio e da mineração, empreendimentos que mais causam impactos ambientais. Desse modo, quando eleito ele assume uma agenda

neoliberal que, do ponto de vista econômico, caracteriza-se como sendo altamente conservadora e profundamente agressiva ao utilizar um conjunto de elementos que pressionam a educação, e incentiva a dependência de *comodities* como petróleo, mineração, e de alimentos que incentivam o avanço do agronegócio.

Ademais, estimula ataques às universidades públicas, a grupos de pesquisa e a pesquisadores, que constantemente são perseguidos e criminalizados — tornaram-se corriqueiras ações de constrangimento a pesquisadores cujos estudos e resultados contrapõem os interesses do agronegócio e dos conglomerados empresariais ou os “valores cristãos”, cerceando a liberdade acadêmica com intimidações e aumentando o grau de dificuldade para produzir pesquisa e ciência no país.

No período em que Ricardo Salles, nomeado pelo presidente Bolsonaro, ocupou o cargo de ministro do Meio Ambiente, as políticas públicas e os órgãos ambientais foram sistematicamente fragilizados. É o que assinala Layrargues (2020b, p. 50) ao lembrar que Salles já havia sido condenado judicialmente por fraude ambiental e que, ao assumir a pasta, “[...] o sistemático e radical desmonte do aparato ambiental público federal entrou em ação”. A partir de então, vivemos um desmonte no que se refere à regulação ambiental, com a colaboração de empresários do agronegócio, das mineradoras e do Executivo, mergulhados em um precipício negacionista e conspiracionista atrelado a forças conservadores e ultraliberais.

Dessa forma, o e Executivo federal vem se portando segundo uma perspectiva ideológica construída para promover o antiecologismo e, conseqüentemente, contribuir para a liquidação da biodiversidade ambiental. Caracteriza-se como negacionista no que tange ao caos climático, à ciência e à cultura ao desqualificar dados de aumento do desmatamento gerados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais — INPE e ao negar o desmonte do quadro de proteção ambiental em seu governo (tanto em relação às leis como aos aparatos de gestão e de proteção ambiental do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis — Ibama e do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade — ICMBio, construídos até então com base em diversas lutas do movimento ambientalista brasileiro).

Para Layrargues (2020b),

[...] essa foi a primeira vez que a sociedade brasileira se viu diante de um governo novamente militar – que adotou uma enfática narrativa conspiratória

que explicitamente afirmava que a política ambiental brasileira havia sido manipulada por 'esquerdistas' infiltrados no campo ambiental, cuja meta residiria na sabotagem da economia brasileira, se a defesa ambiental fosse bem sucedida (LAYRARGUES, 2020b, p. 47).

Por tudo isso, lidar com as mudanças e emergências climáticas é urgente e necessário, sobretudo quando há a expansão do negacionismo climático e das ciências mediante a utilização de estratégias para difundir inverdades e gerar incertezas na sociedade, assim como o desmantelamento das instituições públicas que dão corpo à Educação Ambiental. Tal cenário reflete o crescimento do antiambientalismo no país, como se a questão ambiental se opusesse às questões econômica e social, à geração de empregos e, conseqüente, ao desenvolvimento nacional, fortalecendo a dicotomia e o distanciamento entre humano e natureza.

Além disso, o governo federal vem sabotando as políticas de enfrentamento à covid-19 e se colocou contra a ciência desde o primeiro minuto em que a pandemia se disseminou pelo mundo, março de 2020, transformando-se na maior crise sanitária mundial e levando à morte, por ineficiência e inércia do Estado, de cerca de 666 mil brasileiros. Beneficiou-se do período de maior sofrimento da população, escancarando suas reais intenções ao se aproveitar do momento de pandemia, de sofrimento coletivo da população, para “passar a boiada”¹, desmantelando e flexibilizando as legislações de proteção ambiental na tentativa de estabelecer favorecimento a garimpos e a mineradoras em terras indígenas, de modo a estimular o crime e a impunidade ambiental.

Como exemplo de um governo que se caracteriza por desviar suas responsabilidades perante às crises que ocorrem no país, podemos citar o advento no imaginário da ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Tereza Cristina transformou o objeto da crítica em solução quando, em audiência pública no Senado Federal, em 9 de outubro de 2020, falou sobre o “boi-bombeiro”, afirmando que se tivessem mais bois no Pantanal o desastre ambiental causado pelos incêndios seriam menores, uma vez que o animal, ao comer o capim seco, que é inflamável, diminuiria a ocorrência de queimadas.

¹ Reunião Ministerial de 22/4/2020 revela como o governo Bolsonaro e o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, planejam a expropriação de terras indígenas e a criação de condições para desmatamento, grilagem e destruição dos bens naturais.

Essa justificativa trata-se, na verdade, de uma tentativa de expandir o agronegócio no Pantanal com base em um argumento equivocado de que tal ação beneficiaria o bioma. É o que aponta Krenak (2020b) ao discorrer sobre as campanhas publicitárias que aludem à imagem positiva do agronegócio no país:

Tem essa campanha imoral de que 'o agro é tech, o agro é pop, o agro é tudo', na qual mostram todo processo de industrialização, não somente de alimentos, mas também de minérios. Tudo virou agro. Minério é agro, assalto é agro, roubo do planeta é agro, e tudo é pop (KRENAK, 2020b, p. 22-23).

Conforme exposto pelo pensador indígena, o agro não é pop, não é ético e se utiliza de campanhas publicitárias com alto poder de veiculação para criar uma boa imagem de sua atividade. No entanto, esconde ser o principal responsável pelo desmatamento e pelo envenenamento dos alimentos e dos bens naturais. Sem contar outros vírus disseminados, como as gripes suína e aviária, ambos oriundos da expansão do avanço capitalista e da invasão do agronegócio sobre as áreas que deveriam ser protegidas, de tal forma que a pandemia é o resultado do ataque ofensivo às áreas de proteção ambiental e do desequilíbrio imposto ao planeta pelo sistema econômico excludente e predatório.

Além disso, as grandes corporações econômicas, sob o viés mercantilista, conseguiram dominar e transformar a natureza para atender aos seus interesses e maquiar os grandes desflorestamentos e a aniquilação da biodiversidade do planeta. Criam-se ambientes urbanizados, inspirados em ambientes naturais, para levar à sociedade a falsa sensação de estar em contato com a natureza — o que difere da conduta dos povos originários, que estabelecem relação direta com a natureza, inclusive mantendo dependência para com ela, tendo em vista que sobrevivem de tudo que dela é gerado mediante relação de respeito, como ser sagrado.

Em uma sociedade marcada por processos altamente desiguais e excludentes, movidos por um modelo de produção no qual se normalizam a exclusão e a exploração dos indivíduos, o modo de produção sustentável sequer é valorizado e respeitado. Enxerga-se a natureza apenas como bem de consumo em busca de lucratividades. Assim, “[...] a natureza é um ‘bem de consumo’ apropriada pelo homem, não qualquer um, mas aqueles que controlam visceralmente o poder capitalista, o que nos leva a questionar se realmente existe ainda o primitivismo natural” (ALMEIDA; AZEVEDO, 2016, p. 106).

Sob essa perspectiva, acredita-se profundamente que a dominação e exploração da natureza faz bem à humanidade, menosprezando as consequências

de tais ações, as quais percebemos e vivenciamos. De tal forma, a superação dessa dicotomia entre humanos e natureza é imprescindível, baseando-se na reaproximação com o natural e buscando outros modos de vida mediante outro modo de produção no qual os bens naturais são vistos e tratados como recurso.

Dessa forma, a manutenção do campo utilitarista e das formas de opressão e exploração da natureza relacionadas à forma de agir sobre o mundo — sobretudo no que se refere ao padrão da sociedade moderna de dominação e exploração, creditando a espécie humana como a mais importante em relação à natureza — tem levado a consequências e implicações destrutivas que vêm sendo sentidas na pele, como a expansão da pandemia e de suas inúmeras variantes em consequência de um desequilíbrio socioambiental gerado pela espécie humana.

De acordo com Tozoni-Reis (2004, p. 133), "A problemática ambiental emerge da história das relações dos homens com a natureza, sob os aspectos econômicos, políticos e sociais, reafirmando a abordagem socioambiental conferida a essa problemática". E, para tanto, considerando que as respostas científicas não têm sido suficientes para conter os danos ambientais, é fundamental que a Educação Ambiental fomente a necessidade de transformações históricas com base na ressignificação da relação entre sociedade-natureza e da forma com que os humanos se relacionam entre si, para que, então, possamos contrapor a lógica racionalista e antropocêntrica de dominação do humano sobre a natureza.

Posto isto, a Educação Ambiental tem como papel a instrumentalização do indivíduo para sua prática social e a formação humana para a dimensão e as consequências da degradação ambiental. Do mesmo modo, no que se refere ao aprofundamento da desigualdade social, essa educação atua no enfrentamento e na busca de relações humanas mais éticas e saudáveis, na valorização do conhecimento que desponta das margens e na promoção da rearticulação sociedade-natureza.

E para que esse propósito seja fundamentalmente alcançado, na construção de uma sociedade igualitária, com vistas à expansão de uma nova cultura na relação entre o ser humano e a natureza, é basilar que o debate ambiental seja incluído na compreensão político-ideológica como uma ferramenta de reprodução social e de sensibilização, uma vez que os conflitos socioambientais são gerados nas relações sociais historicamente construídas, como define Loureiro e Layrargues (2013):

[...] definitivamente não é possível conceber os problemas ambientais dissociados dos conflitos sociais; afinal, a crise ambiental não expressa

problemas da natureza, mas problemas que se manifestam na natureza. A causa constituinte da questão ambiental tem origem nas relações sociais, nos modelos de sociedade e de desenvolvimento prevalentes (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013, p. 68).

Como afirmam os pesquisadores, não há como concebermos os problemas ambientais dissociados da questão social, já que a origem da problemática ambiental emerge justamente nas relações sociais constituídas por um modelo de produção predatório e excludente. Desse modo, não podemos inculcar a complexidade da questão ambiental à responsabilidade individual, uma vez que há fatores estruturantes que potencializam a problemática socioambiental.

Assim, a Educação Ambiental, sob uma perspectiva crítica, emancipatória e transformadora, é concebida como instrumento de transformação social que possibilita a formação de sujeitos sociais capazes de fazer a leitura crítica da realidade, sensíveis aos problemas ambientais, permitindo a proposição de caminhos contra hegemônicos e capazes de trazer ferramentas para enfrentar as causas estruturais dos problemas socioambientais.

A acumulação baseada na apropriação intensiva do território se dá como parte dos interesses do desenvolvimento econômico, de forma que, quanto mais intensa a produção de bens de consumo, maior é a exploração de bens ambientais, distanciando-se da possibilidade de estimular a superação das ideias extrativistas em prol de um desenvolvimento que possibilita outras formas de desenvolver e de se relacionar com a natureza. É o que destacam Plácido, Castro e Guimarães (2018, p. 18): "Desnaturalizar a ideia de que o território deve ser explorado em seus recursos naturais, e ainda, que a sociedade 'deve' se organizar em torno desse modelo de exploração e desenvolvimento, é importante para romper com a superação das ideias extrativistas".

Portanto, acreditamos que cabe à Educação Ambiental potencializar o sentimento sobre limites ecológicos que enfatizam a insustentabilidade do modelo econômico e a necessidade de uma mudança cultural profunda, inspirada nos princípios da reciprocidade e da solidariedade. Isso porque a devastação social e ambiental coloca em risco a nossa própria existência e, desse modo, a exploração dos bens naturais não pode ser mais vista como condição para o crescimento econômico, que considera esses bens uma fonte inesgotável.

Dessa forma, é imprescindível a construção e consolidação de políticas públicas democráticas que tenham como base o olhar de vários grupos sociais discriminados e marginalizados, entendendo a educação como o único meio de transformação social possível na construção de sociedades sustentáveis e de rupturas com o modelo contemporâneo de sociedade.

Uma Educação Ambiental constituída como processo constante de aprendizagem, na construção de alternativas sustentáveis, só acontece mediante problematização da realidade ambiental. Essa sensibilização ocorre, segundo Loureiro (2012b), a partir da práxis educativa, que é indispensável para a ascensão de ações em face das relações que organizam a sociedade, o que implica na constante reflexão das condições de vida. Assim, "[...] é na própria práxis educativa, a indissociabilidade teoria-prática na atividade humana consciente de transformação do mundo e de autotransformação que ganha a devida centralidade" (LOUREIRO, 2012b, p. 84).

Para que essa prática educativa ocorra na sua plenitude, é fundamental o exercício da dialogicidade, a promoção de processos participativos e a superação da fragmentação do conhecimento, sendo uma maneira de pensar novas relações socioambientais, equilibradas e socialmente justas.

A dialogicidade inicia-se com a reflexão sobre o ato educacional, e se operacionaliza na investigação temática, que por sua caracterização significa pesquisar a realidade concreta as situações-limite existenciais que possam ser apreendidas como temas gerados e problematizados para transformação dessas mesmas situações (SAITO; FIGUEIREDO; VARGAS, 2014, p. 76).

Como ferramenta educativa e de diálogo entre o educador e os sujeitos, o processo de dialogicidade deve primar pela intencionalidade com a transformação da realidade e pela definição conjunta de ações, de avaliação e de problematização dos conteúdos, conforme realidade na qual estão inseridos os sujeitos, contribuindo para o fortalecimento de mecanismos de gestão democrática essenciais para construção de uma sociedade justa e sustentável. A ideia corrobora a reflexão de Reigota (2007, p. 28), para quem "O desafio da Educação Ambiental é sair da ingenuidade e do conservadorismo (biológico e político) a que se viu confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais".

No entanto, é importante que tenhamos clareza de que a luta de classes atravessa a questão ambiental. Se afirmarmos a necessidade de esforços para a

preservação do meio ambiente, para a sensibilização sobre a perda da biodiversidade, não podemos deixar de considerar as condições socioeconômicas e culturais. Nesse viés, não é possível pensarmos em uma Educação Ambiental genérica para todos dentro de uma sociedade de classes. Por isso a importância de que ela seja, na sua essência, transformadora, desobediente, transgressora e dialógica, e que assim consigamos fazer algo para que as situações se modifiquem, para rompermos a separação dicotômica entre sociedade e natureza, além de superarmos o pensamento disjuntivo da sociedade moderna e entendermos o mundo a partir de outra forma de estar e de se relacionar entre a espécie humana e não humana.

Para Reigota (2007), a Educação Ambiental constitui-se ferramenta de diálogo entre sociedade e natureza, que se estabelece em relações pautadas por valores éticos em todos os âmbitos (social, econômico e ambiental) e “[...] entre gerações e culturas em busca da tripla cidadania: local, continental e planetária, e da liberdade na sua mais completa tradução, tendo implícita a perspectiva de uma sociedade mais justa tanto em nível nacional quanto internacional” (REIGOTA, 2007, p. 11).

É importante destacar que a condição ontológica e existencial da espécie humana é marcada por uma relação ecológica, de troca com o meio, de conexão com os ritmos da terra, de modo que ela precisa ser resgatada. Isso porque a sociedade moderna, sob os preceitos do capitalismo, rompeu com essa conexão de pertencimento ecológico, de coexistência, fortalecendo a dicotomia humano e natureza que isola a natureza e transforma a sociedade em antiecológica — parte do processo de desumanização, principalmente quando lideranças governamentais atravessam a questão ambiental e alcançam postos importantes de decisão na conjuntura geopolítica mundial.

Portanto, se a espécie humana tem algum interesse em continuar a habitar o planeta em condições de sobrevivência, é imprescindível a ressignificação das relações, de modo a viver em sintonia com a natureza, uma vez que não se sustenta mais a prerrogativa de a olharmos como recurso. Por isso, é fundamental refletirmos e problematizarmos o modo, sobretudo no que concerne às grandes indústrias, que são as corporações que mais degradam o meio ambiente.

Desse modo, torna-se fundamental o papel da Educação Ambiental na problematização dessa questão, principalmente em face do atual cenário de destruição, no qual é importante pensar que não se trata apenas de uma educação

contra a ignorância socioambiental, mas contra a ganância que nos toma com retrocessos imensos e atua em desfavor dos povos tradicionais que têm a natureza como território, essência e identidade. Logo, a eliminação da natureza está ligada à eliminação física e cultural desses sujeitos, de modo que é primordial criarmos dispositivos para compreender epistemologias na ordem do momento, nesse cenário moderno, científico e tecnológico para o qual a Educação Ambiental constitui-se uma das formas de enfrentamento dessa crise.

Nesse contexto, também é preciso considerar os tempos difíceis pelos quais estamos passando, marcados pelo medo constante que nos acompanha, pela profunda opressão que nos sufoca e que deixa nossos ombros fatigados e pela sobrecarga jamais sentida, condições que nos enfraquecem a cada declaração desconexa da realidade a qual somos obrigados a ouvir, assolando o país e deixando marcas que, talvez, nunca possam ser cicatrizadas. E diante de sensações nunca sentidas, Preciosa (2020) assim discorre:

Vivemos sob o signo dos desmanches, palavra pivô que nos assedia diariamente: desmanche da educação pública, desmanche dos SUS, desmanche da previdência, desmanche do direito dos trabalhadores conquistado pela Constituição. Acrescentaria que dentre esses desmanches, um é bastante ameaçador, o de nós mesmos" (PRECIOSA, 2020, p. 253).

Como resultado da barbárie pela qual a sociedade tem passado, resta-nos ir à luta segundo uma agenda de diálogo, do repensar nossa condição humana, a fim de que a construção e a disseminação de conhecimento sejam permeadas pela busca da valorização do indivíduo em sua dimensão coletiva, histórica, e de melhoria de condições existenciais para os não humanos com os quais compartilhamos este planeta.

1.2 Ecologias inventivas: conversas sobre Educação Ambiental para os tempos atuais

Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.
Manoel de Barros

A perspectiva crítica e reflexiva da Educação Ambiental torna-se uma corrente fundamental ao contrapor o viés conservador na constituição de um novo modo de viver em sociedade, baseando-se em condicionantes sociais historicamente

produzidos que implicam na reprodução social e geram desigualdades e conflitos ambientais. Ela preza pela formação de sujeitos críticos e conscientes de seus papéis diante de questões socioambientais e, especialmente, cientes de suas atuações políticas, na qualidade de sujeitos históricos. No entanto, talvez apenas essa perspectiva não seja suficiente para fomentar e nos abrir para o campo do sensível, dimensão que pode ser tanto político-crítica quanto relacionar-se à questão ambiental.

Enxergar o não visto, os outros seres do mundo; aventurar-se ao encontro do mundo a partir das materialidades que nos atravessam; e mobilizar-se para um estado mais sensível dos seres e das coisas pode não ser uma tarefa fácil, mas é possível tornar-se ferramenta importante para a aproximação do humano e da natureza. Nessa linha, Catunda (2012) discorre sobre a necessidade da percepção e escuta sensível das coisas:

A atitude para uma escuta sensível, aberta a vários diferenciais, está obstruída na vida urbana, ruidosa e barulhenta que se espalha pelos interiores dos Brasis. A cidade (metrópole) reverbera sobre o bucolismo do campo, com seus padrões de escuta que limitam e desvalorizam aquilo que é único e especial de cada ambiente [...] (CATUNDA, 2012, p. 50).

Conforme menciona a pesquisadora, os ambientes construídos e habitados nas grandes metrópoles dificultam a percepção para o sensível, para a nossa capacidade de escutar, apreender fragmentos e sutilezas do cotidiano que podem remodelar nossas percepções, sentimentos e sensações, e isso contribui para a pouca valorização dos seres e das coisas ao nosso redor.

Somos moldados apenas para enaltecer aquilo que é ou pode tornar-se útil economicamente à espécie humana. Atrelado a isso está o fato de o mundo ser influenciado por concepções que compreendem indivíduos com base em um universo produtivo, impedindo que desagarremos do tempo do relógio, do tempo *chronos*, o tempo que “só anda de ida”, conforme mencionou Manoel em entrevista à Revista Caros Amigos², publicada em 2006. O tempo que dita nossas horas, no ritmo ligado única e exclusivamente à produção, restringindo nossa vida e nossas relações com os demais seres, sob a forma utilitarista e funcionalista das coisas.

² BARROS, Manoel. Três momentos de um gênio. Revista Caros Amigos, São Paulo, edição 117, dez., 2006. Entrevista concedida a Bosco Martins, Cláudia Trimarco e Douglas Diegues. Disponível em: <<http://bosco.blog.br/manoel-de-barros/manoel-de-barros-tres-momentos-com-um-genio/>>. Acesso em: 5 de maio de 2021.

A realidade pela qual é permeada a vida cotidiana e a questão ambiental é embrutecedora e nos endurece de tal forma que nos impede de ver além do que nos mostram ou do que conseguimos enxergar. E a arte, a literatura, a poesia, entre as suas múltiplas dimensões e variações, dá-nos uma chance de romper ou minimizar esse embrutecimento. Mostra-nos que há outras possibilidades de olhar para as coisas e seres, acessando outros ciclos de interação social e afetiva, enxergar outros sentidos, acolher outros saberes, expressar diferentes modos e nutrir-se para a construção de novas formas de pensar.

Entre essas formas está a Educação Ambiental atravessada pelo afeto, pelo estímulo ao movimentar-se pela busca do desejo de tocar o entorno, de criar possibilidades, subjetividades outras para o mundo, de aproximar o humano e a natureza por meio da profusão de afetos, de entender que somos natureza e ela está entranhada em nós.

Isso que chamamos de natureza deveria ser a interação do nosso corpo com o entorno, em que a gente soubesse de onde vem o que comemos, para onde vai o ar que expiramos. Para além da ideia de “eu sou a natureza”, a consciência de estar vivo deveria nos atravessar de modo que fôssemos capazes de sentir que o rio, a floresta, o vento, as nuvens são nosso espelho na vida. (KRENAK, 2020b, p. 99-100).

Para os povos originários, a natureza não se estabelece apenas como conjunto de materialidades compostas por árvores e demais elementos naturais; ela se constitui enquanto essência viva dos seres que a habitam, com quem os povos guardam vivências preciosas, conforme expressa Krenak (2020b). Enquanto isso, parte da humanidade vem se distanciando de seu lugar de origem, sendo constantemente deslocada do ambiente natural. Nesse deslocamento, criam, como estratégia, ambientes artificiais que tentam transmitir a falsa ideia de estar em contato com a natureza, enquanto florestas, rios e mares são contaminados e destruídos.

Os povos tradicionais nutrem suas relações e seus afetos sob outras orientações, habitam outros céus, exercitando modos outros de viver em coletividade humana e não humana, entremeados por outras verdades, submetidos a outras relações de poder que nada se parecem com a vida burocratizada que nos toca: “Não consigo nos imaginar separados da natureza. A gente pode até se distinguir dela na cabeça, mas não como organismo” (KRENAK, 2020b, p. 58). Vivem verdadeiramente em comunhão com a natureza com base na relação advinda da ancestralidade de

suas comunidades e cultivada até os dias atuais, no entanto, ainda pouco valorizada pelo restante da população.

Assim, as comunidades tradicionais nos dão aula do quão é importante o humano compreender-se como parte constituinte da sociobiodiversidade do planeta, deixando-se afetar pelo convívio com o ambiente natural baseado em uma postura de pertencimento à natureza e considerando que “A conquista do bem-estar pelas garantias dos direitos humanos está intrinsecamente relacionada, e de forma complementar, aos direitos de uma natureza sã” (GUIMARÃES; PRADO, 2014, p. 87).

E apenas a compreensão, as certezas das ciências, das informações, já não conseguem mudar os nossos modos de viver, de restabelecer nossas relações, de modo que as artes, por meio da música, do teatro, da literatura, da poesia e outras de suas múltiplas expressões, seguem com esse compromisso de nos “desembrutecer”. E a poesia de Manoel consegue justamente abarcar essa função ao nos mostrar novas formas de sensação, de valorização das coisas. Quando nos convida, por meio do afeto, da imaginação, das emoções, de suas invenções mediante os vários nada, de “[...] um alarme para o silêncio, um abridor de amanhecer, pessoa apropriada para pedras, o parafuso de veludo, etc etc.[...] Fazer coisas desúteis. O nada mesmo. Tudo que use o abandono por dentro e por fora” (BARROS, 2013, p.303).

Manoel de Barros resgata a comunhão com diversos seres e objetos. Percebe não só a língua da formiga, da lesma, dos pássaros, mas também se comunica com o parafuso, com o abrir de amanhecer. Ao nomeá-los, retira o estado de objeto, transformando-os em sujeitos e, por meio das miudezas cotidianas das coisas, redesenha novos trajetos e recria novos afetos, colocando seres e coisas no mesmo patamar de importância.

Para Krenak (2020b), existe um clube seletivo de humanos dispostos a devastar e explorar o restante da humanidade, sobrepondo-a, inferiorizando-a como sujeito e ser constituinte de direitos. “É como se tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são sub-humanidades. Não são só os caiçaras, quilombolas e povos indígenas, mas toda vida que deliberadamente largamos à margem do caminho” (KRENAK, 2020b, p. 10). E são justamente as comunidades subjugadas e constantemente cerceadas nos seus direitos à terra que, na essência, mantêm-se ancoradas no resguardo, no cuidado, na proteção da natureza por meio de práticas constituintes de comunhão e de pertencimento com o ambiente.

Assim, acreditamos que esses preceitos devem alimentar o ideal de Educação Ambiental, de resistência, de resiliência, baseando-se em uma concepção de comunidade não apenas humana, mas interespécies, constituída como parte orgânica de tudo aquilo que é vivo, que é movido pelo pulsar da natureza. Dessa maneira, a Educação Ambiental precisa estar atenta a essas perspectivas outras para o sensível, pela educação dos sentidos, segundo uma conexão planetária, sob a perspectiva de construção de uma sociedade capaz de caminhar de mãos dadas não somente entre a sua própria espécie, mas com toda a natureza.

Nesse sentido, devemos nos atentar para a importância do olhar, que vai além do enaltecimento ingênuo e romântico da natureza — pois sabemos que a questão socioambiental é atravessada pela luta de classes, mas também por uma relação ética, de cuidado, uma relação para o sensível que nos permite outros encontros e culmina no desejo de engajamento social e político para outras atenções, em busca de um mundo mais justo e ambientalmente possível com as diferentes vidas não humanas. A partir disso, cumpre-nos buscar formas distintas de ser e existir com a natureza, como modo de resistência ao que está posto, de deslocar saberes diferentes, diversos elementos e seres que habitam o mundo.

Além disso, por acreditar numa suposta superioridade de poder em relação aos demais seres vivos, a espécie humana, por meio das grandes corporações econômicas, passou a dominá-los e a submetê-los aos seus desejos em meio à subordinação da natureza. Desse modo, a lógica de desenvolvimento é levada a qualquer preço, cuja consequência poderá conduzir a humanidade a uma crise sem precedentes, correndo o risco de abreviarmos a sobrevivência da espécie humana no planeta caso o ritmo acelerado e o uso indiscriminado de bens naturais seja mantido.

Dessa forma, é imprescindível tematizar a Educação Ambiental como um campo de possibilidades — capaz de romper a maneira tradicional de pensar — e que tem entre suas ações a desmistificação da ideia de superioridade humana em detrimento de outros animais e seres, visando estabelecer um modelo de sociedade que propicie a reaproximação com o natural de forma a entender o mundo sem distinções. Isso porque, conforme aponta Silva (2010, p. 42), “[...] instituímos as culturas superiores e inferiores, estabelecemos as relações de gênero, de classe e de sexualidade. Esmiuçamos pedaços por pedaço, até que nada inteiro restasse”, de

modo que a cisão entre sociedade e natureza e entre a própria espécie humana é, justamente, um dos pilares da crise socioambiental pela qual passa o planeta.

Nesse viés, é importante conceber processos educadores com base em uma Educação Ambiental comprometida com a compreensão de horizontalidade, como parte integrante da condição humana, como território com o que é vivo, a fim de perceber a necessidade de manter a natureza em toda a sua diversidade socioambiental. E a partir de um outro olhar, buscar outras maneiras de ser e existir com a natureza, como uma forma de resistência, de deslocar saberes outros, outros elementos, outros seres que habitam o mundo.

Além disso, é fundamental ampliar nossos afetos para enxergar a natureza como um território de humanidades e reconhecer os povos que mantêm resistentes suas vidas nesses ambientes naturais, mesmo com constantes ameaças em relação ao avanço do agronegócio nas áreas de proteção ambiental — avanço que traz em seu bojo a ganância, sendo amparado por técnicas de destruição que visam ao lucro em detrimento do bem-estar da sociobiodiversidade do planeta. Nesse sentido, Henning, ressalta que:

Podemos ser capazes de inventar e criar novas formas de vida, novos modos de existir e conviver em tempos de problemas ambientais. É dessa escuta por outros modos de criar a EA que estamos carecendo; é desse desejo de pensar fora do mesmo que possamos ver a potência de uma EA que nos ensine a viver o hoje e os nossos modos de nos relacionar com o ambiente. (HENNING, 2019, p.379).

Em meio a tempos nebulosos e sombrios que nos atravessam, ocorre o desmonte das políticas ambientais de maneira nunca vista no país. Realizado de forma orquestrada, o desmonte objetiva a destruição das normativas de regulação e proteção ambiental, de forma a incentivar a atuação de garimpos e de mineradoras nas regiões onde há grande volume de componentes naturais, que estão localizados, em sua grande maioria, em reservas indígenas. Tal cenário gera injustiça socioambiental e aniquilação dos territórios dos povos ancestrais que vivem com a natureza e atuam como guardiões das florestas. Para Carvalho (2008), a utilização dos elementos naturais pela espécie humana deveria ser determinada e adaptada com base em uma ética ambiental, de respeito aos processos e ciclos da natureza:

Na perspectiva de uma ética ambiental, o respeito aos processos vitais e aos limites da capacidade de regeneração e suporte da natureza deveria ser balizador das decisões sociais e reorientador dos estilos de vida e hábitos coletivos e individuais. Aqui, justamente com uma ética, se delineiam também uma racionalidade ambiental e um sujeito ecológico que se afirmam contra

uma ética dos benefícios imediatos e uma racionalidade instrumental utilitarista (CARVALHO, 2008, p. 37).

Para contrapor o viés utilitarista e degradante com o qual a espécie humana vem se relacionando com a natureza, exige-se outras formas e leituras de compreensão de mundo, uma vez que a produção capitalista de forma desmedida tem prejudicado nossos sentidos, nossa capacidade de ver, escutar, perceber as sutilezas que nos cercam e compreender que a espécie humana e a natureza estão interligadas por princípios de reciprocidade, complementaridade e respeito à biodiversidade das florestas. No entanto, aniquilamos justamente aquilo que nos sustenta.

Nesse sentido, compreender nossa própria humanidade e a dos demais seres talvez seja um grande desafio, no qual a sociedade deveria se inspirar nos povos tradicionais. Eles compreendem a humanidade interligada aos demais seres, contrapondo, dessa forma, o viés puramente utilitarista pelo qual a atividade industrial extrativista enxerga, mobilizada sob um projeto de exaustão, de consumir o planeta. Como exemplo, Krenak (2020c) explicita a relação de seu povo com o Rio Doce:

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (como toda essa pressão externa) (KRENAK, 2020c, p. 40).

Os povos tradicionais têm grande devoção pelo lugar onde nascem, vivem, e ampliam os afetos aos rios, às montanhas, às paisagens, dando sentido à vida. O Rio Doce fica localizado no Estado de Minas Gerais, na reserva da Aldeia Krenak, região altamente explorada pela indústria do minério. Ele foi criminosamente coberto por uma enxurrada de resíduos tóxicos em decorrência do rompimento da barragem de Mariana em novembro de 2015, de propriedade da mineradora Samarco e controlada pela empresa Vale. Para a mineradora, o Rio Doce poderia ser apenas um rio, mas para o povo Krenak é o “Watu”. Trata-se de um ser com dimensões sagradas, de memórias e, ao nomeá-lo, os Krenak estabelecem uma relação de afeto. Como principal fonte de água para consumo humano e animal e para o exercício da pesca para subsistência, além de elemento essencial da identidade, ele não só saciava a sede, mas o espírito do povo, que hoje vê o Rio em “coma” em meio aos resíduos de chumbo e alumínio aterrados no interior de suas águas.

Essa dimensão do sagrado das coisas, de atribuir sentido aos bens naturais, deve nortear as disposições da Educação Ambiental como aproximação e compromisso ético com a natureza. O enfrentamento aos processos de destruição, que leve em conta a compreensão de humanidade, exige compromisso com o outro, conforme explicita Reigota (2017, p. 11): “Considero que a Educação Ambiental deve procurar estabelecer uma “nova aliança” entre a humanidade e natureza, uma “nova razão” que não seja sinônimo de autodestruição e estimular a ética nas relações econômicas, políticas e sociais”.

E o estímulo à ética nas relações, bem como o reconhecimento da problemática ambiental na atualidade, tornou-se um dos desafios em tempos sombrios, nos quais se nega o aquecimento global, relativiza-se a destruição da biodiversidade e disseminam-se ideias de Terra plana. Nesse ritmo frenético, ao que parece, estamos a caminho da produção da extinção em massa da natureza; afinal, perdemos o respeito pelo outro e pela natureza. Em consequência disso, um vírus de potencialidade catastrófica conseguiu paralisar o planeta, a vida econômica e social, submetendo a população a uma catástrofe sanitária.

Como relata Morin (2020), houve muitas pandemias ao longo da história. No entanto, o diferencial desta que se expandiu pelo planeta é decorrente de uma combinação de crises “[...] políticas, econômicas, sociais, ecológicas, nacionais, planetárias, que se sustentam mutuamente com componentes, interações e indeterminações múltiplas e interligadas, ou seja, complexas, no sentido original da palavra complexus [...]” (MORIN, 2020, p. 21). Logo, ele vem nos dizer que é necessário despertar e nos organizar diante do aumento das desigualdades socioambientais, das constantes agressões ao meio ambiente e da insustentabilidade planetária.

A pandemia acentuou as injustiças já instaladas no Brasil, de maneira que o vírus conseguiu se dissipar e espalhar-se desigualmente entre a população. Isso porque, apesar de ter inicialmente contaminado a elite, ele atingiu fundamentalmente, e com maior intensidade, os grupos residentes nas periferias das cidades, escancarando a dimensão da desigualdade social no país, conforme explicita pesquisadora Schwarcz (2020):

A desigualdade tem muitas dimensões e a pandemia escancara as nossas. Ela chegou ao país de avião, por meio das pessoas da elite que estavam no estrangeiro e votaram contaminadas – tanto que os primeiros dados incidem sobre os bairros mais nobres. Mas o que está acontecendo agora é que o

vírus chegou com força nas periferias, nos subúrbios, nas comunidades e favelas espalhadas pelo país (SCHWARCZ, 2020, p. 4).

O vírus chegou ao Brasil em fevereiro de 2020 por meio da classe média, tendo o Estado de São Paulo como porta de entrada. Ao chegar às periferias, deparou-se com um ambiente de fácil disseminação, visto que as populações economicamente menos favorecidas dispõem de condições exíguas de moradia, com pouco acesso ao saneamento básico ou à água tratada. Somado a isso, residem em casas minúsculas, muitas vezes em condições precárias, residências essas compostas por poucos cômodos que, frequentemente, são divididos entre inúmeros familiares, deixando-as mais expostas à possibilidade de contágio.

Nesse período, fomos obrigados a consumir menos, a desacelerar, e talvez tenhamos percebido que a arte, por meio das suas múltiplas dimensões, é fundamental para a nossa sanidade mental. É nela que pudemos nos alicerçar, a fim de suportar momentos difíceis diante do vazio que o automatismo da vida acabou nos levando, e comprovar o quanto a espécie humana é frágil, conforme dispõe Guimarães e Codes (2020):

A literatura, o cinema, a música; a arte em geral nos ajuda a imaginar e a processar subjetivamente os momentos incertos em que vivemos. Ainda mais em uma pandemia que escancara o quanto somos vulneráveis e insignificantes. Como podemos viver cotidianamente com o pouco que nos cabe? Como partilhar efetivamente esse planeta com os não humanos? A desigualdade, a miséria, a soberba, a arrogância, a indelicadeza, chegaram ao limite do insuportável (GUIMARÃES; CODES, 2020, p. 12).

O acometimento da pandemia causou, abruptamente, a necessidade de mudar nossa forma de viver, nossos hábitos de se comportar, de cuidar da saúde, de trabalhar, de estudar, de ensinar e de nos adaptar a essa condição de adoecimento do planeta. Para Krenak (2020b), a pandemia foi um sinal enviado pela mãe Terra para que a espécie humana pudesse repensar suas atitudes para com a mãe natureza:

A nossa mãe, a Terra, nos dá de graça o oxigênio, nos põe para dormir, nos desperta de manhã com o sol, deixa os pássaros cantar, as correntezas e as brisas se mover, cria esse mundo maravilhoso para compartilhar, e o que a gente faz com ele? O que estamos vivendo pode ser a obra de uma mãe amorosa que decidiu fazer o filho calar a boca pelo menos um instante. Não porque não goste dele, mas por querer lhe ensinar alguma coisa. “Filho, silêncio” (KRENAK, 2020b, p. 84).

A pandemia despertou, talvez, um dos sentimentos mais difíceis de se lidar, que é o da perda, mergulhando a sociedade em uma mistura de medo e insegurança.

Medo de ser ou ter algum familiar infectado por um vírus potencialmente fatal, invisível, agressivo, sufocante, que atravessou o mundo e que nos deixou vulneráveis.

Dessa forma, o exercício da solidariedade foi fundamental, a fim de que as pessoas de populações periféricas pudessem, em tempos pandêmicos, mediante a ação de movimentos sociais e setores organizados da sociedade civil, garantir o mínimo de condição para subsistência. Entre esses grupos, o Movimento dos Sem Terra — MST vem se destacando pela produção de alimentos orgânicos e pelas doações para as populações economicamente menos favorecidas. Especificamente no estado do Paraná, os integrantes desse Movimento deram grande exemplo “[...] de agilidade, eficiência, para defender o valor da vida! As doações de alimentos dos produtores ligados ao MST têm contribuído para socorrer pessoas atingidas pela fome nesse momento de pandemia, devido à falta de ação do governo federal” (COSTA, 2020, p. 116).

A pandemia ocasionada pela covid-19 escancarou a ferida da desproteção social, do descuido ambiental, de um modelo de desenvolvimento econômico que mata, destrói, visa apenas ao lucro e que tem em suas ações as causas das mudanças climáticas e da degradação socioambiental que propicia um campo fértil para proliferação de vírus. Diante disso, temos que estar movidos por uma emergência em mudar nossa relação com o planeta, pela construção de uma transformação cultural que nos possibilite enfrentar as consequências e nos aproxime do desejo de uma nova cultura em relação à Terra, para que não deixemos o planeta refém de nossas necessidades materiais.

Para Sato (2020), há vários aprendizados que podemos colher desse momento tão complexo pelo qual o período pandêmico tem nos levado:

A arte de esculpir uma nova humanidade talvez esteja longe de ser concretizada, mas várias lições podem ser aprendidas quando a morte se avizinha tão rapidamente. Quando o Estado se ausenta, as favelas se organizam, pois os coletivos unem forças para que nunca percamos a marca essencial da existência humana: a esperança (SATO, 2020, p. 25).

Ao notarmos a face do caos instalar-se, que a esperança decorrente da essência humana seja reestabelecida, a fim de nos mover para, então, recriarmos afetos, ressignificarmos nossa relação como humanidade, de modo a proporcionar justiça socioambiental às populações vulnerabilizadas — justiça essa fomentada pelas mãos da Educação Ambiental como sinônimo de luta contra-hegemônica de

uma sociedade assolada pelo sofrimento, em meio a tantas mortes, e que resiste em busca de um ideal de reconstrução do planeta.

Além da espécie humana ainda acreditar na superioridade em relação às demais espécies, vivemos imersos em meio a conflitos socioambientais, crise climática, hídrica, e mergulhados em violações de direitos humanos — cenário que dificulta o acesso à saúde e ao bem-estar de indivíduos e comunidades que ocupam territórios por uma questão de sobrevivência cultural, mas que sofrem por ter suas terras expropriadas em decorrência da ganância e da opressão de grupos ligados à mineração e ao agronegócio. Isso nos faz refletir sobre o quanto é importante garantir o direito ao território das comunidades tradicionais para que elas sigam protegendo e mantendo outras possibilidades de vida em relação ao ambiente, possibilidades que se apresentam eficientes há milhares de anos no que diz respeito à construção de um ambiente sustentável.

Ao considerar a natureza como constitutivo do humano, o vínculo com a terra também se torna parte dessa construção enquanto ser. Tal relação encontramos na obra ficcional “Torto Arado”, do escritor Itamar Vieira Junior (2019), que mostra justamente a relação de sobrevivência e resistência de uma família de trabalhadores rurais quilombolas com a terra, com a natureza, por meio da luta de sua comunidade pelo território. A narrativa do autor nos apresenta a sabedoria advinda dos antepassados e os laços de solidariedade e afeto em meio ao embrutecimento, além da opressão e da relação de servidão ao qual eram submetidos, revelando a ligação umbilical com a terra como meio de frutificação da vida, lugar de germinação e de acolhimento:

Atento ao movimento dos animais, dos insetos, das plantas, alumbrava meu horizonte quanto me fazia sentir no coro as lições que a natureza havia lhe dado. Meu pai não tinha letra, nem matemática, mas conhecia as fases da lua. Sabia que na lua cheia se planta quase tudo; que mandioca, banana e frutas gostam de plantio na lua nova; que na lua minguante não se planta nada, só se faz capina e coivara. [...] Meu pai, quanto encontrava um problema na roça, se deitava sobre a terra com o ouvido voltado para seu interior, para decidir o que usar, o que fazer, onde avançar, onde recuar. Como um médico à procura do coração (VIEIRA JUNIOR, 2019, p. 99-100).

O trecho destacado ressalta a ligação e o respeito das comunidades tradicionais com a terra, ou seja, com a natureza. As mãos calejadas que plantam, que colhem, são as mesmas que acariciam, demonstrando a capacidade de ver, escutar e perceber as sutilezas que os cercam. Nesse mesmo sentido, o escritor Mia

Couto em sua obra “E se Obama fosse Africano?”, traz reflexões a partir da vivência de campo. Ao constatar a sabedoria dos povos, ele assim discorre: “Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto” (COUTO, 2011, p. 14).

São construções literárias como as de Itamar Júnior, Mia Couto e Manoel de Barros que, em tempos de estímulo de um sistema de desencanto ecológico e do antiecológico, tornam-se fundamentais para abrir nosso olhar para outros campos possíveis, para a criação de novos mundos com base nos universos poéticos que nos rondam, que nos mostram caminhos onde possamos ampliar as novas possibilidades de pensar o mundo sob um viés ético, político e socioambiental.

Anteriormente, eram as comunidades tradicionais que, em virtude da invasão de seu território por mineradoras, madeireiras e garimpos, estavam ameaçadas de ser extintas. Hoje, trata-se de toda a população do planeta, haja vista a iminência da Terra não mais suportar os desatinos que lhe causam. Desse modo, chegou o momento de a sociedade abrir os olhos e refletir com base em uma perspectiva de mudança, do despertar da consciência, conforme enfatiza Morin: “A crise da pandemia fornece de novo alguma seiva à consciência ecológica. Talvez seja preciso esperar estar na beira do abismo para que seja acionado o reflexo de salvação vital” (MORIN, 2020, p. 18).

Assentindo às palavras de Morin (2020), esperamos que o caos pelo qual passa o planeta, em virtude da disseminação da covid-19, possa resultar numa mobilização para o despertar ecológico e tornar-se um divisor de águas na busca pela consciência ambiental — sobretudo em relação aos perigos iminentes de outras tragédias sanitárias caso não mudemos nossa maneira nefasta e egoísta de nos relacionar com os não humanos, com os quais coabitamos o planeta, e passemos a entender a linguagem que a natureza se utiliza para comunicar-se e os alertas que nos foram oferecidos por ela e pela ciência.

A Terra se comunica pela condição do ar que respiramos; pelo desaparecimento de espécies, que desregulam a biodiversidade; pelas alterações climáticas, enchentes, desabamentos, queimadas em demasia; entre outras formas. Essas ações podem ser entendidas como tentativa de o planeta dialogar com a espécie humana. No entanto, temos que estar dispostos e sensíveis para enxergar esses sinais.

Por isso, precisamos não só recriar nossos afetos, ressignificar nossa relação com a natureza, mas poupá-la das atrocidades, pois é a partir dela que se constitui nossa existência. Nas palavras de Morin (2020, p. 84) “[...] devemos nos sentir solidários com este planeta, pois nossa vida está ligada à sua existência; precisamos não só arrumá-lo, mas também poupá-lo; precisamos reconhecer nossa filiação ontológica; é o cordão umbilical que precisa ser reatado”.

Essa crise civilizatória pela qual estamos passando não pode ser vista como “mais uma”. Não podemos voltar a enxergar o mundo da mesma forma de quando adentramos a pandemia sem antes nos colocarmos num processo de reflexão, pautado pela necessidade de transformação, de mudança de atitudes em relação ao mundo, entre a própria espécie humana e com os não humanos. Se voltarmos para o mundo da mesma maneira que saímos, veremos que ele se encontra insustentável, de forma que não podemos voltar ao “normal” e disfarçar que nada aconteceu. Foi esse “normal” que nos levou ao fundo do poço e nos transportou para essa pandemia. Nas palavras de Krenak (2020a, p. 9), “Tomara que não voltemos à normalidade, pois, se voltarmos, é porque não valeu nada a morte de milhares de pessoas no mundo inteiro”.

E mesmo em tempos atravessados pela tristeza, pela morte, temos a arte, que por meio da literatura, da música, das artes plásticas, do cinema, proporcionou-nos um afago tão necessário, fortaleceu-nos e concedeu-nos uma fresta de luz para encarar a realidade. Deu-nos um suspiro, acalentou nosso coração e iluminou faces humanas por trás da dor e do medo constante. Concedeu-nos a esperança de acreditar em dias melhores, como nos inspirou Chico Buarque em “Apesar de Você”, na esperança que os jardins voltem a florir e tornemos a acreditar no “Amanhecer renascer e esbanjar poesia”, canção que exalta a liberdade em tempos obscuros, difíceis de ser vividos, superados, e com a oportunidade de escrevermos uma outra página na história da humanidade.

É necessário realizar a travessia desta pandemia com a consciência de que o “normal” foi o que nos levou a ela. Foi a maneira predatória de nos relacionar com a natureza, de supressão da diversidade ambiental, que nos levou à proliferação do vírus. E se não despertarmos para a necessidade de uma nova concepção de mundo surgirão outros, cada vez mais resistentes, em decorrência da destruição do habitat

de animais silvestres, da desertificação do planeta, de um modelo de desenvolvimento predatório, causador do adoecimento e de uma crise ambiental sistêmica.

Dessa maneira, que possamos nos inspirar na letra de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, compositores da canção “Cais”. Que em meio à tormenta, às catástrofes e à barbárie de ideias que se alastram e proliferam pelo mundo, possamos encontrar o cais que nos inspire a romper a tormenta. Que pelas pequenas frestas e fendas consigamos atravessar e reagir ao retrocesso que se instala no país e no mundo e recuperar nossa capacidade de sonhar, de nos organizar politicamente em defesa de outros modos de vida. Que sejamos menos predadores social, ambiental e economicamente e que a partir disso consigamos estabelecer novas formas de entrelaçamentos entre humanos e não humanos, mobilizados por ideias de afeto e justiça socioambiental.

Nesse sentido, a Educação Ambiental tem papel fundamental por compor e acolher, também, propostas e intervenções que apoiam percepções sensíveis em relação a natureza. Abrir-se para perspectivas ecológicas, estabelecendo outras formas de interação, acessando outros saberes e exercitando modos outros de viver em coletividade, de modo a não perder a comunicação com os outros seres, conforme dispõe Krenak (2020c, p. 49): “Quando despersionalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo de humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista”.

Estabelecer conexão é deixar-se fecundar pelos caminhos da sensibilidade com o ambiente natural, de modo a contrapor as formas utilitaristas, destrutivas e exploratórias da natureza, e evocar a transformação a partir da compreensão. Isso nos leva a entender a necessária interação entre humano e natureza e compreender que os saberes emergentes das margens são, justamente, capazes de nos ensinar a estabelecer essa íntima e tão necessária relação.

Diante disso, compreendemos a necessidade de adotar outras maneiras que permitam a convivência social baseada em uma existência humana que se comprometa com as questões ambientais, bem como na resignificação da relação sociedade-natureza, tendo em vista que a perspectiva ocidental antropocêntrica tem levado à dissociação entre humano-natureza, estabelecendo um dos grandes fatores

para o desequilíbrio e para os desastres ambientais que assombram a continuidade da vida humana na Terra.

Dentro dessa esfera dicotômica, que estabelece a diluição entre sociedade e natureza, sujeito e objeto, Latour (2019) discorre que a natureza compreende a sociedade e propõe pensarmos essa união no mesmo plano das ideias, bem como oferecer igualdade de tratamento, em vez de insistirmos em diferenciá-las:

Mas a palavra “natureza” designa também o conjunto, ou mais exatamente a reunião, que compreende ao mesmo tempo a natureza (não social) e a sociedade humana. Em vez de insistir nas diferenças, pode-se, entretanto, partir da reunião para definir a totalidade da natureza. Essa estratégia de globalização não é mais estável que as formas precedentes, porque não existe nenhum ponto de partir assegurado para efetuar essa manobra de envolvimento (LATOURE, 2019, p. 90).

A proposição do filósofo francês preconiza acabar com a oposição entre sociedade e natureza, como forma de organização política, visto que tem se mostrado insuficiente para conduzir e combater os conflitos ambientais que emergem justamente porque essa forma de disjunção criou um abismo que apenas fortalece os preceitos predatórios e mercantilizados dirigidos à natureza. O maior desafio está em fazer natureza e sociedade fontes articuláveis e expandir a compreensão de natureza não isolada, mas com os humanos.

Para tanto, conforme sugere Layrargues (2020b), é fundamental contestar o modelo de desenvolvimento que não considera a finitude dos bens naturais e aprender a contestar ideias, valores e políticas que se limitam apenas à sustentabilidade como estratégia para favorecer a economia, em detrimento das questões socioambientais. Isso porque “[...] aprender a reivindicar, aprender a protestar, aprender a agir coletiva e politicamente para defender o ambiente: essas são as novas aprendizagens que emergem da libertação do espírito subversivo e do sentimento de indignação [...]” (LAYRARGUES, 2020b, p. 77).

Encontramos fortes características desse sentimento de indignação, ressaltado pelo pesquisador, na ambientalista sueca Greta Thunberg, que vem se destacando no cenário mundial. Ela tornou-se símbolo e referência como uma das principais ativistas pelo meio ambiente por conseguir mobilizar jovens no mundo inteiro pela causa climática, recorrendo à rebeldia, afrontando a elite política e econômica mundial e cobrando que assumam suas responsabilidades em face da crise climática e mudem suas políticas de enfrentamento, a fim de que sejam mais efetivas no combate das consequências. Para dar visibilidade à luta, desde agosto de 2018 Greta faltava à

escola todas as sextas-feiras e se sentava em frente ao Parlamento, em Estocolmo, à espera de medidas concretas dos políticos do país em relação às mudanças climáticas.

Greta inovou e saiu completamente do lugar comum para se firmar como uma ativista ambiental militante na vida pública e no âmbito internacional, muito além da consumidora ecologicamente consciente que adaptou seus comportamentos na esfera privada e doméstica. Inesperadamente contrariou os poderes estabelecidos, e enquadrou os donos do poder global a finalmente assumirem a responsabilidade que lhes cabe no enfrentamento da crise climática, condizente com sua decisiva influência na tomada de decisão sobre as políticas globais, enquanto lideranças das maiores potências políticas e econômicas do setor público e privado mundial (LAYRARGUES, 2020b, p. 56).

Além da influência e da mobilização mundial causada por Greta, o Papa Francisco vem realizando modificações significativas na igreja católica que, durante milênios, assim como as demais religiões abraâmicas, compreendiam o humano como um ser superior às demais espécies e, por isso, a natureza estaria submetida a ele.

Nessa progressiva evolução, observamos a publicação da “Carta encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum”, em 2015, que se trata de um chamado ao engajamento dos cristãos na defesa da biodiversidade e da questão socioambiental. O documento incentiva os católicos e também acaba influenciando os seguidores de outras denominações religiosas sobre a necessidade de abertura ao diálogo para a construção de uma outra forma de convivência entre as diferentes espécies no planeta, sob uma perspectiva ecológica. Nas palavras de Alves (2015), a encíclica do Papa é um chamado aos católicos para ação em relação às questões socioambientais:

[...] diz que o combate ao aquecimento global e à degradação do meio ambiente é um imperativo moral para todos os católicos. Ao invés de dominar e explorar de forma predatória os ecossistemas, o ser humano deveria cuidar da “comunidade de vida” do planeta. A encíclica é um chamado à ação e veio em boa hora, podendo contribuir para o engajamento dos cristãos na defesa dos ecossistemas, da biodiversidade [...] (ALVES, 2015, p. 1316).

Na condição de líder da igreja católica, ao publicar a carta Papa Francisco estabelece preocupação quanto à crise climática, principalmente no tocante aos países e populações mais vulnerabilizadas socialmente e que são, no geral, os mais afetados pelos desastres ambientais, seja devido à questão social, à ausência de recursos financeiros ou por residirem em encostas ou em regiões a ocorrência de desabamentos e enchentes são mais recorrentes.

As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Provavelmente os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento. Muitos pobres vivem em lugares particularmente afetados por fenómenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema como a agricultura, a pesca e os recursos florestais. Não possuem outras disponibilidades económicas nem outros recursos que lhes permitam adaptar-se aos impactos climáticos ou enfrentar situações catastróficas, e gozam de reduzido acesso a serviços sociais e de proteção (FRANCISCO, 2015, p. 22-23).

E diante da destruição da biodiversidade, do aniquilamento do diferente, do desprezo pelas minorias e de toda a complexidade que envolve a questão ambiental, os textos literários, bem como outras expressões artísticas, podem potencializar o diálogo com os pressupostos da Educação Ambiental, como instrumento que vai além de uma análise semântica ou sintática, mas busca romper limites — sobrepondo sentidos — e abrir espaço para o que está descrito textualmente — tornando-se um estimulador de ideias, permitindo um processo de ressignificação por parte do leitor.

Diante disso, cumpre assinalar que a literatura, ao longo dos anos, apresentou-se como ferramenta importantíssima na disseminação de saberes em relação à problemática ambiental por abordar questões alusivas à relação entre o humano e a natureza, bem como às diversas formas de conhecimentos que emergem nesta relação, conforme ressalta Scarpelli (2007):

Ao longo da história da humanidade, a literatura tem-se muitas vezes mostrado, mais do que outras formas de conhecimento, capaz de representar o irrepresentável ou o indizível. Ou seja: dota-se da potência de traduzir aquilo que outras linguagens não são capazes de expressar. Assim sendo, graças às virtualidades imagéticas da criação literária, torna-se-lhe possível dar materialidade e visibilidade àqueles elementos que, doutra forma, seriam intraduzíveis e imperceptíveis a olho nu. Trata-se de elementos sutis, constitutivos da interface oculta entre realidade e imaginação, natureza e cultura (SCARPELLI, 2007, p. 190).

São os elementos "sutis", como destaca Scarpelli, associados à relação sociedade-natureza, que buscaremos desvelar nas obras literárias estudadas para a construção desta tese, que pode ser um instrumento para dialogar com a Educação Ambiental e contribuir para ressignificar a relação da sociedade com a natureza. Isso porque a literatura, em muitas obras, mostrou-se atenta, pois ao "[...] preocupar-se com problemas de preservação e sustentabilidade de nosso planeta, ela não deixa de equacionar em que medida cada um desses elementos se vê limitado ou potencializado pelo outro" (SCARPELLI, 2007, p. 197).

À vista disso, a literatura se constitui ferramenta essencial de manifestação humana, de expressão de seus valores na produção em todas as formas, manifestações e, fundamentalmente, importante veículo de disseminação cultural e artística. Conforme destaca Barcelos (2006, p. 4), ela "[...] pode constituir-se em mais um território de acontecimentos da aprendizagem. Uma escola não formal da e pela vida, à medida em que possibilita aos homens e mulheres um pouco mais de conhecimento sobre si mesmo e sobre sua história, sua cultura".

Por meio dessa relação interdisciplinar e dialógica entre literatura e meio ambiente, é possível uma compreensão da diversidade do mundo, da necessidade de refletir a respeito da problemática ambiental, bem como de pensar, mediante consciência crítica, em maneiras de auxiliar as consequências dos problemas socioambientais. De acordo com Scarpelli (2007), a literatura, por intermédio de suas obras, pode contribuir para questões relativas ao desenvolvimento da consciência crítica e da ética ambiental, visto que se trata de uma área do conhecimento que se mostra sensível para as coisas do mundo e traz profundas contribuições para a construção de outro olhar para a questão ambiental:

[...] pelo olhar múltiplo de que a literatura se dota, mostrando-se ela capaz, a partir de sua perspectiva diferencial, de conferir a complexidade de focos necessária para se ler a diversidade e a mutabilidade do mundo. Ela se dotaria, nesse sentido, da potência oracular de antecipar imaginários e transformações negativas, como degradações, desastres, guerras, dominações, hecatombes, mudanças climáticas relevantes, que poderiam, caso ela fosse ouvida (ou lida), ser evitada. Importa obviamente salientar a propriedade positiva que possui a literatura em prever riquezas, novas formas de alimentos, sustentabilidade, saúde, a serem potencializadas em benefício do homem, do meio ambiente, da vida (SCARPELLI, 2007, p.190).

Nessa perspectiva, é imprescindível a compreensão de que a Educação Ambiental, em diálogo com a literatura, pode se constituir espaço privilegiado de produção de conhecimento, sobre o que se produz na interação da espécie humana e natureza. Desse modo, pode criar condições para uma nova relação entre os seres vivos e ressignificar valores éticos, com o fortalecimento do diálogo e a da dignidade humana, de forma a conceber novas formas de produzir e consumir na sociedade, contribuindo para a construção de valores humanos comprometidos com a vida de todas as espécies.

E diante de um momento pós-pandemia e de toda a imprevisibilidade trazida por ele, é imprescindível que a Educação Ambiental, na qualidade de processo formador que visa à transformação da realidade socioambiental, esteja agregada aos

princípios do Bem Viver, trazidos por Acosta (2016), como uma possível perspectiva epistemológica para trilharmos um novo caminho no qual a humanidade seja redescoberta, mostrando ser possível mudar o rumo pelo qual o mundo caminha.

1.3 Sobre a Ecocrítica

Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores
Faz comunhão com as aves
Faz comunhão com as chuvas
Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios,
com os ventos, com o sol, com os sapos.

Manoel de Barros

Com a urgência de combater os problemas ambientais que assolam o planeta e as relações constituídas ao longo dos anos entre o ser humano e a natureza, dos estudos literários originou-se a Ecocrítica. Ela emerge como uma abordagem interdisciplinar baseada na necessidade de a crítica literária abrir-se para a perspectiva ecológica, invocando conhecimento das ciências naturais e dos estudos socioculturais com a finalidade de pensar e problematizar o papel da literatura nas questões ambientais mediante o enfrentamento da ideia dominante de separação entre humano e natureza.

Centrada na aproximação dos estudos literários com o meio ambiente, a Ecocrítica caracteriza-se como o estudo das relações da natureza na literatura que busca analisar as representações, as ideias e a presença de temas ambientais nas produções literárias atrelados às relações entre o humano com os animais, vegetais e minerais. Ou seja, compreende as interações do humano com a natureza no intuito de auxiliar nas respostas à crise ambiental e de fortalecer o desenvolvimento para uma consciência ambiental. Nas palavras de Garrard (2006, p. 16), o objeto da ecocrítica se particulariza como sendo "[...] o estudo da relação entre o humano e o não humano, ao longo de toda a história cultural humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo 'humano'".

Etimologicamente, a Ecocrítica originou-se da junção entre as palavras "Ecologia" e "Crítica", tendo sido utilizada pela primeira vez em 1978 por William Rueckert no artigo "*Literature and ecology; an experiment in ecocriticism*"³, no qual o autor aproxima a literatura da ecologia, considerando a forma destrutiva com que a natureza vem sendo utilizada e apropriada pela espécie humana. Rueckert (1996)

³ Literatura e Ecologia: um experimento em Ecocrítica

destaca que os problemas ambientais não podem mais ser invisibilizados, sendo necessária uma mobilização a esse respeito, uma vez que a crise ambiental se deu em decorrência dos meios destrutivos utilizados, que atingem o ecossistema de maneira vertiginosa:

estamos em meio a uma crise ambiental porque os meios escolhidos para nos apropriarmos da ecosfera em busca da produção de riqueza são danosos para o próprio ecossistema. O sistema de produção atual é autodestrutivo. O percurso atual da civilização humana é um trajeto suicida. Nossa marcha inconsciente rumo ao suicídio ecológico não nos deixa opções. Os seres humanos quebraram o ciclo da vida, fomentados não pela necessidade biológica, mas por uma organização social em que anseia a conquista da natureza... Minha jornada acadêmica inteira me ensina que não se trata de uma mera assertiva retórica e que nenhum compêndio retórico ou manipulação da linguagem em termo político, econômico, tecnológico ou outro fará com que o resultado seja diferente. Esta é uma realidade concreta, com abrangência biosférica, que devemos enfrentar e estarmos dispostos a fazer algo a respeito (RUECKERT, 1996, p.116, tradução nossa)⁴.

Apesar de ter sido cunhada pela primeira vez no final da década de 1970, tendo forte preocupação política ligada ao movimento ambientalista, — mesmo período em que despontava o movimento feminista e o movimento de direitos afro-americanos antirracistas nos EUA e no mundo ocidental, entre 1960 e 1970 — a Ecocrítica, como corrente de estudos literários, despontou apenas nos anos de 1990 com a publicação de ensaios que tratavam sobre a temática.

Em face dos desafios causados pelas crises ambientais globais e das alterações climáticas que vem emergindo, a literatura, como ferramenta, tem a capacidade de abrir-se para perspectivas excluídas e marginalizadas na qual, normalmente, caracterizaram o mundo natural e sob o prisma da Ecocrítica, de modo a colocar a natureza como elemento intrínseco à sociedade.

Em decorrência dessa emergência climática, do aquecimento global, dos desastres ambientais e dos desmatamentos, nada mais natural que as artes, por meio de diversas expressões, de sua diversidade, problematizar as consequências da

⁴ *we are in an environmental crisis because the means by which we use the ecosphere to produce wealth are destructive of the ecosystem itself. The present system of production is self-destructive. The present course of human civilization is suicidal. [In our unwitting march toward ecological suicide we have run out of options. Human beings have broken out of the circle of life, driven not by biological need, but by social organization which they have devised to conquer nature . . . All my literary training tells me that this is not merely rhetoric, and that no amount of rhetoric or manipulation of the language to political, economic, technological, or other ends will make it go away. It is a substantive, biosphere-wide reality we must confront and attempt to do something about* (RUECKERT, 1996, p.116).

questão ambiental, como corrente literária crítica que pode explicar os fenômenos lançados nos textos literários, de modo a perceber o que está por trás desses conflitos e desastres socioambientais.

Conforme dispõe Mendes (2020, p. 100), a “[...] a abordagem Ecocrítica da literatura e de outras manifestações culturais nos auxilia, pelo menos, a tomar consciência das consequências da nossa interferência no planeta e mudar atitudes”. Dessa forma, o intuito da Ecocrítica é problematizar questões que se colocam em diálogo entre o humano e a natureza. No entanto, ela não é apenas o estudo das representações da natureza na literatura; sua finalidade é mais profunda, visto que há uma dimensão ética dos pressupostos ecocríticos, comprometida com a consciência ecológica na qual a natureza se compõe como sujeito e não como objeto.

Assim, a Ecocrítica, na condição de abordagem interdisciplinar, oferece base para análise crítica sob uma perspectiva ecológica, tanto nos textos literários quanto em outras expressões artísticas que deslocam o olhar para essa problemática, tornando-se um espaço fundamental de fonte de dados em relação ao humano e à natureza — sobretudo no que diz respeito à urgente e necessária mudança de paradigma quanto à nova ética acerca da relação entre os humanos e as demais espécies.

É importante salientar que a literatura permanentemente foi um lugar de esgarçamento das fronteiras do humano, considerando sua potencialidade de nos levar além dos limites, de romper fronteiras entre o humano e o não humano e de proporcionar uma visão do outro, do afeto que se dá por meio da presença desses seres nos textos, permitindo que enxerguemos essas outras formas de vida como sujeitos de direitos.

Dessa forma, a função da literatura, sob o viés ecocrítico, é responder aos desafios ecológicos globais e abordar questões ambientais nas quais especificamente sejam esboçados valores que expressem as problematizações e as implicações de cunho socioambiental em face da problemática ambiental — especialmente quanto à necessidade de disseminação de uma consciência socioambiental no tocante às consequências da interferência humana no planeta e à resignificação da relação de sentido afetivo entre humanidade e natureza.

Conforme dispõe Garrard (2006, p. 16), o estudo das relações entre a literatura e o meio ambiente por meio da Ecocrítica “[...] singulariza-se, entre as teorias literárias

e culturais contemporâneas, por sua estreita relação com a ciência da ecologia”. E com o propósito de pensar a literatura a partir das questões ambientais, a abordagem Ecocrítica baseia-se em uma variedade de teorias, como o ecofeminismo e o marxismo, uma vez que a problemática ambiental não pode ser despreendida das questões que emergem das desigualdades sociais e de gênero. Além disso, essa abordagem alia-se aos defensores da justiça ambiental, utilizando de diferentes pensamentos e teorias para identificar e analisar como são refletidas e percebidas, nos textos literários, as implicações ecológicas que emergem das relações destrutivas da sociedade com o meio natural.

O pesquisador Gred Garrard foi um dos presidentes e fundador da *Association for the Study of Literature and Environment* — ASLE⁵, entidade criada nos Estados Unidos em 1992 e com filiais em vários países, inclusive no Brasil. Como importante campo interdisciplinar dos estudos literários, nas últimas décadas realizou importantes produções em diversos gêneros literários e artísticos e, por ser inerentemente interdisciplinar, dialoga com diferentes áreas do conhecimento.

Segundo Garrard (2006, p. 16), a ASLE tem se direcionado para uma “[...] Ecocrítica mais geral da cultura, com estudos sobre textos científicos populares, cinema, televisão, arte, arquitetura e outros artefatos culturais, tais como parques temáticos, zoológicos e centros comerciais [shoppings]”, analisando de que forma as relações entre o humano e o não humano têm sido representadas nesses espaços e como contribuem para o debate referente à crise socioambiental.

É importante destacar que os estudos ecocríticos ainda são incipientes por ser um campo teórico-crítico recente, iniciante no mundo acadêmico, sendo poucos os grupos que trabalham com a Ecocrítica no Brasil. Entre eles podemos destacar o grupo de estudos da Universidade Federal da Paraíba — UFPB, onde foi fundada a filial brasileira da Associação para o Estudo da Literatura e Meio Ambiente do Brasil. A Associação tem como diretora a Profa. Zélia Monteiro Bora, da UFPB, e como objetivo incentivar os estudos críticos e teóricos relacionados à criação literária sob a perspectiva ambiental, além da relação entre literatura, humanidades e artes, de forma a difundi-los amplamente no Brasil.

⁵ Associação para o Estudo de Literatura e do Meio Ambiente (ASLE).

Além do grupo de estudos da UFPB, o Prof. Klaus Eggensperger, da Universidade Federal do Paraná — UFPR, e o Prof. Márcio Matiassi Cantarin, da Universidade Federal Tecnológica do Paraná — UTFPR, fundaram o Grupo de Estudos Ecocríticos — Geco em 2017. O Grupo tem o propósito de divulgar a Ecocrítica, ainda pouco conhecida no Brasil, difundindo dentro e fora do âmbito acadêmico suas abordagens e discussões. Entre as ações organizadas pelo grupo está a criação do simpósio “Ecocrítica comparada, decolonialidade e literatura: olhares sobre a natureza no antropoceno” no XVII Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada — ABRALIC, ocorrido em setembro de 2021.

Esses grupos de estudos organizados no meio acadêmico têm como objetivo expandir essa corrente de estudos literários do Brasil, pautada, sobretudo, pela relação do humano com o seu meio, como posição ética e política, com a finalidade de escutar tudo aquilo que é silenciado. E a literatura, como instrumento de produção de conhecimento, tem a capacidade de pensar os conflitos ambientais e incentivar valores que podem contribuir para a sensibilização ambiental na sociedade, conforme destaca Barcelos (2005, p. 79): “[...] a literatura constitui-se em uma das manifestações humanas e artísticas das mais significativas no sentido de dar forma e divulgar valores neste processo permanente que é a produção da cultura”.

Dessa forma, o pensamento ecocrítico contraria o viés antropocêntrico arraigado na sociedade, que centra o sistema de valores do mundo exclusivamente nos humanos, confere superioridade ao humano em relação às demais espécies, favorece a continuidade do pensamento dualista, separa o humano da natureza — fundamentando práticas de dominação e opressão que se arrastam ao longo da história —, legitima práticas e valores que acobertam mecanismos antiecológicos e autoriza a lógica da dominação sobre natureza e entre a própria espécie humana.

Além do mais, as preocupações da Ecocrítica em relação ao meio ambiente ultrapassam as questões que dizem respeito ao texto literário, pois também ampliam e abordam aspectos socioambientais com base em diversas correntes epistemológicas. Isso mostra que a Ecocrítica pode contribuir com seus estudos para uma mudança paradigmática quanto à questão ambiental, conforme destaca Correia (2019):

A ecocrítica é baseada em grande parte nas diferentes teorias filosóficas e nos movimentos sociais que se ocupam da relação dos humanos com o seu entorno (ética ambiental, ecosofia, ecofeminismo, ecologia profunda, justiça

ambiental etc). Assim, salienta-se que o objetivo maior da ecocrítica é superar o antropocentrismo [...] (CORREIA, 2019, p. 24).

A intencionalidade dos pressupostos ecocríticos é sensibilizar os indivíduos no tocante à questão socioambiental, posicionando-os como seres constituintes da natureza e capazes, por meio dos textos literários, de expressar uma nova forma de se relacionar com a natureza, haja vista os seres humanos ainda continuarem a enxergá-la como algo externo, como forma de inferiorizar os demais seres vivos, e não algo intrínseco ao humano.

Figueiredo (2018) expressa que a diferença da Ecocrítica para as demais correntes literárias está na presença da questão ambiental inserida nos textos literários, trazendo reflexões necessárias para o momento atual. O autor salienta que, em decorrência das mudanças climáticas, das catástrofes e da expansão econômica que ocorre de forma insustentável, é crescente o número de refugiados ambientais e “[...] aprofundam-se as desigualdades econômicas, radicaliza-se a luta popular pelo acesso à água, num embate com as empresas que pretendem privatizá-la e ascendem movimentos neonazistas, misóginos, homofóbicos, racistas e xenofóbicos” (FIGUEIREDO, 2018, p. 29).

Além disso, os textos literários, à luz da Ecocrítica, configuram-se dispositivos ao instigar e gerar reflexões sobre os problemas sociais, levantando o debate em relação aos desafios ecológicos globais à medida que estabelece conexões com a realidade do planeta, uma vez que a crise ambiental não pode ser negligenciada nos estudos literários.

Logo, as demais expressões artísticas não devem estar dissociadas da natureza, de modo que a questão ambiental precisa ser discutida e dialogada como um problema civilizatório e que as questões sociais e ambientais também não podem ser reconhecidas como elementos dissociados. É dentro dessa concepção que a Ecocrítica se insere, movimentando-se para dar atenção a ambientes outros e fomentar discussões, a fim de ampliar a consciência ambiental nos estudos literários, conforme assinala Oppermann (1999):

A ecocrítica, então, busca encontrar uma ligação entre o ser humano e o não humano no intuito de mostrar como eles podem coexistir através de diferentes formas, uma vez que as questões ambientais evoluíram como uma parte integral da nossa existência. Este é um aspecto que a ecocrítica se baseia, onde o foco é a busca por uma posição de maior consciência

ambiental nos estudos literários (OPPERMANN, 1999, p. 2, tradução nossa)⁶.

Assim, a literatura permite esse exercício de alteridade, que nos leva a linguagens utópicas de arrebatamento pelo outro, de alteridade com a natureza, uma vez que não é mais aceitável, diante dos impactos socioambientais no planeta, que os estudos literários desconsiderem a problemática ambiental em suas produções, trazendo-a apenas como algo superficial, desconsiderando os impactos éticos decorrentes do processo de dominação e objetificação dos bens naturais.

Além disso, a literatura, com base em seu universo poético e à luz da Ecocrítica, permite-nos compartilhar nossa existência com seres outros, como lugar privilegiado. Traz aquilo que está oculto e configura-se como o lugar onde os não humanos ganham voz, existência e são vistos, de modo que essa corrente se estende para além de pensar a problemática ambiental — sobretudo no que diz respeito ao reestabelecimento do vínculo com a natureza baseado na consciência socioambiental, sob a ótica da ética ambiental. Isso porque, ao abrir-se para perspectivas dos seres marginalizados, oprimidos e excluídos que continuamente caracterizaram a alteridade no mundo natural, ela contrapõe o paradigma separatista de distinção entre humano e não humano, que há séculos coloca a humanidade como dominadora indiscutível da natureza.

Nesse sentido, a Ecocrítica aborda as questões ambientais nos textos literários centrada no planeta, de modo a identificar, sob uma perspectiva ecológica, a maneira com a qual ela é caracterizada e se há valores transmitidos que contribuam para uma consciência ambiental, conforme dispõe Oppermann (1999):

A ecocrítica habilita a crítica para analisar os escritos acerca do meio ambiente físico no discurso literário em si, bem como desenvolve uma abordagem geocêntrica nos estudos literários. Dessa forma, perpassar os limites entre as esferas humanas e não humanas conduziria a ecocrítica para analisar de que maneira a visão ecológica é tida ou subvertida na literatura. Dentro dessa perspectiva ecocrítica, a apropriação da literatura e de discursos ecológicos poderia, inevitavelmente, criar uma fecundação cruzada tão logo as interconexões entre as ciências naturais e os estudos literários são reveladas (OPPERMANN, 1999, p. 5, tradução nossa)⁷.

⁶ *Ecocriticism, then, attempts to find a common ground between the human and the nonhuman to show how they can coexist in various ways, because the environmental issues have become an integral part of our existence. This is one problem that ecocriticism addresses in its attempt to find a more environmentally conscious position in literary studies* (OPPERMANN, 1999, p. 02).

⁷ *Ecocriticism does enable the critic to examine the textualizations of the physical environment in literary discourse itself, and to develop an earth-centered approach to literary studies. In this case, crossing of the boundaries between the human and the nonhuman spheres would enable the ecocritic to analyze*

Dessa forma, para a construção de textos literários que possam ser lidos com base na perspectiva Ecocrítica, é fundamental que eles sejam dotados de consciência política e socioambiental, com o propósito de causar o estranhamento no leitor, de inverter papéis, uma vez que a Ecocrítica é o render-se e igualar-se ao outro, de modo a confrontar o modelo de civilização extremamente predatório.

Além disso, é imprescindível que sejam sensíveis e dispostos a romper barreiras que disseminam a superioridade dos seres humanos em relação às espécies com as quais dividem o planeta, de maneira a reconhecer a inseparabilidade entre os seres. Como aponta Rocha, Feldman e Silva (2020), a intenção dos estudos ecocríticos consiste em

[...] promover uma mudança de ideias e informações que pertencem à literatura, tendo em vista a relação entre seres humanos e o mundo natural, o que propicia uma observação da literatura e da performance artística que abordam o ambientalismo, concepções da natureza e suas representações, ponderando a dicotomia humano e natureza, bem como as preocupações relacionadas ao tema (ROCHA; FELDMAN; SILVA, 2020, p. 33).

A separação dualista entre os seres humanos e a natureza distingue e confere superioridade ao humano em relação às demais espécies. São esses os preceitos, criticados pela Ecocrítica, que se diferenciam dos adeptos do ambientalismo por considerá-los apoiadores de posturas “superficiais” e por desenvolverem “uma visão instrumental da natureza, defendendo a preservação dos recursos naturais apenas em prol dos seres humanos, a ecologia profunda exige o reconhecimento do valor intrínseco da natureza” (GARRARD, 2006, p. 39).

Dessa forma, a Ecocrítica vai ao encontro dos preceitos da ecologia profunda que, por meio do campo literário e de outras formas de arte, busca pensar sobre o mundo com base na conexão dos humanos com os outros seres, que não podem estar desconectados, principalmente com a intensificação das crises ecológicas e o crescente conflito social em relação à utilização dos bens naturais.

the ways in which an ecological vision is addressed or subverted in literary texts. In such ecocritical approaches the use of literary and ecological discourses would inevitably create a rich cross-fertilization when interconnections between the natural sciences and literary studies are laid bare (OPPERMANN, 1999, p. 5).

Cabe ressaltar que, além da literatura, outras expressões da arte têm potencialidade nessa corrente, como as artes plásticas, o teatro, o cinema, a música, configurando-se ferramentas cruciais no que tange à promoção de provocações e reflexões a respeito da questão ambiental. Elas nos convidam à reflexão ao estarem abertas a questões que discutem a ordem de dominação imposta pelos seres humanos aos outros seres, assim como as opressões de classe, etnia e gênero — direcionadas não apenas para homens e mulheres, mas para aqueles que se definem com gênero ainda inclassificável —, de modo a romper o sentimento antropocêntrico ainda muito arraigado nos valores que compõem a sociedade.

Além do mais, a grande contribuição da Ecocrítica para o enfrentamento da crise ambiental que atinge o planeta está no (re)pensar o modo como a sociedade se relaciona com a natureza, para uma conscientização sobre a crise ambiental. Para Garrard (2006, p. 23), o grande desafio da Ecocrítica consiste em “[...] manter um olho nos modos como a ‘natureza’ é sempre culturalmente construída, em certos aspectos, e o outro no fato de que ela realmente existe, tanto como objeto quanto, ainda que de forma distante, como origem de nosso discurso”.

Outrossim, ao reconduzir o humano como ser constituinte da natureza, os textos literários, sob o viés crítico, propiciam um processo de reflexão sobre a sua atuação na sociedade diante dos problemas socioambientais, bem como dos recursos provenientes da apropriação dos bens naturais. Nas palavras de Garrard (2006, p. 35), “A natureza só é valorizada em termos de sua utilidade para nós”. Dessa forma, faz-se necessário entender o impacto na natureza em relação a essa forma de utilização dos bens naturais, o que requer a revisão desse sistema de valores no que tange à necessidade do reconhecimento da dignidade da natureza não humana como princípio ecocrítico.

Logo, os pressupostos ecocríticos, como abordagem de análise, e os pressupostos teóricos da Educação Ambiental serão utilizados como referenciais, de modo a estabelecer uma relação dialógica entre a literatura e o meio ambiente. Tal relação norteará e auxiliará nas análises das obras de Manoel de Barros, entendendo que esse diálogo entre o texto literário e as questões ambientais permitem uma (re)leitura das obras literárias, visando enxergar com maior profundidade as relações e as problematizações estabelecidas entre o humano e a natureza.

A teoria Ecocrítica, atrelada aos pressupostos da Educação Ambiental, por meio do texto literário, permite a análise das relações entre a literatura e o meio ambiente, das conexões entre o humano e a natureza e, sobretudo, da maneira como a literatura interage, na forma como são atribuídos ideias e valores que podem contribuir para o enfrentamento da questão socioambiental a partir das interações propiciadas pelos textos. Nas palavras de Carvalho (2007),

Nas relações entre literatura, ciência e EA, capturamos informações de como os seres humanos percebem, experienciam e concebem seus ambientes; desvelando as relações de saberes (e também poderes) envolvidas na construção histórico-social do conhecimento. O processo de transformação e compreensão da realidade também é possível, pois, o texto literário não constitui, a princípio, um texto utilitário. São os leitores/as que, a partir da interação com o mesmo, lhes atribuem significados e finalidades. O texto literário é aberto à participação e à intervenção do leitor (CARVALHO, 2007, p. 4).

Diante da preocupação com a forma como a literatura aborda os valores relacionados à crise ambiental, pois se trata de uma questão que não pode mais ser desprezada nos estudos a ela relacionados, os textos literários desempenham papel importante na compreensão da relação humano-natureza, dos dilemas ambientais enfrentados pela sociedade e da posição da espécie humana diante do planeta, a fim de potencializar outras formas de estar no mundo, evidenciando a fragilidade do modo de produção capitalista — que já não comporta as necessidades para enfrentamento da crise ambiental, especialmente no que se refere à relação de sentido afetivo entre humanidade e natureza e na condução de esforços para uma mudança de paradigma, de nova ética acerca das relações entre sociedade e natureza.

E por se configurar uma corrente condizente com os problemas socioambientais enfrentados pela contemporaneidade, é imprescindível que a literatura, à luz da Ecocrítica, traga elementos e novos caminhos críticos em relação à forma como o mundo natural é inserido no mundo literário, utilizando a linguagem para descrever não apenas a representação de árvores, animais, rios, montanhas — sob o olhar contemplativo ou estético —, mas fundamentalmente para transformar a visão androcêntrica de representar a natureza, inserindo-a como ser, constituída de direitos e de dignidade independentes da natureza não humana, e não mais como objeto.

Então, sua contribuição deve pautar-se, especificamente, pelo que se refere a rastrear e abordar ideias, explicitadas ou não nos textos literários, que tragam ou

disseminem em seus discursos visões convergentes que abarquem e sejam capazes de estimular o leitor para uma consciência socioambiental empática em relação a natureza, conforme discorre Oppermann (1999):

Um novo discurso da literatura ecológica pode alcançar o som da natureza sem necessariamente influenciar a preeminência humana. Nesse sentido uma interação dialógica com a linguagem da natureza poderia mudar o status humano de sujeitos falantes privilegiados. A consolidação dessa ecocrítica demanda um ensaio a partir das teorias críticas vigentes no intuito de codificar a literatura ecológica, contemplando a definição dos discursos literários de forma ecológica, que eu chamo de discurso ecoliterário, além de formular a base conceitual da crítica ecológica (OPPERMANN, 1999, p. 5, tradução nossa)⁸.

Por isso, consideramos a literatura uma importante expressão artística que, à luz dessa corrente, pode transmitir valores culturais com profunda influência sobre a sociedade, alçada por postura ética e de compromisso com o ambiente natural, contribuindo para uma visão mais ampla, de mudança cultural, e vislumbrando uma sociedade ecologicamente sustentável — sobretudo no que diz respeito aos dilemas causados ao planeta em virtude do desequilíbrio socioambiental e das relações destrutivas entre humanos com o meio natural.

Portanto, por ser uma corrente teórica de análise crítica, abarcou em suas considerações a problemática ambiental e a inseriu nos estudos literários, ouvindo e dando voz à natureza, instigada pela gravidade da crise ambiental, visando à problematização das relações humanas com o ambiente natural e suas interações. Desse modo, seu propósito dialoga com os preceitos da Educação Ambiental e da determinação de uma nova ética em relação ao ambiente natural, com vistas à superação dos mecanismos de desigualdade socioambiental.

Por fim, salientamos que as análises das obras literárias de Manoel de Barros propostas para esta pesquisa ocorreram de forma dialógica, permeadas pelos pressupostos da Ecocrítica e da Educação Ambiental, como mencionado, uma vez que para a realização dos estudos ecocríticos, ainda não foi desenvolvida uma metodologia própria. Isso porque, segundo Gifford (2009, p. 244), “A ecocrítica não

⁸ *A new eco-literary discourse can address nature's voice without infusing it with human preeminence. Then a dialogic interaction with nature's language would challenge the status of humans as the privileged speaking subjects. To do this ecocriticism needs to draw from the existing critical theories to codify literary ecology, to define ecologically focused literary discourses, which I have called eco-literary discourse, and to formulate the conceptual basis of ecological criticism as such* (OPPERMANN, 1999, p. 5).

desenvolveu uma metodologia de trabalho, embora sua ênfase na interdisciplinaridade, assume que as humanidades e as ciências devem dialogar e que seus debates devem ser informados igualmente pela atividade crítica e criativa”.

Desse modo, considerando a inexistência de um modelo próprio, optamos por realizar as análises das obras literárias propostas para esta pesquisa com base na perspectiva crítica da Educação Ambiental entrelaçada aos pressupostos teóricos da Ecocrítica, como forma de diálogo interdisciplinar entre esses distintos, mas, ao mesmo tempo, saberes convergentes.

CAPÍTULO 2 – AS INUTILIDADES NA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS

Poesia não é para compreender, mas para incorporar.
Entender é parede: procure ser árvore!
Manoel de Barros

2.1 Uma des-biografia do poeta Manoel de Barros

Apresentar uma des-biografia de Manoel de Barros. Tal será nosso intuito neste capítulo, no qual nos deteremos em identificar as possibilidades dialógicas entre a Educação Ambiental e a obra do autor. Também discutiremos sua abordagem em relação à natureza, com enfoque na forma como ele se relaciona com o meio ambiente, de modo a reafirmar a importância desses seres “inúteis” e que lhe são tão caros, desconstruindo quaisquer perspectivas que os subjuguem.

Salientamos que este trabalho não tem como intuito realizar uma análise esmiuçada dos poemas, interpretar ou classificar a poética de Barros, uma vez que o próprio autor diz que “[...] poesia não é para compreender, mas para incorporar” (BARROS, 2013, p. 16). Dessa forma, deteremo-nos em identificar a maneira como o poeta dialoga e expressa sua poética no tocante às questões ambientais.

Para construção desta pesquisa, tomamos como referência as obras que compõem o volume “Poesia Completa” (2013) e o livro “Memórias Inventadas” (2018).

Quadro 1 – Relação de obras de Manoel de Barros analisadas

OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO
Poemas concebidos sem pecado	1937
Face imóvel	1942
Poesias	1947
Compêndio para uso dos pássaros	1960
Gramática expositiva do chão	1966
Matéria de poesia	1970
Arranjos para assobio	1980
Livro de pré-coisas	1985
O guardador de águas	1989

Concerto a céu aberto para solos de ave	1991
O livro das ignoranças	1993
Livro sobre nada	1996
Retrato do artista quando coisa	1998
Ensaio fotográficos	2000
Tratado geral das grandezas do ínfimo	2001
Poemas rupestres	2004
Menino do Mato	2010
Escritos em verbal de ave	2011
Poema: A turma	2013
Livros infantis	
Exercícios de ser criança	1999
O fazedor de amanhecer	2001
Cantigas por um passarinho à toa	2003
Poeminha em Língua de brincar	2007
Memórias inventadas: a infância	2003
Memórias inventadas: a Segunda Infância	2006
Memórias inventadas: a terceira infância	2007
Memórias inventadas: a Terceira Infância	2008

Fonte: Elaborado pela autora.

O escolhido para incursão nesta pesquisa é conhecido como o poeta das coisas desimportantes por valorizar as coisas do ínfimo: “[...] é no ínfimo que eu vejo exuberância” (BARROS, 2013, p.317). Ele nos leva essencialmente à natureza quando discorre sobre os animais que rastejam, as coisas do chão, guiando-nos por um passeio sobre as coisas mínimas, que nos aproxima ao meio e que nos envolve por meio da poesia.

O diálogo entre humano e natureza é um tema recorrente na obra do poeta, buscando reforçar, a todo momento, a importância da comunhão do humano com a natureza e com as coisas. Isso na sociedade moderna, altamente contaminada pelos preceitos que valorizam o consumismo e a descartabilidade em detrimento dos seres e das coisas:

Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua

aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas (BARROS, 2018, p. 67).

Para Barbosa (2003, p. 18), tanto Manoel de Barros como Guimarães Rosa não utilizam a natureza como cenário, “[...], mas como matéria-prima de seus textos. Em ambos, a natureza nunca será descrita de forma documental; ela será nada mais que um dos elementos referenciais para onde seu trabalho com a palavra nos remete”.

Manoel Wenceslau Gomes de Barros destacou-se como um dos grandes escritores brasileiros. Nascido em Cuiabá, em 1916, o filho de João e Alice mudou-se ainda pequeno com a família para Corumbá, hoje município do estado de Mato Grosso do Sul, lugar em que passou a infância em uma fazenda no Pantanal, mais especificamente na região da Nhecolândia, nas águas do Pantanal sul-mato-grossense. Lá viveu até os nove anos, um meio social com os privilégios econômicos da pecuária extensiva.

Eu sou dois seres.
 O primeiro é fruto do amor de João e Alice.
 O segundo é lettral:
 É fruto de uma natureza que pensa por imagens,
 Como diria Paul Valéry.
 O primeiro está aqui de unha, roupa, vaidades
 frases.
 E aceitamos que você empregue o seu amor em nós (BARROS, 2013, p. 405).

Passar a infância nesse local possibilitou-lhe a vivência em meio às paisagens das terras pantaneiras e aos sabores das peculiaridades e fragrâncias da natureza; em meio a formigas, lagartos, passarinhos, a render seus dias às miudezas, às insignificâncias, conforme destaca Pinheiro (2013, p. 39): “[...] em sua poesia, apresenta um sentimento de ligação fisiológica com a terra a que pertence e com as formas de vida próprias daquele ambiente, com o intuito de fusão entre os seres para a instauração de uma nova ordem poética”.

Essa ligação fisiológica da qual trata Pinheiro (2013) se dá em virtude de o Pantanal deixar um rastro no poeta, que lhe proporcionou durante a infância o encantamento pelo silêncio das árvores; em meio a bichos do chão, fez amizade com as aves e emergiu sobre as águas, fazendo até o encurtamento delas. São essas memórias, agregadas aos resquícios de sua ancestralidade, que reverberam em sua obra, mediante uma linguagem que se mostra continuamente em comunhão com a natureza.

O poeta foi alfabetizado por uma tia no Pantanal e aos nove anos de idade mudou-se para o Rio de Janeiro para estudar no Colégio Interno São José dos Padres Maristas, onde permaneceu até entrar na faculdade para cursar direito. Os pais acreditavam que, com os estudos, o menino Manoel haveria de se desligar das coisas “inúteis”, das traquinagens e de ouvir somente os pássaros: “[...] O pai completou: ele precisava de ver outras coisas além de ficar ouvindo só o canto dos pássaros. E a mãe disse mais: esse menino vai passar a vida enfiando água no espeto! Foi quase” (BARROS, 2018, p. 62). O menino poeta não só continuou a enfiar água no espeto, como também passou a peneirá-la.

No colégio, o primeiro contato com a literatura se deu ao ser obrigado a realizar leituras como forma de castigo, em virtude de cometer “pecados solitários”. Entretanto, as leituras que deveriam ser realizadas em forma de punição por um suposto delito moral tornaram-se prazerosas, sobretudo com os sermões de Padre Vieira, autor que o deixou maravilhado, despertando-o, naquele instante para o encantamento por suas obras: “[...] Meu castigo era ficar em pé defronte a uma parede e decorar 50 linhas de um livro. [...] Ao ler e decorar 50 linhas da Sexagésima, fiquei embevecido. E li o sermão inteiro” (BARROS, 2018, p. 20).

Ao finalizar o ensino médio, iniciou o curso de direito na Universidade do Rio de Janeiro, onde formou-se. Entretanto, não quis exercer a profissão de advogado. Sua vocação se inclinou para o exercício de ser poeta, que fugia das regras, e de amar justamente aquilo que todos desprezam, exercendo tal traquinagem até o fim de sua vida.

Com relação a questões políticas, ainda na juventude Manoel ingressou no Partido Comunista, no Rio de Janeiro. No entanto, decepcionou-se com o apoio de Luís Carlos Prestes em prol da candidatura de Getúlio Vargas. Cumpre ressaltar, ainda, que o então presidente foi o responsável pela prisão de Olga Benário e, posteriormente, pela sua deportação, sendo entregue aos nazistas, como relata o poeta em entrevista ao jornalista Bosco Martins⁹, em 2006, quando completou 90 anos:

- Até chorei na calçada, aquela aliança era política, eu não admitia aquele troço, achava que aquilo era falta de caráter. Não tem negócio de política. Jovem não tem isso não. É falta de caráter mesmo, é sacanagem mesmo, né? O quê Prestes tinha que fazer aliança com Getúlio, se Getúlio tinha

⁹CBM - Canal do Bosco Martins - Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EaRmVr2WUiQ>> Acesso em 13 de maio de 2021.

mandado matar a mulher dele, pô?! Eu não admitia isso, sabe?! Eu não admitia, de jeito nenhum...e caí fora.

Com a decepção que tal apoio lhe causou, Manoel decidiu sair do partido e, ao ser indagado pelo jornalista se continuava um homem com preceitos de esquerda, Manoel respondeu com um aceno positivo com o cabeça e discorreu:

– Continuo, claro. Acho que todo cidadão que se preocupa com a vida do pobre, dos humilhados e fedidos, de modo geral, todo cidadão que se preocupa, ele é de esquerda, mesmo que ele não saiba que é! Eu acho que isso aí é esquerdismo, isso é socialismo, sabe? Mesmo que o sujeito não tenha consciência disso, ele é um homem de esquerda. Agora, eu tenho consciência disso, porque eu já militei no partido comunista, mas saí decepcionado.

Ao afirmar que continuava um homem de esquerda, Manoel ratifica seus preceitos ideológicos, que também podem ser encontrados em sua poesia. Esse apreço pelos seres desimportantes e esquecidos pela sociedade aparece, sobretudo, quando fala em seus livros sobre os andarilhos, que por sua vez são reflexos das condições econômicas e sociais que atingem a sociedade e também são seres que vivem em permanente relação com a natureza, como o poeta acrescenta em nota de rodapé, no “Livro sobre nada”:

Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos. Avaliar até onde o isolamento tem o poder de influir sobre os seus gestos, sobre a abertura de sua voz, etc. Estudar talvez a relação desse homem com as suas árvores, com as suas chuvas, com as suas pedras. Saber mais ou menos quanto tempo o andarilho pode permanecer em suas condições humanas, antes de se adquirir do chão a modo de um sapo. Antes de se unir às vergôntes como as parasitas. Antes de revestir uma pedra à maneira do limo. Antes mesmo de ser apropriado por relentos como os lagartos. Saber com exatidão quando que um modelo de pássaro se ajustará à sua voz. Saber o momento em que esse homem poderá sofrer de prenúncios. Saber enfim qual o momento em que esse homem começa a adivinhar (BARROS, 2013, p. 327).

Nesse trecho, o andarilho, mesmo sendo humano, é absorvido pela natureza, pelo chão, integrando-se a ela, revestindo-se de pedra. Ele passa a ser merecedor de árvores, lagartos e pássaros para então compor ao grupo de seres “ínfimos”, cujo valor é descartado pela sociedade de consumo, pelo mundo do abandono, que também despreza o aprendizado que flui do contato com a natureza, lugar onde o andarilho se enraíza e emerge a essência das coisas.

Depois de formado em direito, Manoel realizou viagens pelos países da América do Sul, passando por Bolívia, Equador, Peru, lugares nos quais se encantou pela cultura, pelas tribos e pelos dialetos. Depois seguiu para os Estados Unidos,

cidade de Nova York, onde residiu por um ano. Na cidade americana teve um choque cultural entre o erudito e o primitivo, em decorrência da experiência adquirida nas viagens e vivências das cidades latinas e da oportunidade de apreciar obras de Picasso, ouvir Bach e Beethoven, além de aproveitar da temporada para fazer cursos de cinema e artes visuais.

Publicou sua primeira obra em 1937, “Poemas concebidos sem pecado”, e após morar por quarenta anos no Rio de Janeiro, casar-se com Dona Stella e ter três filhos, com o falecimento de seu pai, em 1949, ele herdou terras no Pantanal, tendo como primeiro impulso a intenção de vendê-las para assim continuar morando no Rio de Janeiro. No entanto, sua esposa, que era filha de fazendeiros em Minas Gerais, convenceu-lhe e propôs ir com o poeta fundar a fazenda, ligando-se novamente ao quintal de sua infância, em meio a árvores, rios e passarinhos, conforme relatou no documentário “Paixão pela palavra” (2008)¹⁰.

A criação de gado lhe concedeu condições para viver materialmente, mas nos primeiros anos teve que trabalhar arduamente com sua esposa para organizar a fazenda, construir a casa e toda a estrutura exigida para os afazeres com o gado. Todo esse movimento foi fundamental para que o poeta pudesse adquirir o seu ócio e, assim que a fazenda começou a produzir, conseguiu se dedicar exclusivamente ao que mais gostava de fazer: a poesia.

Posteriormente à aquisição do ócio, mudou-se para Campo Grande, onde diariamente, por longos anos, encaminhava-se para o seu escritório no início da manhã a fim de ler, escrever, folhear dicionários e tomar nota das palavras, pois gostava de mexer nelas. Escrevia seus poemas à mão, utilizando apenas lápis, borracha e seu pequeno caderno construído manualmente. Manuseava a máquina de escrever somente para copiar seus rascunhos, que escrevia lentamente todos os dias de maneira solitária, dedicando às vezes dias inteiros para construir um único verso.

Foi na capital Morena que Manoel produziu grande parte de sua obra, dado que não escrevia seus livros à beira dos lagos pantaneiros, olhando os voos dos pássaros ou contemplando as gosmas das lesmas. Pelo contrário, dedicava-se à elaboração de seus escritos apenas em seu escritório, na sua oficina de ser “inútil”, acompanhado

¹⁰ Manoel de Barros – Paixão pela palavra (2008) - Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=eYsjV6DTXqw&t=2031s>> Acesso em 20 de maio de 2021.

de livros e dicionários, ferramentas que lhe permitiam a elaboração de suas peraltagens por meio das palavras.

O poeta que usava as palavras para compor seus silêncios, que se instalava na natureza para fazer comunhão com as águas, com as árvores, com o orvalho, construiu poesia com fortes características autobiográficas, que aparentam retratar partículas de sua infância, de modo que configuram reais as lembranças da sua meninice ou de suas memórias inventadas. Nesse viés, destacam-se as descobertas, experimentações e peraltagens, visto que, como afirma Peregrino (2017, p. 57), “Manoel de Barros mostrou-nos que a infância não é só a fase inicial da vida, mas um sentimento que deveríamos carregar e praticar, não esquecer ou abandonar”.

Manoel não gostava de conceder entrevistas, apenas por escrito, devido à timidez. Mas dizia também que suas palavras só deslanchavam quando estava sozinho, falando para si mesmo ou escrevendo, pois queria que suas entrevistas se tornassem um texto poético. E como era um homem das palavras escritas, não apreciava reuniões. Tinha um lado cansado da civilização. Dizia que “Quando tem gente me olhando, me ouvindo, sou igual lesma, me enfio para dentro. Eu sou meu indizível pessoal. Só com as letras me prefiguro” (MÜLLER, 2010, p. 102).

O reconhecimento de seu trabalho ocorreu por meio do escritor e chargista Millôr Fernandes, que entre as décadas de 1970 e 1980 foi colunista das revistas *Veja*, *IstoÉ* e do *Jornal do Brasil*. Foi ele quem mostrou o poeta Manoel para o grande público, uma vez que, em suas colunas, fazia questão de exaltar e recomendar aos leitores a sua poesia.

Manoel levava consigo suas raízes ancestrais, “bugrescas”, como costumava dizer, que o transportavam para as coisas rasteiras, as coisas do chão. Achava-se “inútil”, só sabia fazer poesia, levando as coisas desprezadas pela civilização como objeto de seu trabalho. Tinha apreço pelas palavras e pessoas jogadas fora pela sociedade. Gostava dos andarilhos porque os via exercendo e carregando uma liberdade nos passos, entre as águas, acompanhados pelo sol, tornando-se exemplos de comunhão com a natureza, conforme o trecho que compõe o livro de Müller (2010), um compêndio com recortes de diversas entrevistas do poeta das “inutilidades”:

As águas gostam deles, e os dias passam sobre eles sem sobressaltos. [...] O chão respeita seus passos. Eles conhecem a sedução das árvores pelo amanhecer. Eles conhecem os caminhos que as garças percorrem de tarde. [...] São essas intimidades com a natureza que me seduzem nos andarilhos. Eu também quisera sê-los. Mas eu não tenha essa tanta força de amor (MÜLLER, 2010, p. 168-169).

Manoel foi agraciado com vários prêmios, entre eles dois prêmios Jabutis: o primeiro em 1989 como melhor livro de poesia — “O guardador de águas” — e o segundo em 2006 como melhor livro de ficção — “O fazedor de amanhecer”. Virou passarinho em 14 de novembro de 2014, quando foi “voar fora da asa”, ao encontro das “miudezas”, e continua a brotar e alcançar os deslimites do mundo, por meio de suas obras publicadas: “[...] tudo o que morre, desmorre, tudo o que era poesia de Manoel de Barros brota e nasce para novas e outras “inutilidades”, “insignificâncias” e miudezas” (GOETTERT, SUTTANA, 2020, p. 7).

Daquele que fez de Bernardo seu amigo, para quem lhe deu voz, corpo e emoção, de quem tanto se inspirou e recebeu ensinamentos e “escutamentos”, o gosto pelo nada, pelos restos, pelo descartável, pelo lugar esquecido, pelas coisas miúdas, pelo ínfimo e pelo insignificante ocuparam outro lugar em sua poesia, sendo recompostos de grande importância.

Seu olhar transgressor para a linguagem inundou um mundo poético com a grandeza das palavras, ousando com uso da imaginação ao desconstruir nosso olhar sobre coisas e seres, possibilidades e atravessamentos, em diálogo com a Educação Ambiental, reverberando um encontro de pensamentos, ideias e sensações. Vislumbra-se aí toda uma perspectiva, ajudando-nos a pensar sobre os encontros dessas linguagens e saberes.

2.2 Educação Ambiental e Literatura: entrelaçamentos e possibilidades, do vício de amar as coisas do ínfimo

No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo
mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
Manoel de Barros

Com uma poesia constituída de conexões profundas com a natureza, Manoel consolidou-se como uma das grandes vozes da literatura brasileira, na qual transformou sua memória em linguagem e poesia. São lembranças de uma infância retratada ao longo de toda a sua poética, as quais ele chama de “memórias inventadas”, sendo grande parte delas envoltas no mundo natural, uma memória da natureza:

[...] O que de água a gente se encharcasse, a palavra se encharcava de água. Porque nós íamos crescendo de em par. Se a gente recebesse oralidades de pássaros, as palavras receberiam oralidades de pássaros. Conforme a gente recebesse formatos da natureza, as palavras incorporavam as formas da natureza (BARROS, 2018, p. 63).

O volume intitulado “Poesia Completa” (2013) abre-se com uma “Entrada”, na qual nos brinda destacando o propósito de seu projeto poético. Ali, de certa forma, o poeta enuncia sua relação com os seres e a fusão com a natureza:

ENTRADA

Distâncias somavam a gente para menos. Nossa morada estava tão perto do abandono que dava até para a gente pegar nele. Eu conversava bobagens profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. A natureza avançava nas minhas palavras tipo assim: O dia está frondoso em borboletas. No amanhecer o sol põe glórias no meu olho. O cinzento da tarde me empobrece. E o rio encosta as margens na minha voz. Essa fusão com a natureza tirava de mim a liberdade de pensar. Eu queria que as garças me sonhassem. Eu queria que as palavras me gorjeassem (BARROS, 2013, p. 9).

O autor já destaca sua forte relação com a natureza, que sua infância possibilitou-lhe vivenciar, de tal maneira que os ambientes eram de profunda comunhão, de fusão e de sensibilidade com o ambiente natural, buscando outras formas de relação entre as diferentes espécies.

Em meio a elementos descartáveis pela sociedade de consumo, podemos dizer que tal poética compreende a Educação Ambiental, inserida em um processo de permanente aprendizagem, ao se desvencilhar do utilitarismo das coisas, transgredindo modelos ancorados que prezam apenas pela superficialidade das coisas, os sentidos comuns das coisas.

A poesia de Manoel possibilita conexões reflexivas no que concerne à interação com os seres, ampliando nosso universo com base na compreensão do mundo no qual estamos inseridos. Desprovido de amarras, seu descaminho nos aproxima da natureza, lugar onde os limites se desfazem, onde podemos dizer que emerge uma conexão que atravessa o campo da Educação Ambiental quando nos mostra outra forma de relação com os não humanos, com o ambiente natural, e caminhos possíveis para a construção de um mundo social e ambientalmente equilibrado e justo.

Além disso, propicia a ampliação do imaginário nas relações entre humanos e não humanos, possibilitando conexões múltiplas baseadas nas diversas manifestações das artes, como instrumento, de modo a contribuir para uma Educação Ambiental que nos permita traçar um mundo mais sensível e contemple aquilo que não conseguimos enxergar, conforme destaca Guimarães (2010):

Nossas cidades também podem ser vistas como passíveis de invenção, de tessitura de outros encontros (e não apenas desencontros) entre seres humanos e não humanos, de criação imaginativa, de sensações que nos permitiram outros acentos, outras atenções para com os mundos que uma educação ambiental, acredito, seria capaz de ativar (GUIMARÃES, 2010, p. 80).

Por tudo isso, é possível identificar na poesia de Manoel as “tessituras” elencadas por Guimarães, uma vez que o poeta soube criar mundos, outros modos de viver, que nos possibilitam enxergar uma Educação Ambiental que nos provoque o entrelaçamento, as costuras de afeto, de modo a nos reconectarmos à natureza e de “[...] pensarmos outros modos de tecer relações ambientais entre humanos e não humanos” (GUIMARÃES *et al.*, 2015, p. 13). Sua poesia permite, ainda, deslocar nosso olhar e nos convoca para uma educação do sensível, para reconhecer e encontrar outros olhares, tornando-se um refúgio para deslocamentos outros e permitindo uma Educação Ambiental avessa às amarras, como bem acentua Krelling (2010):

Refletir sobre estas questões podem nos levar a imaginar mundos fantásticos, disparar fugas, acionar sentimentos e desejos que a racionalidade e as regras, tão instituídas em nossa sociedade, não permitem transparecer. Mundos que poderiam ser disparados por uma educação ambiental que experimenta outras formas de se pensar a preservação ambiental, que funcione tal qual a poesia de Manoel de Barros (KRELLING, 2010, p. 106-107).

Manoel compreende a insignificância do humano no que se refere às demais espécies quando fala das borboletas e da superioridade em relação à espécie humana no poema “Soberania”, que compõe a obra “Memórias Inventadas: a terceira infância”:

[...] E vi as borboletas. E meditei sobre as borboletas. Vi que elas dominam o mais leve sem precisar de ter motor nenhum no corpo. (Essa engenharia de Deus!) E vi que elas podem pousar nas flores e nas pedras sem magoar as próprias asas. E vi que o homem não tem soberania nem para ser um bentevi (BARROS, 2018, p. 66).

Fomos acostumados a procurar a utilidade das coisas, a desprezar aquilo para o qual não foi atribuído valor, e o poeta conseguiu enxergar a sensibilidade em meio a um mundo hostil. Brincava em comunhão com aquilo que muitos não conseguem perceber a importância, cujo olhar e a forma de se relacionar não pode manter-se somente sob os olhos infantis de um menino que brincava em comunhão com os seres “ínfimos”: “[...] Penso que a palavra pássaro carrega até hoje nela o menino que ia de tarde pra debaixo das árvores a ouvir os pássaros. Nas folhas daquelas árvores não tinha oiseau. Só tinha pássaros” (BARROS, 2013, p. 460). Sua forma de perceber a

relevância das coisas deve ser expandida, de maneira que o poeta nos convoca a enxergar a relevância das palavras, que, talvez, apenas os olhos infantis conseguiriam perceber.

No poema "Autorretrato Falado", é possível observar a relação do poeta com o lugar onde passou a infância e inspirou a construção de sua poesia. Ela lhe permitiu a vivência no Pantanal em meio aos bichos e "seres desimportantes":

AUTORRETRATO FALADO

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.
 Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha,
 onde nasci.
 Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes,
 aves, árvores e rios.
 Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e
 lagartos.
 Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.
 Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado
 e fujo para o
 Pantanal onde sou abençoado a garças.
 Me procurei a vida inteira e não me achei — pelo
 que fui salvo.
 Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.
 Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado.
 Os bois me recriam.
 Agora eu sou tão ocaso!
 Estou na categoria de sofrer do moral, porque só
 faço coisas inúteis.
 No meu morrer tem uma dor de árvore (BARROS, 2013, p. 298-299).

A natureza para ele faz parte da palavra, do seu alfabeto, onde seu quintal é demasiadamente composto pelos "seres inúteis". São as rãs, os sapos, os caramujos, os passarinhos, os rios, os jacarés, os besouros. Todos eles participam de sua criação poética, que faz da natureza uma ferramenta para seu exercício de produzir encantamento por meio da desconstrução da linguagem. Barros é o poeta que canta a natureza por meio da poesia, da irracionalidade das palavras, sem o aprisionamento de regras gramaticais.

Suas palavras vão além dos sentidos, imergindo sob um viés diferente das coisas do mundo. Sua relação com a natureza é acentuada pelas imagens recorrentes, sobretudo do Pantanal e dos seres "ínfimos" e "desimportantes", ressaltando, dessa forma, o grau de importância desses seres para si, propiciando o retorno da conexão do humano com a natureza e transformando a maneira como nos relacionamos com ela.

No poema "Sobre importâncias", que integra a obra "Memórias Inventadas", Barros, por meio de metáforas, expõe sua conexão com a natureza, reforçando o grau

de importância dos seres que rastejam, uma vez que para o poeta são eles que nos levam à natureza:

SOBRE IMPORTÂNCIAS

[...] Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. [...] Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus da formiga. Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1 (BARROS, 2018, p. 43).

O poeta utiliza-se da comunhão com o meio natural como uma nova forma de compreensão do mundo, do essencial, daquilo que lhe completa e que não recebeu o devido valor pela sociedade atual. A presença constante da relação com os animais, vegetais, de elementos advindos do chão, remete-nos aos seres que são inferiorizados e excluídos pela sociedade. Nesse grupo, incluímos os povos tradicionais, indígenas, quilombolas, ciganos, ribeirinhos, cujas culturas e tradições são ignoradas e menosprezadas pela sociedade moderna. “Todas as coisas apropriadas ao abandono me religam a Deus. Senhor, eu tenho orgulho do imprestável! (O abandono me protege)” (BARROS, 2013, p. 317).

Estou atravessando um período de árvore.
 O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho tem escórias de árvore.
 O chão deseja meu olho vazado pra fazer parte do cisco que se acumula debaixo das árvores.
 O chão tem gula de meu olho por motivo que meu olho possui um coisário de nadeiras.
 O chão tem gula de meu olho pelo mesmo motivo que ele tem gula por pregos por latas por folhas.
 A gula do chão vai comer o meu olho.
 No meu morrer tem uma dor de árvore (BARROS, 2013, p. 297).

Por meio do imaginário da poética, Manoel insere-se na natureza, levando-nos ao estranhamento ao vivenciar a experiência de ser árvore, lugar onde não há separação do que seja humano e ambiente natural. Essa experimentação adquire saberes sensíveis, refloresce nossa imaginação e nos convoca para o afeto, obrigando-nos a nos despir da lógica das coisas e sua forma de interpretar o mundo, que impregna nosso olhar, permitindo a transformação do olhar sobre o mundo.

No que se refere à sua linguagem, Manoel gostava de brincar com as palavras, utilizando-as de maneira a ressignificar as significações cristalizadas pelo discurso, desconstruindo imagens poéticas por meio de estranhamento semântico e pelo rompimento com a sintaxe da língua, na tentativa de estabelecer novos

relacionamentos com as palavras, de maneira a criar uma linguagem própria, uma linguagem inútil, como destaca Barbosa (2003):

Ao utilizar-se de sintaxes tortas da linguagem popular para criar um poema, Manoel de Barros dará grande importância à oralidade. Ancorará em suas páginas os desvios linguísticos proporcionados pelo povo. Tornará possível, portanto, o retorno à poesia oral ao fazer a combinação de palavra escrita e palavra oral (BARBOSA, 2003 p. 45).

Podemos afirmar que Manoel realiza um processo de lapidação da palavra por meio da natureza, da aproximação das coisas do chão. Na obra “Ensaio fotográficos”, no poema “Borboletas”, ele realiza uma imersão na natureza, explorando a riqueza que se estabelece na conexão com as coisas do chão, na qual o poeta permite avistar o mundo a partir dos olhos de uma borboleta, de um inseto, mergulhando em sensações outras de pensar e ver e as coisas do mundo. Conforme Santos Júnior (2011, p. 133), ao discorrer sobre a poética de Manoel de Barros, “[...] este poema nos leva a refletir que temos muito que aprender com a natureza, que aquilo que julgamos conhecer a fundo, os pequeninos seres que vivem apenas para cumprir um ciclo biológico sabem mais do mundo e das coisas que nós meros e mortais humanos”.

BORBOLETAS

Borboletas me convidaram a elas.
 O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.
 Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens e das coisas.
 Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta —
 Seria, com certeza, um mundo livre aos poemas.
 Daquele ponto de vista:
 Vi que as árvores são mais competentes em auroras
 do que os homens.
 Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças
 do que pelos homens.
 Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do que os homens.
 Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que
 os cientistas.
 Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do
 ponto de vista de uma borboleta.
 Ali até o meu fascínio era azul (BARROS, 2013, p. 365).

Na construção do poema “Borboletas”, Manoel busca reencontrar-se na natureza por meio da palavra, ampliando o olhar do humano ao personificá-lo na natureza. Ele nos apresenta uma forma de ver o mundo transgredida pela natureza, contrapondo, assim, a visão antropocêntrica do humano, principalmente no que se refere aos paradigmas hegemônicos vigentes, segundo os padrões dominantes da sociedade. Nele, o poeta transfaz a natureza sob uma perspectiva não humana, desvendo o mundo com base no olhar do meio natural, em consonância com a

natureza e com os seres que nela habitam. Ele vai de encontro a uma sociedade que enaltece o empobrecimento do cotidiano e aponta uma possibilidade outra de viver e “renovar o homem usando borboletas”, tornando a vida, a sociedade, mais leve, mediante um olhar sensível para o mundo.

No poema “VI”, que compõe a primeira parte da obra “Menino do Mato”, Barros realiza a conexão entre o humano e a natureza na maneira como narra a relação de proximidade por meio do encontro das águas pantaneiras com a terra, que fazem a alegria das garças e dos demais seres, inundando de significado os seres que são costumeiramente desprezados pela sociedade de consumo:

VI
 Desde o começo do mundo água e chão se amam
 e se entram amorosamente
 e se fecundam. Nascem peixes para habitar os rios.
 E nascem pássaros para habitar as árvores.
 As águas ainda ajudam na formação dos caracóis e das
 suas lesmas. As águas são a epifania da criação.
 Agora eu penso nas águas do Pantanal.
 Penso nos rios infantis que ainda procuram declives
 para escorrer.
 Porque as águas deste lugar ainda são espreiadas para
 alegria das garças.
 Estes pequenos corixos ainda precisam de formar
 barrancos para se comportarem em seus leitos.
 Penso com humildade que fui convidado para o
 banquete dessas águas.
 Porque sou de bugre.
 Porque sou de brejo.
 Acho agora que estas águas que bem conhecem a
 inocência de seus pássaros e de suas árvores.
 Que elas pertencem também de nossas origens.
 Louvo portanto esta fonte de todos os seres e de todas
 as plantas.
 Vez que todos somos devedores destas águas.
 Louvo ainda as vozes dos habitantes deste lugar que
 trazem para nós, na umidez de suas palavras, a boa
 inocência de nossas origens (BARROS, 2013, p. 423).

Manoel nos desafia a enxergar toda a experiência presente entre seres e coisas que emergem de sua poesia, das águas pantaneiras que percorrem o chão e envolvem diferentes seres e coisas. O poeta delinea a necessidade de construirmos novos caminhos com base na comunhão mútua de diferentes seres, mostrando a necessidade de mudança de postura em relação às espécies não humanas, como um exercício de transformação.

Dessa maneira, ele nos impulsiona a acreditar na construção de uma sociedade permeada pelo respeito e pela solidariedade, na qual todos sejam incluídos

e tenham o mesmo nível de importância. Que possam partilhar de um mundo sustentável, que comungue com os preceitos da Educação Ambiental como princípio ético-político, no que tange ao fortalecimento de nossas lutas em relação à mudança nas estruturas sociais e econômicas, propulsoras de desigualdades e conflitos socioambientais.

No poema “35”, o qual se encontra na segunda parte do livro “Menino do Mato” sob o título “Caderno de aprendiz”, a relação se personifica por meio dos pássaros, das árvores, do orvalho e das pedras. Nela, o humano se transfigura nas palavras, buscando a comunhão íntima com a natureza e o esvaziamento de sentidos, modo pelo qual se dá a relação entre natureza e palavra:

Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.
Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem.
Eu só não queria significar.
Porque significar limita a imaginação.
E com pouca imaginação eu não poderia fazer parte de uma árvore.
Como os pássaros fazem.
Então a razão me falou: o homem não pode fazer parte do orvalho como as pedras fazem. Porque o homem não se transfigura senão pelas palavras.
E isso era mesmo (BARROS, 2013, p. 432-433).

Seu desejo de viver imerso na natureza estabelece um encontro que rompe com o pensamento moderno, que valoriza apenas o que se estabelece entre a espécie humana. A poesia de Manoel percorre outro caminho ao dar voz aos seres não humanos, de modo a legitimá-los, estabelecendo-os na condição de sujeitos constituídos de subjetividades e, portanto, aptos a ser compreendidos em suas múltiplas linguagens. É nesse sentido que o poeta dialoga com os pressupostos da Educação Ambiental e com a Ecocrítica: ao sentir a necessidade de se ver como natureza, como sujeito constituído por ela.

Por meio de sua poética, Barros construiu uma linguagem inovadora, desapegada das estruturas poéticas tradicionais, de modo a valorizar a língua portuguesa em suas raízes mais profundas. Reinventou a linguagem das crianças e dos pantaneiros, posto que as memórias vividas em sua infância no Pantanal, enquanto espaço, propiciaram-lhe ser inundado por um lastro de coisas “ínfimas” e tiveram grande influência em sua criação literária, ampliando seus sentidos ainda

menino — criação essa inundada pela forte presença da natureza na construção do humano, tornando sua obra um tanto complexa e, ao mesmo tempo, simples.

A identificação com os pássaros, com as folhas e tudo que compõe a natureza possibilitam reflexão no tocante às questões ambientais, uma vez que impacta na racionalidade em favor da sensibilidade quando utiliza ferramentas que possibilitam a imersão pelas coisas simples e que precisam ser sentidas pelos humanos. Para tanto, o poeta se despe de regras e normas convencionais, que descredibilizam o olhar para as coisas do chão, conseguindo, dessa maneira, potencializar a ideia de natureza como patrimônio coletivo e não individual.

Além disso, a obra de Manoel de Barros mostra-se repleta de elementos quando estabelece uma comunhão com a natureza, visto que essa importante conexão há tempos vem se perdendo na constituição da sociedade moderna. Isso porque os paradigmas antropocêntricos vigentes descartam essa aproximação, pois o olhar está voltado apenas para o que tem valor econômico, em detrimento do que tem valor enquanto essência. É nessa perspectiva que a Ecocrítica, como corrente, busca enfatizar e problematizar a necessidade de resgatarmos a conexão entre a sociedade e natureza, para não subjugarmos o meio natural, como simples objeto à disposição dos desejos e das vontades da espécie humana.

Essa aproximação entre sociedade-natureza nada mais é do que um dos pressupostos do saber ambiental que “[...] se constitui através de processos políticos, culturais e sociais, que obstaculizam ou promovem a realização de suas potencialidades para transformar as relações sociedade-natureza” (LEFF, 2015, p. 151). O saber ambiental emerge nos espaços de exclusão deixados pelo desenvolvimento das ciências e marginalizados pela racionalidade econômica, em busca da transformação dos paradigmas dominantes do conhecimento, abrindo-se, dessa forma, novos princípios e valores sob a perspectiva de progresso do conhecimento.

A construção do saber ambiental mostra-se como estratégia mediante a articulação de saberes e desconstrução dos paradigmas dominantes, dos dogmas ideológicos, para se constituir em um campo de conhecimento e de novas compreensões teóricas. Para isso, é necessário derrubar as fortalezas da “ciência normal” (LEFF, 2015, p. 178), levantar as comportas que permitam o fluxo interdisciplinar de conhecimento e abrir um diálogo produtivo entre saberes.

Em referência a essa necessidade de derrubar as fortalezas da “ciência normal”, dialoga-se com os preceitos da poética de Manoel de Barros, que nada mais faz com sua poesia do que construir novas possibilidades de ver o mundo, em “[...] busca de novos sentidos de civilização, novas compreensões teóricas e novas formas práticas de apropriação do mundo” (LEFF, 2015, p. 151).

Ler os poemas de Manoel de Barros não é uma tarefa fácil, pois sua transgressão, atrelada a uma gramática desapegada das estruturas poéticas tradicionais, e a utilização de palavras e expressões que dialogam com o mundo científico, buscam dar novos significados às brincadeiras com base em um olhar poético, tornando sua poesia um tanto quanto peculiar ao abordar outros saberes que emergem para este novo olhar e apresentam responsabilidades humanas no tocante ao meio ambiente, conforme destacado por Oliveira (2012):

[...] a poética de Barros faz emergir uma ciranda de saberes, em uma movimentada dinâmica sinestésica, que pressupõe novos olhares e sentidos às redes e enredos cotidianos. Dos quais fazem parte não só os seres humanos, mas tudo o que compõe e dinamiza as vidas e não vidas do cosmo (OLIVEIRA, 2012, p. 17-18).

Dessa forma, o poeta propõe novos olhares e significações em relação a todos os seres, espécies que compõem o planeta, com base em uma ideia de empatia, de pertencimento ao cosmo com o qual estamos ligados fisiologicamente.

Suas obras trazem importantes reflexões em torno das questões ambientais, tão emergentes e fundamentais para um mundo em crise socioambiental, principalmente no que se refere à necessidade de desconstrução de que humano é o ser que se sobrepõe às demais espécies e se vê dissociado do meio ambiente, desconsiderando a concepção de integralidade com a natureza e de que tudo é parte de um todo. Entre elas destacamos a “Gramática Expositiva do Chão”, cujo poema *III. Páginas 13, 15 e 16 dos “29 escritos para conhecimento do chão através de S. Francisco de Assis”*. Nele, o autor discorre de forma simples e profunda acerca da relação entre o humano e a natureza, desconstruindo a noção do humano como indivíduo que se sobrepõe às demais espécies:

[...]
O chão viça do homem
no olho
do pássaro, viça
nas pernas
do lagarto
e na pedra
Na pedra

o homem empeça
de colear
Colear
advém de lagarto
e não incorre em pássaro
Colear induz
para rã
e caracol

Colear induz
Para rã
E caracol

Colear
sofre de borboleta
e prospera
para árvore
Colear
prospera
para homem (BARROS, 2013, p. 121-122).

O poeta valoriza os resíduos rejeitados pela sociedade consumista, trazendo uma ruptura com os pressupostos capitalistas e a valorização das “coisas desimportantes”. Ele também nos apresenta o que a pesquisadora Isabel de Carvalho (2012, p. 62) denomina como “[...] uma das possibilidades de agenciamento de uma sensibilidade de valorização da natureza enquanto bem estético e vital, com as lutas pelos direitos aos bens ambientais e à qualidade de vida”.

Nesse sentido, a poesia de Manoel é alimentada pela natureza e embevecida de elementos que acionam a necessidade de reflexão no que concerne às injustiças socioambientais, com base nas invenções humanas que afetam o planeta, além de nos permitir ver o mundo às avessas, onde a natureza esteja presente de forma a colorir e iluminar um mundo mais digno de se viver.

O seu fazer poético pelas coisas “ínfimas”, “desimportantes”, no qual o “inútil” é promovido à protagonista, ainda nos traz grande aprendizado no que se refere à reciprocidade entre o humano e o ambiente, fortalecendo a compreensão e o reconhecimento sobre a importância da biodiversidade como relação intrínseca e não dissociada. É o que podemos observar no poema “O apanhador de desperdícios”, que faz parte do livro “Memórias inventadas”, no qual Manoel discorre sobre os seres “desimportantes”:

O apanhador de desperdícios
Uso a palavra para compor meus silêncios.
Não gosto das palavras
fatigadas de informar.
Dou mais respeito
às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.
 Entendo bem o sotaque das águas
 Dou respeito às coisas desimportantes
 e aos seres desimportantes.
 Prezo insetos mais que aviões.
 Prezo a velocidade
 das tartarugas mais que a dos mísseis.
 Tenho em mim um atraso de nascença.
 Eu fui aparelhado
 para gostar de passarinhos.
 Tenho abundância de ser feliz por isso.
 Meu quintal é maior do que o mundo.
 Sou um apanhador de desperdícios:
 Amo os restos
 como as boas moscas (BARROS, 2018, p. 25).

Barros propõe a exaltação do “inútil”, “ínfimo”, “sem valor”, valores contrários à sociedade de consumo, que estimula a aquisição desenfreada de bens, objetos e serviços, que confere um caráter de brevidade à utilidade das coisas, e insere-se em uma estrutura social regida pelos velozes ditames do consumo, o que leva a um mundo ecologicamente desequilibrado, de desperdício, pautado por uma produção extremamente destrutiva para o meio ambiente e para a biodiversidade do planeta.

I. MATÉRIA DE POESIA

1.
 Todas as coisas cujos valores podem ser
 disputados no cuspe à distância
 servem para poesia
 O homem que possui um pente
 e uma árvore serve para poesia
 [...]

Tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma e que você não pode vender no
 mercado
 como, por exemplo, o coração verde
 dos pássaros,
 serve para poesia.
 [...]

Tudo aquilo que a nossa
 Civilização rejeita, pisa e mijá em cima,
 Serve para poesia. (BARROS, 2013, p. 135-136).

No poema “Matéria de poesia”, da obra “Gramática expositiva do chão”, Barros demonstra sua militância poética sobre as coisas que não são vistas e valorizadas pela sociedade de consumo. Com relação ao consumismo, Layargues (2012) discorre que a vida útil dos produtos se torna cada vez mais curta devido à criação de demandas artificiais no capitalismo, no qual os indivíduos são obrigados a consumir bens que ficam obsoletos antes do tempo, já que, cada vez mais, eles se tornam funcionalmente inúteis logo após saírem das fábricas.

Para Acosta (2016),

A difusão de certos padrões de consumo, em uma pirueta de absoluta perversidade, se infiltra no imaginário coletivo, inclusive no de amplos grupos humanos que não possuem condições econômicas para acessá-los, mantendo-os prisioneiros de um desejo permanente (ACOSTA, 2016, p. 43).

Além disso, não podemos deixar de destacar a crescente deterioração ambiental produzida pelos padrões de consumo, sendo um dos grandes fatores de esgotamento ambiental, uma vez que o planeta já não consegue acompanhar o consumismo e o modo de produção dos países industrializados, que subjagam a natureza em prol de seu desejo de dominá-la e transformá-la em fonte de recurso inesgotável. Tal pensamento não se sustenta, uma vez que “A questão é clara: a Natureza não é infinita, tem limites e esses limites estão a ponto de ser superados – se é que já não está sendo” (ACOSTA, 2016, p. 123).

Já para Sato *et al.* (2019), o consumismo interfere sistematicamente na destruição do planeta, contribuindo para as agressões ambientais. Ademais, o modelo de desenvolvimento instalado é excludente e usurpa a natureza, sobretudo no Brasil. Isso se potencializou a partir da campanha presidencial de 2018, com a redução das políticas ambientais, guinada pelo desprezo à ciência, pela ascensão do fascismo e pelo negacionismo climático e ambiental, gerando uma explosão e inversão de valores:

Na troca de valores, que hoje se impõe, é possível que os ecologistas sejam estes seres nômades e marginais que o mercado insiste em invisibilizar. A sociedade capitalista não teme a fome, os desastres climáticos, o desemprego ou a aposentadoria tardia. Ela busca o controle da religião, do agronegócio, das terras feudais, das dores da misoginia, da violência do racismo ou da exclusão da xenofobia. Mas o fascismo teme aquilo que não consegue controlar. E é aí que entra nossa capacidade inventiva de resistir por meio de táticas renovadas, desterritorializando a mesmice e com a coragem de ousar (SATO *et al.*, 2019, p. 325).

E a poesia de Manoel de Barros percorre exatamente o contrário do que preconiza a sociedade movida pelo capitalismo, pelas convenções que orientam a sociedade de consumo: “Não sei se os jovens de hoje, adeptos da natureza, conseguirão restaurar dentro deles essa inocência. Não sei se conseguirão matar dentro deles a centopeia do consumismo” (BARROS, 2013, p. 198).

Nesse viés, Manoel revela uma consciência ambiental, na qual o consumismo aparece em sua obra como um dos fortes causadores do abismo entre o humano e a natureza. Valorizando as coisas inúteis, ínfimas, o poeta exalta a exuberância da

natureza e o saber local, indo de encontro ao que prega a cultura dominante de valorização das coisas. Em sua poética, a natureza se decompõe: “Manoel de Barros potencializa essa generosidade da natureza por intermédio da vivacidade das palavras. O poeta utiliza-se de prosopopeias, para mostrar a ciancice de um mundo pronto para recomeçar o ciclo da vida [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 105).

Ele despreza o consumismo e tudo aquilo que é hegemônico, uma vez que sua poesia busca justamente valorizar as coisas desimportantes, além de paramentar substancial crítica à coisificação e mercantilização da natureza e das coisas. No poema “O Catador”, que faz parte da obra “Tratado geral das grandezas do ínfimo”, o autor explora a relação da sociedade com as coisas desimportantes, cujos valores estão impregnados pelo consumismo de recursos, pelo individualismo e pelo descarte das coisas. Nos versos em questão, o poeta utiliza a metáfora do “prego” para ilustrar seu olhar em face do utilitarismo das coisas:

O CATADOR

Um homem catava pregos no chão.
Sempre os encontrava deitados de comprido,
ou de lado,
ou de joelhos no chão.
Nunca de ponta.
Assim eles não furam mais — o homem pensava.
Eles não exercem mais a função de pregar.
São patrimônios inúteis da humanidade.
Ganharam o privilégio do abandono.
O homem passava o dia inteiro nessa função de catar
pregos enferrujados.
Acho que essa tarefa lhe dava algum estado.
Estado de pessoas que se enfeitam a trapos.
Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser.
Garante a soberania de Ser mais do que Ter (BARROS, 2013, p. 381).

Sua poesia nos propõe a pensar sobre a possibilidade de nos desvencilhar de ligações cujo valor esteja pautado pela mercantilização das relações entre o humano e a natureza e entre os próprios humanos.

O mundo de Manoel traz, sob seu olhar fértil e criador, a exuberância da natureza não apenas como adorno, mas como perspectiva ecológica, Ecocrítica. Ao valorizar as coisas ínfimas e nos apresentar a poética ambiental com base na ligação intrínseca entre o humano, a flora e a fauna, permite-nos contaminar pela sua sensibilidade voltada para as coisas “inúteis” e “desimportantes”.

Para Oliveira (2012, p. 18), a poética ambiental de Manoel de Barros pode colaborar para a minimização das crises ambientais e [...] contribuir para com a

necessidade de amorosidade e do diálogo entre as coisas do mundo, a fim de construir teias que possam também contribuir para minimizar as calamidades e injustiças socioambientais, fortalecendo os princípios éticos e humanos [...]”.

Por meio de uma linguagem original de diferentes sentidos, o poeta nos apresenta um olhar que extrapola os sentidos comuns, um olhar não utilitarista da natureza, e nos emerge a uma condição para pensar sobre a necessidade de cuidar das coisas do mundo — no caso de sua poética, das coisas que não são valorizadas pela sociedade moderna, das coisas do chão, das miudezas.

Isso acontece no trato e na relação com a natureza de modo geral, permitindo também pensarmos numa sociedade mais justa e igualitária com base na ressignificação dos valores cultivados pela visão hegemônica e neoliberal do mundo capitalista, levando-nos a repensar e a identificar a necessidade de valorizar as coisas ínfimas que, na verdade, são fundamentais para o equilíbrio do planeta e, portanto, para a sobrevivência humana na terra.

E a natureza se configura como fonte primordial em sua poesia, conforme demonstra o poema que compõe a obra "Arranjos para assobio", na qual o humano é apropriado para ser folha. Manoel faz da natureza um dos elementos essenciais para alimentar sua poesia:

[...]
 Natureza é fonte primordial?
 — Três coisas importantes eu conheço: lugar
 apropriado para um homem ser folha; pássaro que
 se encontra em situação de água; e lagarto verde que
 canta de noite na árvore vermelha. Natureza é uma
 força que inunda como os desertos. Que me enche
 de flores, calores, insetos, e me entorpece até a
 paradeza total dos reatores
 Então eu apodreço para a poesia
 Em meu lavor se inclui o Paracleto (BARROS, 2013, p. 164).

Para Oliveira (2016), a natureza é a fonte primordial da poesia de Manoel; os vários elementos presentes no poema se fundem em natureza: “É um traço característico de sua lírica empregar palavras do campo semântico da natureza, seja ela, animal, vegetal e mineral. E nela as coisas parecem ter relação de simbiose [...]” (OLIVEIRA, 2016, p. 192). A partir disso ele nos leva para uma Educação Ambiental entrelaçada aos elementos da natureza, de acordo com uma perspectiva que propicie outra forma de agir sobre o planeta e de inspiração para construção de um mundo

com relações diferentes, colocando-a em outro espaço de construção de saberes outros.

O poeta, por meio de sua arte, como elemento de reflexão, possibilita uma nova maneira de ver mundo e as coisas quando nos ensina a valorizar e dar credibilidade aos elementos descartados pela sociedade de consumo — o que o faz exercer um exímio diálogo com a Educação Ambiental, pois nos permite repensar e contribuir para a formação da espécie humana, em busca da superação dos problemas socioambientais. Além disso, com base em sua sensibilidade poética e nas interações com o ambiente natural, é possível ser tocados no que diz respeito ao lugar onde vivemos e à maneira como nos relacionamos. Isso, de certa forma, contribui para repensarmos as injustiças socioambientais ocasionadas por intervenções humanas no ambiente, que levam a um descontrole socioambiental no planeta.

No que tange à necessidade de ressignificação das coisas e de mudança de paradigmas, faz-se necessária uma outra epistemologia, uma epistemologia ambiental pautada pela abertura para novos saberes de conhecimento, que estão além do já legitimado pela sociedade moderna, de modo a desvelar as estratégias de poder, conforme destaca Leff (2012):

A crise ambiental é uma crise de conhecimento. O saber ambiental que dali emerge como invasão silenciosa do saber negado se infiltra entre as muralhas defensivas do conhecimento moderno; se filtra entre suas malhas teóricas através de suas estratégias discursivas. A epistemologia ambiental derruba os muros de contenção da ciência e transcende todo conhecimento que se converte em sistema de pensamento (LEFF, 2012, p. 19-20).

A epistemologia ambiental nasce e dialoga com outras ciências no campo das relações sociedade-natureza para apreender a complexidade ambiental: “A epistemologia ambiental leva a mudanças nas circunstâncias da vida, mais do que internalizar o ambiente externalizado da centralidade do conhecimento e do cerco do poder de um saber totalitário” (LEFF, 2012, p. 20). Sendo assim, a intenção dessa epistemologia é dissipar as amarras do racionalismo teórico, os paradigmas científicos que “negam” o ambiente e dificultam o diálogo com outros saberes, dando lugar aos saberes subjugados, subalternizados, com vistas à construção de uma nova racionalidade ambiental e social.

O fim do pensamento unidimensional, do uso utilitarista e fragmentado do conhecimento, deve ser marcado pela construção de "uma nova racionalidade e de novas estratégias de poder no saber que orientam a apropriação subjetiva, social e

cultural da natureza” (LEFF, 2012, p. 26). Essa ruptura com o sistema antropocêntrico de conhecimento, essa nova racionalidade e estratégias de poder, permite uma melhor compreensão do mundo e a internalização da dimensão ambiental.

Como afirma Leff (2012), a crise ambiental é uma crise do conhecimento, que ignora a articulação entre as ciências, as relações ecológicas e a complexidade ambiental: “O ambiente emerge do conhecimento que tem desconhecido e negado a natureza e que hoje se manifesta como uma *crise ambiental*” (LEFF, 2012, p. 30).

O ambiente é essa falta de conhecimento que não se completa nem se totaliza, onde se abriga o desejo de saber que anima um processo interminável de construção de saberes que orientam ações para a sustentabilidade ecológica e a justiça social; que geram direitos e produzem técnicas para construir um mundo sustentável, com base em outros potenciais, de acordo com outros valores, restabelecendo a relação criativa entre o real e o simbólico, abrindo-se para o encontro com a outridade (LEFF, 2012, p. 30-31).

Durante muito tempo, os paradigmas científicos esqueceram a natureza, bem como a complexidade ambiental, de modo que o ambiente começa a questionar o conhecimento dominante, do saber não pensado pela ciência e que vem negando a natureza, sobretudo as relações ecológicas de sustentabilidade e suas complexidades, prejudicadas pela racionalidade econômica que legitima a expropriação da natureza.

A partir disso, a Educação Ambiental, por internalizar a dimensão ambiental em sua configuração e estar comprometida com a transformação social, igualdade e justiça socioambiental, vai além do que se preocupar com lixo, poluição ou queimadas. Seu propósito está em contribuir para a legitimação de espaços políticos e sociais menos desiguais — pautando-se pela formação de seres humanos ambientalmente responsáveis para atuar na sociedade de maneira global, uma vez que a ganância relacionada à exploração no meio ambiente ainda se sobrepõe às inquietações relativas às questões ambientais — e abrir-se para o diálogo de saberes com vistas à construção de uma sociedade sustentável. Para Acosta (2016, p. 67), “A exploração dos recursos naturais não pode mais ser vista como uma condição para o crescimento econômico. Tampouco pode ser um simples objeto das políticas de desenvolvimento”.

É com base nessas inquietações, sob o olhar de Manoel, que identificamos o humano não como parte da natureza, mas na condição de ser que se constitui como natureza, levando à reinvenção de olhares sobre os mundos e para as coisas que nele

habitam, longe das amarras que dificultam novas ideias e saberes. É por meio desse olhar, aberto a novas significações, que a Educação Ambiental se coloca, visando à justiça ambiental, à equidade social e contrapondo-se às ideias antropocêntricas e predadoras do capital que levam à apropriação social da natureza. Nessa perspectiva, é fundamental estar atrelada ao senso de igualdade entre os seres, de respeito à natureza, para que, então, enxerguemo-nos parte desse todo.

Conforme destacado, neste trabalho a proposição é estabelecer essa inter-relação e interações entre a literatura e a Educação Ambiental, como espaço de diálogo e de intercâmbio interdisciplinar, de modo a romper a arrogância das ciências que renegam e subjagam saberes não científicos e que vêm produzindo uma sociedade coisificada e objetificação. Nessa perspectiva, Leff (2012) destaca que

A interdisciplinaridade abre-se assim para um diálogo de saberes no encontro de identidades conformadas por racionalidades e imaginários que configuram os referentes, os desejos, as vontades, os significados e os sentidos que mobilizam os atores sociais na construção de seus mundos de vida; que transbordam a relação teórica entre o conceito e os processos materiais e a abrem para uma relação entre o ser e o saber e para um diálogo entre o real e o simbólico (LEFF, 2012, p. 34).

Para o estudioso, a interdisciplinaridade ambiental está na transformação ambiental mediante a valorização dos saberes “não científicos”. Por esse motivo, ela não está apenas na articulação das ciências já existentes, mas fundamentalmente no estabelecimento de processos interdisciplinares que possibilitem orientar políticas de auxílio para o desvelamento de causas, crises e conflitos ambientais. Dessa forma, então, a interdisciplinaridade pode desconstruir a racionalidade econômica com base em princípios éticos, entender as contradições de formações sociais e legitimação de saberes, além de estabelecer uma racionalidade pautada pela sustentabilidade e justiça socioambiental, de modo a ressignificar a relação entre o humano e natureza.

Diante disso, Manoel colabora ao desvelar uma poesia imbricada por um gesto de pensar diferente, de tal forma que rompe o conhecimento linear, antropocêntrico, e aflora o pensamento crítico, promovendo o desvelamento humano por meio da natureza, conforme discorre Oliveira (2016, p. 100): “Pois nele não havia um sujeito que se portava em separado da natureza, nem havia um eu e natureza: há um eu e sua linguagem, personificando sua relação com o mundo/natureza”.

Nesse sentido, podemos afirmar que sua poética contrapõe saberes e valores arraigados pela razão científica, pautada pela racionalidade econômica dominante e pela globalização econômica que privilegia o desenvolvimento sustentável em vez da

sociedade sustentável — sendo responsável pela dissipação da crise ambiental que legitima a apropriação da natureza como um bem, uma propriedade, e, portanto, como recurso.

Para Manoel, o sentido de sua poética é a comunhão com o mundo, com os seres, além do conhecimento que pode advir da relação com os seres subjugados, como uma forma de voltar-se à natureza. E o voltar-se para a natureza significa resgatar um olhar sensível para os menos favorecidos, os seres “desimportantes”, de modo a resgatar e compor caminhos possíveis para a construção de um mundo social e ambientalmente equilibrado e mais justo, que privilegie a manutenção da vida em toda a sua diversidade.

Para tanto, faz-se necessário mobilizar ações sociais de forma a orientá-las para a construção de sociedades sustentáveis, abertas ao diálogo de saberes, visando ao caminho para uma nova realidade, — um futuro sustentável que lhes dê ferramentas para a construção de mudança social, de modo a valorizar os diferentes saberes e a diversidade cultural na formação do conhecimento. “Esse encontro de saberes implica processo de hibridização cultural onde são revalorizados os conhecimentos indígenas e os saberes populares produzidos por diferentes culturas em sua co-evolução com a natureza” (LEFF, 2012, p. 50-51).

As comunidades tradicionais são grupos de indivíduos detentores de uma infinita riqueza cultural e de saber popular. No entanto, esse conhecimento é desconsiderado pela sociedade, que não percebe e não valoriza o saber tradicional, tampouco concebe a importância do reconhecimento identitário desses povos e seus saberes. Para Leff (2012, p. 51), “O saber ambiental reconhece as identidades dos povos, suas cosmologias e seus saberes tradicionais como parte de suas formas culturais de apropriação de seu patrimônio de recursos naturais”.

Nessa direção, é possível encontrar na obra de Manoel um momento de contato com comunidades tradicionais quando, em o “Retrato do artista quando coisa”, ele faz menção a Salustiano, índio Guató, cujos ensinamentos o impressionaram:

As árvores velhas quase todas foram preparadas
para o exílio das cigarras.
Salustiano, um índio guató, me ensinou isso.
E me ensinou mais: Que as cigarras do exílio
são os únicos seres que sabem de cor quando a
noite está coberta de abandono.
Acho que a gente deveria dar mais espaço para
esse tipo de saber.
O saber que tem força de fontes (BARROS, 2013, p. 344).

Fonte de sabedoria ainda não valorizada, advinda de sua ancestralidade, as comunidades tradicionais se constituem por meio de uma outra forma de viver e de se conectar com a natureza. Eles ainda não se contaminaram com o processo de mercantilização dos seres, contrapondo o modo padrão relacional da sociedade moderna vigente em tempos atuais, que estabeleceu o modo de exploração, causador do processo de degradação no qual estamos inseridos. No trecho “Acho que a gente deveria dar mais espaço para esse tipo de saber. O saber que tem força de fontes” (BARROS, 2013, p. 344), o poeta reforça a necessidade, assim como dispõe os pressupostos da Educação Ambiental, de dialogar e reconhecer os saberes das comunidades tradicionais, que são os advindos da experiência em ter a natureza como sua essência, constituídos com base numa relação de pertencimento.

Em “Gramática do povo Guató”, da obra “Memórias inventadas: a segunda infância”, Manoel recorda-se do indígena Rogaciano, que andava pelas ruas de Corumbá/MS a catar papel em troca de pinga. Esfarrapado e com fome, dirigia-se à casa dos pais do poeta a fim de conseguir que lhe servissem um prato com comida. O poeta, ainda menino, aproveitava o momento para conversar com o indígena, a fim de conhecer um pouco mais da rica língua ancestral:

Uma hora me falou que não sabia ler nem escrever. Mas seu avô que era Xamã daquele povo lhe ensinará uma Gramática do Povo Guató. Era a gramática mais pobre em extensão e mais rica em essência. [...] Acho que eu gostasse de ouvir os nadas de Rogaciano não sabia. E aquele não saber me mandou de curioso para estudar linguística. Ao fim me pareceu tão sábio o Xamã dos Guatós quanto Sapir (BARROS, 2018, p. 42).

Curioso quanto à linguagem do povo Guató, Manoel reconhece a importância da sabedoria dos povos originários, advinda da ancestralidade ainda subjugada pela sociedade e que deveria ter a sua importância reconhecida tanto quanto o conhecimento científico, visto que a sabedoria e práticas advindas dessa comunidade, repassadas pelos anciões, também se constituem como conhecimento. Assim, para Manoel, os saberes de um Xamã são tão importantes quanto os conhecimentos produzidos por Edward Sapir, um dos linguistas mais importantes do século XX.

O conhecimento científico não é a única forma válida de conhecimento, uma vez que a prática, em contato com o meio natural, também levou os povos originários a desenvolver seus próprios saberes. São conhecimentos e saberes que também tiveram que passar por testes realizados pelos próprios integrantes das comunidades,

sejam eles físicos ou observatórios, para então serem legitimados pelo grupo, de modo que não poderiam ser menosprezados, pois se trata de um saber importante tal como o científico, ambos constituídos apenas por especificidades diferentes.

Para a sobrevivência da cultura dos povos ancestrais, é fundamental assegurar o direito à terra e o reconhecimento dos territórios como espaços de convivência, cultura e religiosidade dos povos. Além do mais, as comunidades tradicionais são imprescindíveis para o fortalecimento e para a manutenção da sociobiodiversidade, haja vista que detêm conhecimentos sobre o ambiente que habitam e, portanto, as atividades indispensáveis para a sobrevivência são realizadas em razão do respeito que os povos possuem pela natureza, favorecendo a renovação e o equilíbrio dos elementos naturais.

No livro organizado por Müller (2010), que concentra muitas entrevistas de Barros, o poeta explica sobre seu olhar refinado para as coisas simples, advindas do convívio real ou de suas memórias inventivas com os indígenas, com quem afirma ter vivido durante um tempo, com o propósito de sentir e vivenciar a vida primitiva e seus armazenamentos ancestrais:

Minha poesia é muito intuitiva. Quisera que fosse mais primitiva! Eu li livros a mitologia indígena e vivi muitos anos com os índios chiquitos, da Bolívia. Gostava de tomar chicha – uma aguardente de milho – e pescar. Eu tinha fascinação pelas línguas primitivas indígenas. Eles, primeiro que a gente, fizeram árvore virar tatu, criança nascer árvore. O poeta é um inocente que é ligado a essas coisas primitivas, apesar dos estudos. [...] Acho que nasci com o olhar para baixo. tenho uma revolta contra a injustiça social. São os pobres seres que me fascinam. Sou uma pessoa que se liga muito ao pobre ser humano [...] (MÜLLER, 2010, p. 140).

Sua ligação com o primitivo o influenciou no que diz respeito à maneira como ele tratava as coisas e seres em sua poesia, desprendendo-se dos caminhos normalmente seguidos, da valorização apenas do que é essencialmente humano, abrindo-se para a diversidade do mundo e deixando-se contaminar pelo que os seres do chão podem ensinar.

Manoel busca o entusiasmo pelo invisível, propondo a reconexão com os seres. Demonstra preocupação com a questão social, com as desigualdades nas quais estamos inseridos, considerando o desprezo que a sociedade possui por “algumas” vidas humanas, entre elas os menos favorecidos economicamente. Ousamos pensar que, talvez, essa seja uma das proposições do poeta: dar voz a esses seres e tirá-los

do silenciamento que lhe são impostos para que sejam reconhecidos como sujeitos pertencentes ao cosmo, ao universo e, portanto, parte de toda a humanidade.

Sua maneira outra de emergir na natureza nos faz perceber a necessidade de ressignificar as coisas, de valorizar os elementos que nos tiram do lugar comum, do modelo cartesiano de olhar tudo que é do mundo. Contribui para outra percepção sobre a relação intrínseca entre o humano e a natureza, um jeito de mostrar que a natureza está entrelaçada ao humano e que, portanto, faz-se necessário ressignificar valores que perpassam as relações humanas, bem como a introjeção de uma concepção que permita enxergar que a natureza não é um proveito e não deve ser vista a partir de um invés utilitário, como bem ressalta Oliveira (2012):

[...] enquanto a relação entre indivíduo, a sociedade e o meio ambiente for trata de forma aleatória, dissociada, e também que a ganância pelo capital, de forma crescente e desordenada, continuará a interferir de forma negativa no que ainda resta dos *elementos naturais*. Porque, mesmo que a preocupação com a natureza faça parte das inquietações provocadas no ser humano, precisa-se fortalecer a compreensão e o reconhecimento efetivo sobre a importância da biodiversidade na vida do indivíduo, não como um fator externo, mas por meio de uma reciprocidade que se faça presente na luta sensível pela sustentabilidade planetária (OLIVEIRA, 2012, p. 44-45).

É nesse contexto que a poética de Manoel de Barros nos impulsiona à reflexão, com base no entrelaçamento de saberes, entre literatura e Educação Ambiental, que, ao nosso ver, permite a emancipação do humano e a minimização das disparidades sociais. Ao subsidiar, por meio de um olhar sensível, na não compreensão do humano desassociado da natureza, contribui para a construção de um mundo com mais equidade socioambiental — sobretudo porque enriquece a relação ética entre os seres humanos e as coisas que os rodeiam, permitindo o desenvolvimento de sociedades sustentáveis e a valorização da vida humana e dos demais seres vivos pela biodiversidade na sobrevivência das espécies vegetais e animais.

Por meio de seus poemas, é possível compreendermos as potencialidades do saber literário em face das questões socioambientais, de modo a estabelecer uma conexão com a Educação Ambiental e outros saberes no que tange à percepção de outra visão de mundo, alicerçada pela equidade socioambiental baseada em uma concepção outra: a de enxergarmos e nos relacionarmos com os seres não humanos. Nessa perspectiva, Oliveira (2012) aponta que

O intercâmbio entre a Educação Ambiental e a literatura aguça a criatividade, a fantasia, a imaginação e a sensibilidade, que são elementos pertinentes para que se reflita sobre o caos em que estamos jogando o planeta. Ao fazer emergir as nossas subjetividades por meio de fios que fazem parte do nosso

cotidiano, podemos também trazer à tona a urgência em tomar iniciativas a favor da coletividade e de sustentabilidade planetária (OLIVEIRA, 2012, p. 55-56).

Além de aguçar nossa imaginação e reflexão a respeito da questão socioambiental, sua poesia permite pensarmos o mundo por diferentes leituras a partir do que deslumbra a perspectiva literária da Ecocrítica: ao compreender outras formas de pensar sobre a sustentabilidade nos textos literários e baseando-se na retomada da conexão com a natureza, entre o humano e o não humano, de comunhão, de descobertas e de mobilização em face da urgência que se tornou o debate sobre a questão ambiental.

Ademais, “[...] o fazer literário insurge-se contra essa massificação das ideias, devolvendo ao homem a capacidade de maravilhar-se com as coisas ao seu redor e, por meio da imaginação e da invenção, pensar sobre elas com um novo olhar” (PINHEIRO, 2013, p. 22). É justamente esse o papel da poesia de Manoel, que dialoga com a Educação Ambiental e com os pressupostos ecocríticos ao nos presentear com versos imbuídos de respeito e devoção aos seres, no cuidado com a terra, a água, o território e todos com quem dividimos o planeta. Além do mais, é capaz de sensibilizar a espécie humana para a construção de um mundo mais ético, de apreço pela diversidade de elementos e saberes que compõem o planeta, com base na relação entre as diferentes espécies, de forma a superar as limitações e nos auxiliar na proposição de novos sentidos.

Nesse bojo, Boff (2004) assinala que a ecologia é o encontro de diversos outros saberes e relações de conhecimento:

A ecologia é um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos. Nessa perspectiva, a ecologia não pode ser definida em si mesma, fora de suas implicações com os outros saberes. Ela não é um saber de objetos de conhecimento, mas de relações entre os objetos de conhecimentos. Ela é um saber de saberes, entre si relacionais (BOFF, 2004, p. 17).

Com base no diálogo entre saberes e em uma ecologia subversiva, questionadora, a ecologia busca a transgressão da ordem vigente, que está pautada pela ordem da destruição. Visto que a questão socioambiental é atravessada pela luta de classes, ela se posiciona contra a exaustão dos bens naturais, da objetificação das relações humanas e da natureza.

Para Guimarães (1995), a disparidade nas relações entre o humano e a natureza se dá em decorrência do sentimento de dominação presente nas relações de classe da própria sociedade e entre os próprios seres humanos, estendendo-se para a relação entre os seres humanos e a natureza. Além disso, a fragmentação do saber na sociedade moderna e uma visão de mundo pautada pela dominação privilegia o humano em detrimento dos demais seres:

A ênfase dada pela humanidade em sua evolução histórica à parte, a separação entre ser humano e natureza, resultou em uma postura antropocêntrica em que o ser humano está colocado como centro e todas as outras partes que compõem o ambiente estão a seu dispor, sem aperceber das relações de interdependência entre os elementos existentes no meio ambiente (GUIMARÃES, 1995, p. 13).

Desse modo, a lógica de dominação conduz a humanidade para o crescimento econômico — lógica essa baseada na exploração ilimitada, irresponsável e criminosa dos bens naturais, agravando os conflitos socioambientais —, com o intuito de angariar riquezas e acumular capital sem ao menos se importar com as consequências para o meio ambiente e para a própria qualidade da vida humana no planeta. O que se desconsidera, com tal política, é que são intrinsecamente complementares, uma vez que, para a continuidade da vida, é necessário o equilíbrio dinâmico do meio ambiente; sem ele, não há como os seres humanos sobreviverem.

No que se refere à necessidade de equilíbrio do meio ambiental, é por intermédio do olhar sensível no trato com as coisas do mundo que Manoel nos oferece uma abertura entre a sua poesia, dada às coisas da natureza, e a Educação Ambiental. Assim, dialoga sobre a importância do acolhimento dos seres do “chão”, a resignificação das coisas “desprezíveis”, o que colabora com a visão menos utilitarista do meio ambiente e contribui para a superação de elementos e conceitos mercadológicos ainda imbricados pelo poder hegemônico em nossa sociedade, visando a novas formas de convivência entre os seres.

Dessa forma, delineamos este estudo ao colocarmos em evidência dialogicamente as questões ambientais na poética de Manoel, na qual enxergamos um espaço fecundo para outros horizontes à sustentabilidade planetária, em que as questões humanas estejam intrinsecamente imbricadas com as questões ambientais. “Em função de tudo isso, a EA tem o importante papel de fomentar a percepção da necessária integração do ser humano com o meio ambiente. Uma relação harmoniosa, consciente do equilíbrio dinâmico na natureza [...]” (GUIMARÃES, 1995, p. 15).

Nesse contexto, a preocupação da Educação Ambiental vai além das calamidades ambientais que assolam o meio ambiente e da biodiversidade planetária. Fundamentalmente, direciona-se às questões socioambientais que permeiam o meio ambiente e os assuntos econômicos, políticos e sociais, que são intrínsecos à questão ambiental.

E diante da complexidade da questão ambiental no planeta, é fundamental ter sensibilidade quanto à interiorização de conceitos e valores que devem ser abordados pela Educação Ambiental, com vistas à transformação de atitudes por meio do conhecimento — de modo a fomentar a formação de sujeitos críticos, construir uma sociedade socioambiental justa e equilibrada e entender que o humano é natureza e não apenas parte dela. Nessa direção, Guimarães (1995) alerta sobre a impossibilidade de nos desprendermos da natureza, de forma a impedir a sobrevivência da espécie humana:

Qual a separação que existe entre o ser humano e o meio ambiente, se a todo momento o ser humano aspira para o seu interior o ar que circunda, ingere a água que bebe, a alimentação que come, exterioriza e interioriza sentimentos para com outra pessoa, uma flor, um animal, uma paisagem? Uma relação intrínseca e vital com o meio ambiente (GUIMARÃES, 1995, p. 31).

É na necessidade dessa compreensão, destacada por Guimarães (1995), que reside a competência da educação ambiental. Por meio de ações e atitudes reflexivas de sensibilização, ela favorece a compreensão da importância de nós, humanos, constituirmo-nos natureza e exercermos nossa capacidade de atuar no processo de transformação da realidade e na construção de um planeta com condições econômicas, políticas, sociais e ambientais equilibradas e justas. No entanto, isso somente se fortalecerá a partir do momento em que forem potencializados valores e conceitos que possam contrastar com a dominação e degradação da natureza, já fixadas na sociedade, que afastam as populações dos ambientes naturais, configurando-se postura destrutiva pela e para a própria espécie humana.

E Manoel nos brinda com um arcabouço poético que auxilia, justamente, nesse processo de sensibilização, de atitudes reflexivas, que remetem a olhares em direção à construção de sociedades sustentáveis e minimização das disparidades socioambientais, de modo a contrapor o viés mercadológico de apropriação de bens naturais. Para tanto, faz-se necessária uma mudança de princípios e valores em relação à questão ambiental, conforme assinala Guattari (2007):

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (GUATTARI, 2007, p. 9).

A revolução proposta por Guattari (2007) será possível não apenas quando o humano tomar consciência da necessidade de combater as forças hegemônicas — responsáveis por impor uma ideologia que corrobora com a expansão do capital e com a marginalização das minorias —, mas, fundamentalmente, quando for um desejo coletivo, que sensibilize a sociedade sob um ideal de mudança nas estruturas e na maneira como enxergamos e nos relacionamos enquanto ser. Dessa forma, poderemos conceber uma possibilidade de superação dos conflitos socioambientais, bem como ressignificar a relação entre humanos e natureza.

Nessa esteira, o mergulho na poética de Manoel constitui-se importante ferramenta. Isso porque ela é capaz de colaborar na construção de novo olhar para a relação entre o humano e as diferentes espécies que compõem o planeta ao difundir, por meio do olhar do autor, a importante coexistência de diferentes seres e coisas que habitam o mesmo espaço, sendo fundamentais para o equilíbrio do planeta, conforme destaca Oliveira (2012):

Manoel de Barros apresenta, com sua poética, a mágica da natureza e convida-nos para um novo olhar sobre as coisas do mundo, mostrando que os atritos e conflitos que permeiam a vida cotidiana podem suscitar a emergência em ressignificar os valores humanos cultivados na sociedade capitalista. Que, muito mais urgente que os valores materiais, é a sobrevivência dos seres no mundo. O autor chama a atenção para a percepção das coisas ínfimas, fundamentais para o equilíbrio do planeta (OLIVEIRA, 2012, p. 38).

Para o poeta, é com base na percepção das coisas “ínfimas”, da experiência imaginativa do sensível, dos seres submersos pela indiferença, que conseguiremos mudar nossa forma de olhar e perceber que é das profundezas do chão que emerge o caminho necessário para se perceber e valorizar as coisas do mundo. É esse “descaminho” que nos aproxima do invisível, do impensável, que nos permitirá refazer nosso reencontro com um planeta ambientalmente equilibrado. Desse modo, a poesia atua como ferramenta para aguçar o sentimento em relação ao pertencimento, cuidado e respeito pela natureza, questões presentes no poema “O Lápis”, que compõe a obra “Poemas rupestres”:

O LÁPIS

É por demais de grande a natureza de Deus.
 Eu queria fazer para mim uma naturezinha particular.
 Tão pequena que coubesse na ponta do meu lápis.
 Fosse ela, quem me dera, só do tamanho do meu quintal.
 No quintal ia nascer um pé de tamarino apenas para uso dos passarinhos.
 E que as manhãs elaborassem outras aves para compor o azul do céu.
 E se não fosse pedir demais eu queria que no fundo corresse um rio.
 Na verdade, na verdade a coisa mais importante que eu desejava era o rio.
 No rio eu e a nossa turma, a gente iria todo dia jogar cangapé nas águas correntes.
 Essa, eu penso, é que seria a minha naturezinha particular:
 Até onde o meu pequeno lápis poderia alcançar (BARROS, 2013, p. 407).

Nesse poema, Manoel externaliza a importância da natureza ao declarar sua vontade em ter “uma naturezinha particular” e que, se possível, “queria que no fundo corresse um rio” e no quintal pudesse nascer “um pé de tamarino apenas para uso dos passarinhos”. São essas narrativas sensíveis trazidas pelo poeta que dialogam com a Educação Ambiental à medida que provocam a imersão sob a sensibilidade das coisas, das cores, das formas, minimizando a influência dos olhares e valores mercantilistas sobre os bens naturais.

Por meio da relação entre diferentes seres e elementos que compõem o ambiente natural, seu olhar poético-ecológico oportuniza o entendimento da natureza como fonte primordial para nossa existência, revelando a compreensão de um universo poético-humano-ecológico no qual se abre a possibilidade de consolidação de uma nova ética-socioambiental, pautada pelo respeito e cuidado do outro. Para tanto, é fundamental que haja consciência da necessidade de caminharmos em comunhão com natureza, assim como fazia o poeta, em meio aos seres do chão: “Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação” (BARROS, 2018, p. 67).

Por meio desse fazer literário, do olhar poético para as coisas “ínfimas”, Manoel contribui e impulsiona um novo olhar para a questão ambiental e nos convoca para perceber as pequenas coisas, a fim de nos colocar abertos para a natureza, objetivando a construção de uma sociedade mais justa e ecologicamente viável,

movida por processos emancipatórios de respeito e solidariedade entre os sujeitos e o meio ambiente. Isso porque “[...] partilhamos da convicção de que a qualidade ambiental e de vida que levamos é mediada pelas relações que estabelecemos entre nós e o mundo sob determinado momento histórico e organização social” (LOUREIRO, 2000, p. 9).

Manoel dá vida aos resíduos rejeitados pela sociedade, às coisas do chão, entrelaçando o ambiente pantaneiro aos seres humanos, na valorização dos animais e seres “ínfimos” como lesmas, rãs, moscas, lagartos, passarinhos, besouros, formigas, sapos, entre outros. Dá visibilidade às coisas que costumeiramente passam despercebidas ao nosso olhar, a seres e personagens que se integram à natureza.

Na natureza apresentada por Manoel tudo se integra, se entrelaça, desconstruindo a noção equivocada de que o humano é naturalmente dissociado do meio ambiente — é justamente o fortalecimento desse pensamento, dessa desconexão entre humano e meio ambiente, que move os seres para a indiferença, para o desprezo e, conseqüentemente, estimula o olhar utilitarista e mercadológico das coisas.

A essência, para o poeta, está no encantamento quando partilhamos a vida entrelaçados aos seres não humanos. Logo, faz-se necessária a ressignificação de valores com base no desprendimento e na ruptura com a concepção de natureza como bem de consumo e propriedade. Do contrário, permaneceremos navegando por mares turbulentos e assistindo a um colapso socioambiental com conseqüências inimagináveis e sem precedentes.

E na busca pelo encantamento pelos seres e pelas coisas, a infância de Manoel lhe possibilitou viver em consonância e em comunhão, bem como ativar a sensibilidade para as coisas do mundo. Suas recordações lhe permitem refazer o trajeto do humano numa dimensão de reencontro, do conhecimento pelo sensível, no qual havia transfusão com a natureza, como demonstrado no texto em prosa “Manoel por Manoel”:

MANOEL POR MANOEL

[...]

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o

menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores (BARROS, 2018, p. 67).

A comunhão de Manoel com os seres que habitam o chão foi inspiradora da criação de diversas produções culturais, que utilizaram suas obras para expandir seu universo poético. Entre elas, a partir de suas “raízes crianceiras”, o músico Márcio de Camillo produziu o espetáculo “Crianceiras”, no qual musicou diversos poemas do autor. Ao transformá-los em canções, ele estabeleceu um ponto entre a obra poética de Manoel e a infância, permitindo que crianças e adultos, por meio da música, pudessem embarcar em suas “miudezas” poéticas.

Além disso, várias outras expressões artísticas foram captadas por sua obra poética, como a peça teatral “Inutilizas”, lançada em 2002. Composta por texto de Manoel de Barros e roteiro da atriz Bianca Ramoneda, a peça reuniu poemas de diferentes momentos da obra do escritor, que puderam ser representados por meio das personagens. Da mesma forma, o espetáculo “Meu Quintal é Maior do Que o Mundo”, monólogo interpretado pela atriz Cássia Kis, baseou-se na obra de Manoel de Barros.

O poeta também foi protagonista do documentário “Só dez por cento é mentira”, a ele dedicado e lançado em 2010. O documentário trata-se de uma imersão poético-literária e cinematográfica, composto por entrevistas nas quais o poeta abre seu baú de memórias. Também registra diversos depoimentos reveladores de familiares e amigos, levando-nos a experimentar as “miudezas” de sua poesia.

Por fim, não poderíamos deixar de destacar o 11º álbum de Luiz Melodia, o “Pérola Negra” que, lançado em 2001, teve como referência literária a obra de Manoel de Barros. O poema “Retrato do artista quando coisa” foi musicado pelo compositor e músico e inserido como faixa-título do álbum homônimo, como tributo ao poeta.

Assim, sua poesia vem ao longo dos anos, por meio de diversas expressões do mundo artístico, espalhando sua comunhão com o mundo natural para aqueles que desconheciam seus textos ou já sabiam da importância de sua obra poética e de seu apreço pelas coisas rastejantes. Nela, inexistente separação nítida do que se constitui natureza, já que para o autor não há essa disjunção; tudo é natureza, inclusive o humano. Inspirados em Manoel, é dessa forma que nós deveríamos conceber a natureza e, conforme dispõe Barbosa (2003, p. 940), ao analisar a obra do poeta, “O

homem deve abandonar a razão para poder ver as coisas através da inocência de um animal, de um vegetal”.

E para enxergar os seres e as coisas dessa maneira, é necessário aguçarmos nossa sensibilidade, darmos nossa representação a tudo que é ou se torna extensão da natureza. Tudo é arrastado para o chão; tudo que é “inútil” e contaminado por árvores, pássaros, rãs, larvas, pela gosma das lesmas, aproximando-nos da natureza e das coisas que fazem parte dela. É dessa forma que a poesia de Manoel se constitui, a partir de “[...] uma fusão entre natureza e sujeito. Em sua poesia, não haverá, de um lado, um sujeito que pensa e, de outro, a natureza” (BARBOSA, 2003, p. 113). Sua poesia transforma o humano e a natureza em uma coisa só, em um único elemento, permitindo, assim, transcender e transbordar pelas experimentações entre o chão e a natureza, entre a natureza e o humano.

Dessa forma, podemos afirmar que Manoel não escreve. Ele entrelaça palavras como se estivesse de fato a tecer ou a costurá-las, expressando o canto da natureza, tecendo o humano à natureza e enlaçando-o às coisas do chão, de modo a valorizar os elementos rejeitados pela sociedade de consumo e dar visibilidade aos seres que, na sua maioria, não são notados pelos humanos em seu cotidiano e, quando o são, permanecem desprezados.

E nesse sentido, o poeta dialoga com a Educação Ambiental ao dar voz à natureza, ao tecer uma relação íntima entre o humano e a natureza, deixando que os elementos naturais fluam como parte integrante da constituição humana, apresentando personagens que se constituem como sujeitos emergidos e integrados à natureza.

Assim, sua obra poética nos leva a refletir com base em uma visão contra-hegemônica, ou seja, contra concepções ideológicas que corroboram a expansão do capitalismo mediante o acúmulo do capital — e, conseqüentemente, em oposição à visão mercadológica dos bens naturais, na qual prevalecem valores que contrapõem o enfrentamento às questões socioambientais e as relações de afeto, do exercício do cuidado, bem como do “[...] aguçar o sentimento, que, ao cuidar da natureza, está cuidando do próprio eu, pois os seres humanos estão entrelaçados, em um processo, no qual nada está solto no vácuo, ao contrário, tudo interage” (OLIVEIRA, 2012, p. 52).

Manoel, em sua poética, procura ressignificar a presença do humano na Terra ao não valorizar um conhecimento em detrimento do outro. Nota-se que ele, inclusive, coloca o conhecimento de outros seres no mesmo patamar de importância do conhecimento humano, permitindo, dessa forma, uma aproximação dentro de uma relação na qual o humano não se sobressaia perante a natureza, como podemos observar na nota de rodapé do livro “Retrato do artista quando coisa:

Nota 1 – A fim de percorrer uma lesma desde o seu nascer até sua extinção, terei que aprender como é que ela recebe as manhãs, como é que ela anoitece. Terei de saber como é que ela reage ao sol, às chuvas, aos escuros, ao abismo, ao alarme dos papagaios. Vou ter que encostar o meu ventre no chão para o devido rastejo. Terei que produzir em mim a gosma dela a fim de lubrificar os caminhos da terra. Para percorrer uma lesma terei de exercitar o esterco com lubricidade. Terei de aprender a marcar com a minha saliva o chão dos poemas. E terei que aprender por final a arte de ser invadido ao mesmo tempo pelo orvalho e pela espuma dos sapos. A lesma sabe de cor o lugar da manhã que se abre primeiro (BARROS, 2013, p. 345).

Encostado aos elementos do chão, Manoel busca dar nova existência à condição humana baseando-se na experiência guiada por uma lesma, a fim de conhecer e sentir as sensações proporcionadas pelos movimentos do molusco. Porém, as limitações impostas pela condição humana dificultam tais percepções, sentidas apenas pelo animal rastejante, de modo a compreender a amplitude contida nas coisas e seres “ínfimos”.

E para expressar seu vultoso conjunto de palavras inventadas, Barros utiliza-se de seu “idioleto manoelês arcaico”, que é o “dialeto que os idiotas” usam para falar com as pedras e com as coisas; utilizado para definir as pessoas que possuem a habilidade de se maravilhar com os seres da natureza, de comungar com eles um sentimento poético, conforme definição escrita por ele mesmo na obra “Livro sobre nada”:

Escrevo o idioleto manoelês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene. (Para limpar das palavras alguma solenidade – uso bosta.) Sou muito higiênico. E pois. O que ponho de cerebral nos meus escritos é apenas uma vigilância pra não cair na tentação de me achar menos tolo que os outros. Sou bem conceituado para parvo. Disso forneço certidão (BARROS, 2013, p. 314).

Por meio desse dialeto, o poeta realiza a invenção da linguagem, que supera os limites da comunicação. Ainda que às vezes incompreensível ou ilógica, é pela linguagem que Manoel se abre para a diversidade das coisas, criando e recriando um

mundo fora daquela lógica preestabelecida, como podemos observar no poema retirado da obra “Livro sobre nada”, no qual Barros busca a construção de uma nova lógica a ser empregada em sua poética:

Apreendi com Rômulo Quiroga (um pintor boliviano):
 A expressão reta não sonha.
 Não use o traço acostumado.
 A força de um artista vem de suas derrotas.
 Só a alma atormentada pode trazer para a voz um
 formato de pássaro.
 Arte não tem pensa:
 O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.
 É preciso transver o mundo.
 Isto seja:
 Deus deu a forma. Os artistas desformam.
 É preciso desformar o mundo:
 Tirar da natureza as naturalidades.
 Fazer cavalo verde, por exemplo.
 Fazer noiva camponesa voar – como em Chagall.
 Agora é só puxar o alarme do silêncio que eu saio por
 aí a desformar.
 Até já imaginei mulher de 7 peitos para fazer vaginação
 comigo (BARROS, 2013, p. 323-324).

Quando o poeta afirma a necessidade de “transver” o mundo, ele coloca a necessidade de “desacostumarmos” com as coisas, de transgredir os valores impregnados na sociedade, baseando-se na sensibilidade de exercitar nosso olhar, a fim de abandonar nossas percepções antigas de mundo nos e abrir para novos sentidos das coisas, além de perceber outras existências presentes no planeta. O exercício de “transver” potencializa a abertura de outra consciência em relação ao outro, à natureza e a toda biodiversidade que a compõe, promovendo cidadãos mais críticos, éticos e conscientes do seu papel na sociedade.

Sua poesia se abre para uma multiplicidade de sentidos que se constroem por meio de uma forma de expressão, de linguagem que se dispõe a desconstruir as regras gramaticais, instituindo novo relacionamento entre as palavras, de forma a recriar a linguagem e modificar o sentido das frases. É como se o poeta quisesse se distanciar dos significados das palavras já arraigados na sociedade, aproximando o sujeito à natureza e à produção de novos arranjos para as palavras.

Nesse sentido, Leff (2001) apresenta uma reflexão sobre a importância da poesia quando a ciência e a filosofia já não conseguem dar conta do pensamento:

Quando a ciência chega ao limite do que pode ser pensado sobre a crise ambiental e a sustentabilidade, a teoria transborda sobre a filosofia e esta sobre a poesia. A desconstrução do pensamento filosófico abre novos jogos de linguagem que buscam dizer o impensável, o inefável; o que só pode ser expresso poética e literariamente (LEFF, 2001, p. 275).

Corroborar o pensamento de Leff (2001) talvez seja justamente a ideia de Manoel ao criar sua própria linguagem das “inutilezas”, na qual pode se expressar sem as regras e padrões exigidos, permitindo-se exercitar livremente seu fazer poético.

Desse modo, sua poesia apresenta-se como um espaço de reflexão ao revisitar temas em seus versos, que se encaminham para além da razão e da lógica de sentido. Dispõe sobre uma relação com a natureza na qual inventa um mundo com base em sua sensibilidade, para viver em consonância e em comunhão com o ambiente. Por tudo isso, podemos considerar o seu exercício poético um instrumento de transformação do ser no mundo, de libertação dos aprisionamentos aos quais somos submetidos, de forma a permitir-nos nos aventurar por meio das loucuras das palavras, a fim de virarmos “trastes”, conforme divaga o poeta:

— Você sabe o que faz pra virar poesia, João?
 — A gente é preciso de ser traste
 Poesia é a loucura das palavras:
 Na beira do rio o silêncio põe ovo
 Para expor a ferrugem das águas
 eu uso caramujos
 Deus é quem mostra os veios
 É nos rotos que os passarinhos acampam!
 Só empós de virar traste que o homem é poesia... (BARROS, 2013, p. 143).

Por meio de sua originalidade poética, Manoel consegue extrair ferramentas fundamentais para salvar-lhe dos aprisionamentos, produzir formas múltiplas de pensar sobre as coisas e constituir novas relações com o ambiente, estabelecendo um espaço que lhe possibilita recuperar “tudo aquilo que nossa civilização rejeita, pisa e mija em cima”.

No que se tange à sua poética, é importante destacar a utilização de recursos lexicais na construção de palavras, como o prefixo (*des*), que se apresenta com sentido de negação de algo, de descontinuidade, de forma a dar novo sentido às palavras. “O ‘des’ é uma ferramenta da oficina poético-filosófica do artesão Manoel. Não é a gramática que pode explicar o emprego em Manoel de tal prefixo, apenas uma *agramática* pode” (SOUZA, 2017, p. 57).

O poeta utiliza do prefixo “*des*” para desconstruir o sentido das palavras e lhes dar outro significado, desregulando a natureza por meio de uma linguagem simples e ao mesmo tempo complexa, avessa às regras e normas convencionais e imbuída de

grande poder de transgressão. Reforça o sentido de imensidão do mundo, da possibilidade de recriá-lo de outro modo e de pensar numa nova forma de se relacionar com o mundo e deixar-se atravessar por ele.

Nessa sequência, para Souza (2010), o prefixo “des” só pode ser compreendido em uma leitura não linguística. E para entender o uso desse utensílio, é necessário saber que não é apenas um elemento da língua, mas um sentido, de modo que “[...] esse termo só pode ser compreendido em uma leitura que não seja exclusivamente linguística, uma vez que “des” não é uma simples partícula da língua, mas uma ideia, um germe, que nasce do ‘instinto linguístico do poeta’” (SOUZA, 2010, p. 72). Além disso,

[...] o prefixo “des” comumente exprime “negação”, “ação contrária”, “privação”, “afastamento”. Por exemplo, “desfigurado”: aquilo que é desprovido de figura. Contudo, somente de forma aproximada essa explicação linguística consegue traduzir o uso que Manoel de Barros faz do termo “des”. No poeta, o linguístico não é um ramo de estudo da inteligência, ele é um “instinto” (SOUZA, 2010, p. 71).

Logo, o poeta gostava mesmo era de desver o mundo com base no olhar primitivo e de contínua descoberta das coisas “inúteis”: “[...] Eu queria mesmo desver o mundo. Tipo assim: eu vi um urubu dejetar nas vestes da manhã. Isso não seria de expulsar o tédio? E como eu poderia saber que o sonho do silêncio era ser pedra!” (BARROS, 2013, p. 421). E para alcançar a profundidade sensível do “desver”, de sentir as coisas, é fundamental justamente manter-se aberto para o sensível das coisas, ir além do que nossa visão permite ver, de maneira a inventar novos *descaminhos*, em busca de lugares que enriquecerão nossa existência:

[...]
Assim Bernardo emendou nova criação: Eu hoje vi um
sapo com olhar de árvore.
Então era preciso desver o mundo para sair daquele
lugar imensamente e sem lado.
A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas
pela inocência.
O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias
para a gente bem entender a voz das águas e
dos caracóis.
A gente gostava das palavras quando elas perturbavam
o sentido normal das ideias.
Porque a gente também sabia que só os absurdos
enriquecem a poesia (BARROS, 2013, p. 418).

Além da sua peculiar construção sintática, é constante em sua obra poética as memórias atreladas ao Pantanal, lugar onde viveu durante a infância, conforme

mencionado. O viver em meio ao rastro de animais e vegetais configurou-se um período de forte influência em sua escrita, na qual sua linguagem se desloca em um apurado mergulho pelas terras e águas pantaneiras, em uma perfeita comunhão com os elementos humanos, animais, vegetais e minerais.

Considerado um dos importantes biomas do planeta, o Pantanal foi ambiente fundamental para suas criações poéticas. O retratar os arranjos da natureza que o compõe, trouxe para sua poesia os seres mais “ínfimos” e “insignificantes”, entre eles o sapo, a pedra, o caramujo, a lesma. “[...] Manoel de Barros ‘transfaz’ o Pantanal como sua Terra Natal. ‘Transfazer’ é recriar a natureza a partir do sentido inventado pela poesia. ‘Transfazer’ é desterritorializar” (SOUZA, 2010, p. 43).

É importante destacar que, apesar de Manoel retratar diversas de suas memórias infantis, vivenciadas ou inventadas durante o período em que viveu imerso no bioma Pantanal, ele consegue ir além do rótulo de poesia regionalista, não se prendendo apenas à exuberância natural de suas paisagens únicas. E, por isso, consegue transcender-se para além do rótulo de poeta pantaneiro, configurando-se um poeta das coisas universais.

Para Marinho (2014), Manoel brinca e reinventa a paisagem da natureza pantaneira de modo a alterá-la para uma linguagem que ultrapassa os olhos de quem a vê, transformando-a em paisagem transvista e humanizando-a por meio da comunhão entre os elementos humano, animal, vegetal e mineral. “A nova unidade desse Pantanal (transvisto) se dá no imageante quando é permitido, no mundo mediado pela linguagem poética, a recriação da toponímia no plano de uma ressignificação dos “elementos naturais” (MARINHO, 2014, p. 61).

Já Savio (2004) aponta que Manoel tinha consciência da exuberância e da sedução que a natureza do Pantanal exercia sobre sua escrita, sobretudo em relação ao perigo desse ambiente natural ser retratado como uma mera degustação contemplativa de suas belezas — o que definitivamente não traduz a maneira como o poeta desenvolve sua poesia, uma vez que ele fugia do regionalismo, da simples descrição das coisas, e mergulhava e se fundia na irracionalidade, na inutilidade das coisas, na natureza e nos seres que nela habitam.

Ele reconfigurou o Pantanal a seu modo ao nos permitir enxergar, por meio da linguagem poética, as essências dos seres e das coisas desprestigiadas, valorizando

a preocupação com a fecundação que o ambiente lhe proporcionara em vez das mais lindas paisagens. Savio (2004) acrescenta que,

A esta altura não se pode deixar de fazer referência novamente à região onde o poeta nasceu e vive. É a natureza não como simples cenário ou elemento exótico, mas como algo incorporado ao próprio texto. A vida surge na fermentação dos pântanos onde novas espécies estão sempre sendo gestadas. É a vida que vem da decomposição, da podridão, a *química do brejo*, num verdadeiro processo alquímico que ali acontece. A água, líquido vital, aparece sob várias formas neste universo—água propriamente dita, chuva, umidade, seivas, secreções, sêmen, gosmas (SAVIO, 2004, n.p).

Conforme aponta Sávio (2004), Barros não utilizava a natureza para descrever paisagens; ele, de certa forma, promovia a aproximação do humano e da natureza, dando voz a ela. Na sua concepção, e na forma como era retratado, o ambiente não era visto apenas como um misto de paisagens ou um cenário a ser exposto, conforme podemos observar na prosa poética da obra “Livro de pré-coisas”, mais especificamente no poema “Anúncio”. Nele, o poeta afirma que, em vez de se preocupar em descrever as paisagens do Pantanal, desvela a natureza por meio das miudezas do chão, seres que o impulsionaram enquanto matéria prima de sua poesia:

Anúncio

Este não é um livro *sobre* o Pantanal. Seria antes uma *anúnciação*. Enunciados como que constativos. Manchas. Nódoas de imagens. Festejos de linguagem.

Aqui o organismo do poeta adoece a Natureza. De repente um homem derruba folhas. Sapo nu tem voz de arauto. Algumas ruínas enfrutam. Passam louros crepúsculos por dentro dos caramujos. E há pregos primaveris...

(Atribuir-se natureza vegetal aos pregos para que brotem nas primaveras... Isso é fazer natureza. Transfazer.)

Essas pré-coisas de poesia (BARROS, 2013. p. 183).

Barbosa (2003, p. 17) salienta que, embora a mídia o tenha rotulado como poeta do Pantanal, “Essa expressão deixa de fora o principal trabalho do poeta: o seu contato com as palavras, ou sua elaboração ao promover novas relações com elas, produzindo imagens que se afastam por completo de uma descrição realista ou ufanista do Pantanal”. Barros não utiliza sua poética para registrar a exuberância do lugar, atendendo apenas a aspectos puramente descritivos no ambiente: “[...] o poeta abandona os objetos que classicamente se constituíram como um cartão postal, para nos aproximar do lixo, dos inutensílios e das pequenas coisas do Pantanal” (BARBOSA, 2003, p. 92).

Para Silva e Reigota (2010, p. 144), a poesia de Barros é “[...] presa à terra, não no sentido regionalista, pois o poeta tem sua vivência no Pantanal, mas não se

limita a ele. A terra da qual falo é o chão mesmo, chão orgânico, repleto de matéria podre em decomposição”.

Manoel menciona o Pantanal em diversas obras, sobretudo na relação constituída com o ambiente natural que emerge da região. São memórias das quais não temos certeza se foram narrativas vividas ou se configuraram no âmbito da imaginação. O fato é que o poeta passou sua infância no Pantanal antes de ser encaminhado pela família para estudar fora, de modo que foi lá onde desenvolveu seus primeiros conhecimentos e obteve suas primeiras apreensões e percepções de mundo, nas quais destaca sua grande consideração pelo bioma: “Gosto do Pantanal ao ponto de eu precisar inventar uma tarde a partir de um tordo. Gosto do Pantanal ao ponto que eu possa ficar livre para o silêncio das árvores” (MÜLLER, 2010, p. 130).

Entretanto, o Pantanal onde Manoel por tantas vezes percorreu sob os descaminhos das profundezas, do chão encharcado de seus elementos poéticos, sofre e já não tem mais ficado alagado. O bioma padece com o aumento de desmatamento e arde em chamas desde 2019. Imagens impactantes de carcaças carbonizadas de animais silvestres foram veiculadas pela mídia de todo o país, nas quais onças, antas, serpentes, tatus, aves, entre outros animais, acabam sendo as grandes vítimas das labaredas que deixaram o bioma pantaneiro em cinzas e fuligem, dificultando a capacidade de regeneração.

Os seres rasteiros do chão, escondidos em suas quietudes, por quem Manoel tanto tinha apreço por serem animais de pequeno porte, foram os que mais sofreram com a agressão ao ambiente, deixando uma lacuna em muitas espécies, algumas já ameaçadas de extinção. Por tudo isso, grande esforço foi feito pelos brigadistas do Corpo de Bombeiros e pela sociedade civil organizada para salvar e minimizar os sofrimentos dos animais que agonizaram e perambularam desorientados em busca de água e comida.

Entre as origens dessa tragédia socioambiental de consequências incalculáveis está o uso inadequado do fogo para renovação das pastagens pelos pecuaristas, espalhando um rastro de destruição na biodiversidade do bioma. Somado a isso, há uma política antiambientalista e anticientificista do governo federal, com a diminuição da fiscalização nas áreas do bioma e o desmantelamento dos órgãos federais.

Além disso, as mudanças climáticas no planeta também são um dos fatores que têm afetado o regime das chuvas na região do Pantanal, que na criação poética de Manoel era cruzado pelas águas e suas alternâncias: “[...]. Agora eu penso nas águas do Pantanal. Penso nos rios infantis que ainda procuram declives para escorrer. Porque as águas deste lugar ainda são espriadas para alegria das garças” (BARROS, 2013, p. 423).

No entanto, a estiagem severa alterou o sobe e desce das águas, que era uma característica do bioma, reduzindo a umidade da região e, conseqüentemente, encurtando o período de cheia do Pantanal. Em decorrência disso, o fogo, muitas vezes de origem criminosa, prolifera-se, transformando-se em incêndios incontroláveis.

Atrelado a isso, segundo matéria do jornalista Vinícius Lemos¹¹, a principal causa da expansão do desmatamento no Pantanal guarda relação com o crescimento do agronegócio, que ameaça a vegetação e a biodiversidade do bioma e que, ao substituir a vegetação nativa por pastagem cultivada, coloca o Pantanal e seu ecossistema sob uma ameaça constante:

A principal causa da expansão do desmatamento no Pantanal, segundo especialistas, é o crescimento do agronegócio na região. Há décadas, o bioma convive com a produção extensiva de gado. Um levantamento do Instituto SOS Pantanal aponta que cerca de 15% da área do Pantanal foi convertida em pastagem. Um monitoramento do MapBiomas revelou que o uso da área do Pantanal como pasto se tornou um grande problema em decorrência de novos métodos usados por produtores locais. (LEMOS, BBC News Brasil, s/n)

Em contraponto a essa destruição, na poesia de Manoel ainda podemos encontrar as planícies encharcadas, onde a chuva, símbolo de fertilização, inunda o bioma imaginativo, proporcionando a alternância do ciclo das águas, a interação entre o mundo natural e o humano e entre os saberes da natureza, além da sensibilidade de ouvir e permitir ser inundado e renovado pelas águas do território pantaneiro sem limites e deixar-se dominar por elas:

MUNDO RENOVADO

No Pantanal ninguém pode passar régua. Sobremuito quando chove. A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites.

[...]

O mundo foi renovado, durante a noite, com as chuvas. Sai garoto pelo piquete com olho de descobrir. Choveu tanto que há ruas de água. Sem placas sem nome sem esquinas.

¹¹ LEMOS, Vinicius. Por que Pantanal vive 'maior tragédia ambiental' em décadas. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53662968>. Acesso em: 24 de junho de 2021.

Alegria é de manhã ter chovido de noite! As chuvas encharcaram tudo. Os baguaris e os caramujos tortos. As chuvas encharcaram os cerrados até os pentelhos. Lagartos espaceiam com olhos de paina. Borboletas desovadas melam. Biguás engolem bagres perplexos. Espinheiros emaranhados guardam por baixo filhotes de pato. Os bulbos das lixeiras estão ensanguentados. E os ventos se vão apodrecer! [...] (BARROS, 2013, p. 190-191).

Acometido por uma das maiores secas dos últimos tempos, açoitado pelo desmatamento ilegal e constantemente consumido pelo fogo, o Pantanal sofre prejuízos socioambientais incalculáveis. E as comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas, que o tem como território e sobrevivem da agricultura familiar e da pesca, sofrem junto. Nas palavras do poeta “Os homens deste lugar são uma continuação das águas” (BARROS, 2013, p. 184) e fundamentais para manutenção e conservação do bioma.

Manoel tinha noção que o Pantanal estava perdendo espécies de árvores nativas e fazia questão de lembrar que o pantaneiro não participava de forma exploratória da devastação do bioma, utilizando-se do ambiente apenas para sua subsistência. Afirmava que pantaneiro tinha respeito pelo território, uma ligação com o seu quintal, assim como os povos indígenas e quilombolas, sobretudo no tocante à conexão com a terra, conforme discorre no trecho do livro de Müller (2010):

Posso fazer uma lista de frutas e árvores que existem no Pantanal em abundancia e que hoje não existem ou estão desaparecendo. Posso afirmar que a extinção dessas espécies vegetais e animais não se deve à depredação dos pantaneiros. Pantaneiros são como índios pregados à terra. Não fazem esporte de caça. Pantaneiro vai no campo buscar um bicho pra comer. Buscar uma folha pra fazer remédio etc. (MÜLLER, 2010, p. 53-54).

Como mencionado na “desbiografia” do poeta, Manoel, ao ganhar terras no Pantanal de herança de seus pais, tornou-se fazendeiro com a criação de gado, mas não gostava de ser associado a essa profissão. Preferia deixar claro a separação entre a função de fazendeiro e a de poeta:

Somos diferentes. Eu mexo com palavras. O outro é fazendeiro de gado. Enquanto o cidadão mantém a casa em ordem, o poeta cultiva irresponsabilidades. Eu sou rascunho de um sonho. Ele é pessoa da terra. Eu tenho um entardecer de angústias. E o outro vai pro bar se esquecer. Recebo no meu olho beijamento de águas. Me sinto um ralo de sabedoria. E o outro zomba de mim. Gosto de me multiplicar todos os dias lendo frases de Gênesis. Ele se compadece de mim. A inércia e meu ato principal. Ele mexe com boi (MÜLLER, 2010, p. 24-25).

No período em que administrou a fazenda como criador de gado, função que exerceu por cerca de dez anos, Manoel não realizou sequer uma composição poética.

Esse tempo lhe serviu para que pudesse “adquirir independência econômica para comprar o ócio” e dedicar-se tão somente à poesia, uma vez que se percebia como “ser letral”, constituído das “[...] letras, sílabas, vaidades frases [...]” (BARROS, 2013, p. 405).

Por desfrutar do apreço pela poesia e ter desenvolvido a função de fazendeiro apenas por necessidade financeira, para dedicar-se tão somente à poesia, Manoel, se vivo fisicamente estivesse, se entristeceria com a situação de calamidade pela qual passa o Pantanal, dizimando sua flora, fauna, e tudo que lá existe. Fortaleceria uma posição ética de enfrentamento da destruição, do abandono e da exclusão socioambiental pelos quais passa o bioma e diversas outras regiões que têm suas áreas afetadas pela desproteção ambiental. Não fecharia os olhos em face das atrocidades e queimadas criminosas que acometem o Pantanal, como outros fizeram e permaneceram em silêncio diante de sua devastação.

Por tudo aquilo que construiu em suas obras, por ter sua poesia ligada à natureza, por referenciar o natural e pelo anseio de refazer o mundo real — além de recriar o ambiente natural dos seres do chão, de compartilhar seus versos com os elementos desprezados e mostrar que o conhecimento, a essência da vida está justamente nas miudezas, na natureza — Manoel, a partir de uma leitura sensível do mundo, tinha consciência da exuberância e da sedução que a natureza do Pantanal pode exercer, de modo que sua poética não percorreu uma mera contemplação do “natural”. Sua relação com ambiente não se tornou um simples cenário ou apenas uma paisagem exótica, mas algo mais profundo.

O que parece é que ele queria o natural incorporado à sua poesia com base em um Pantanal recriado, reinventado e transfigurado por meio das palavras, permeado pelas miudezas, pela sensibilidade, pelo desejo latente de propiciar à espécie humana o reencontro com as fontes primitivas e possibilitar a fusão com os seres do chão, águas, bichos e musgos. Enfim, com a natureza que, nas palavras de Manoel “[...] é uma força que inunda como os desertos. Que me enche de flores, calores, insetos, e me entorpece até a paradedza total dos reatores. Então eu apodreço para a poesia” (BARROS, 2013, p. 164).

Sua linguagem poética foi, em sintonia, utilizando das memórias do período em que viveu e permitiu-se viver a partir da fusão com a natureza, a ponto do lastro de

brejos, pássaros e árvores aparecerem de forma recorrente em sua poesia, apesar de sequer escrever durante o tempo que viveu nas águas pantaneiras.

Por meio de sua poesia, Manoel conseguiu enriquecer a relação entre os seres e o meio ambiente, estabelecendo uma relação íntima com os elementos, sem distinção entre os seres do chão e os que vivem nas alturas, de modo que sua intenção é a valorização dos diferentes elementos e seres. No poema “A pedra”, da obra “Tratado geral das grandezas do ínfimo”, o humano metamorfoseia-se em minério mediante uma relação intrínseca com os elementos vegetal, animal e mineral. Agregando-se à figura do humano, o poeta dá abrigo a conchas, privacidade a lagartos e borboletas e descanso às garças. A pedra ganha vida e passa a auferir dos privilégios de transformar-se em mineral:

A PEDRA

Pedra sendo

Eu tenho gosto de jazer no chão.

Só privo com lagarto e borboletas.

Certas conchas se abrigam em mim.

De meus interstícios crescem musgos.

Passarinhos me usam para afiar seus bicos.

Às vezes uma garça me ocupa de dia.

Fico louvoso.

Há outros privilégios de ser pedra:

a – Eu irrito o silêncio dos insetos.

b – Sou batido de luar nas solitudes.

c – Tomo banho de orvalho de manhã.

d – E o sol me cumprimenta por primeiro (BARROS, 2013, p. 376-377).

Ao reverenciar o natural, o primitivo, o poeta compartilha seus versos com as garças, conchas, lagartos e borboletas, que usufruem do seu corpo, afastando-se da limitação de sua condição humana e permitindo-se, assim, vivenciar o mundo com as miudezas, enxergar o diferente, o não visto, libertando-se dos condicionamentos imputados pela sociedade moderna — que bloqueia essa forma de vivência, de aderir à natureza —, transmutando-se no seu imaginário em animais, insetos, de forma a revirar o pensar comum e questionar a realidade na qual estamos inseridos.

Já em relação aos “Os caramujos”, que também faz parte da obra “Tratado geral das grandezas do ínfimo”, encontramos novamente comunhão entre os elementos da natureza:

OS CARAMUJOS

Há um comportamento de eternidade nos caramujos.

Para subir os barrancos de um rio, eles percorrem um dia inteiro até chegar amanhã.

O próprio anoitecer faz parte de haver beleza nos caramujos.

Eles carregam com paciência o início do mundo.
 No geral os caramujos têm uma voz desconformada
 por dentro. Talvez porque tenham a boca trôpega.
 Suas verdades podem não ser.
 Desde quando a infância nos praticava na beira do rio
 Nunca mais deixei de saber que esses pequenos
 moluscos
 Ajudam as árvores a crescer.
 E achei que esta história só caberia no impossível.
 Mas não; ela cabe aqui também (BARROS, 2013, p. 377-378).

Por meio desse dialeto, o poeta realiza a invenção da linguagem, que supera os limites da comunicação. Ainda que às vezes incompreensível ou ilógica, é pela linguagem que Manoel se abre para a diversidade das coisas. Se não fosse sob os olhos sensíveis do poeta, do reconhecimento do “ínfimo”, jamais conceberíamos tal percurso como ensinamento para a espécie humana. Isso se dá por meio da sua sensibilidade e do seu imaginário poético, na busca por uma nova forma de valorizar os seres e as coisas, conforme destaca Pinheiro (2013):

Nessa visão de valorização do inútil e das coisas ínfimas, a essência tem muito mais relevo que a aparência. O ínfimo contribui para que o ser humano enxergue as coisas de forma diferente. Nesse sentido, o que se trabalha no estado de maravilhamento. Fica rebaixado o materialismo, a propriedade, o capital, tudo aquilo que avilta a condição humana e massifica a mente do ser (PINHEIRO, 2013, p. 90).

Sua poesia é uma lição ao derramar-se para o contato com as inutilidades: “[...] São patrimônios inúteis da humanidade. Ganham o privilégio do abandono [...]” (BARROS, 2013, p.381). Ela atua como exercício efetivo de alteridade, transformando tudo aquilo que a sociedade costuma rejeitar em valiosos seres, imprescindíveis para nossa existência e transformação enquanto sujeitos, contrapondo a lógica do consumismo, do descartar das coisas. Isso porque, para ele, “[...] o cu de uma formiga é também muito mais importante do que uma Usina Nuclear” (BARROS, 2013, p. 316), de modo que as insignificâncias do mundo natural, que produzem estranheza, são fundamentais para enxergarmos a potencialidade das coisas e dos seres.

Por meio da leveza de sua poesia, Manoel permite ao humano o desabrochar para a sensibilidade dos elementos da natureza, dialogando com a Educação Ambiental com base no olhar ético e de afeto pelo não humano quando busca novas formas de relação. Ao contrapor uma sociedade que enaltece o empobrecimento do cotidiano e apontar uma possibilidade outra de viver, de (re)aprender, de (res)significar, de se relacionar com as coisas mundo, busca pela construção de uma

sociedade socioambiental mais justa e humana, consciente da necessidade de enfrentamento da problemática ambiental.

Para Carvalho (1998), a Educação Ambiental está ligada à questão do afeto. O autor explicita que

Um dos maiores desafios da Educação Ambiental é aliar uma educação dos afetos, que forma pessoas amorosas e sensíveis para com a natureza, à uma educação para cidadania, que forma sujeitos atentos para os problemas socioambientais, capazes de interferir nas decisões da sociedade. O ideal da Educação Ambiental seria formar cidadãos amorosamente engajados na transformação das relações da sociedade com a natureza (CARVALHO, 1998, p. 34).

Em sua poesia, é possível vislumbrar uma sociedade mais humana em relação à natureza, contrapondo a forma coisificada como grande parte da sociedade enxerga os elementos naturais. Seu olhar ambiental sobre as “coisas desimportantes” nos possibilita, enquanto humanos, uma percepção diferenciada sobre as coisas aparentemente simples e banais, auxiliando na concepção de uma visão de mundo sensível, a fim de “[...] construir teias que possam também contribuir para minimizar as calamidades e injustiças socioambientais, fortalecendo os princípios éticos e humanos [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 18).

Ademais, faz-nos despertar para a estranheza das coisas e para as relações entre os seres que habitam o planeta, além de enxergar o invisível, a dimensão de pertencimento à terra e o diálogo com os elementos da natureza, na valorização de diferentes saberes. Suscita, ainda, o diálogo com a perspectiva epistemológica do Bem Viver, que tem como um de seus atributos potencializar a humanidade no que diz respeito à construção do bem comum, da ética da relação, da solidariedade, da necessidade de combater a mercantilização da vida, sobretudo da natureza, de modo a assegurar a justiça socioambiental aos seres que habitam o planeta. Também propõe visões alternativas de estar no mundo, de modo a repensar as lógicas de produção para que todos os humanos e não humanos possam desfrutar de uma vida digna.

Desse modo, o Bem Viver apresenta-se como concepção dialógica com base em uma filosofia em construção de mudança na relação sociedade e natureza, pautado pelo equilíbrio entre as necessidades fundamentais da humanidade e os recursos disponíveis para satisfazê-las, sob uma perspectiva de igualdade e de justiça socioambiental. Nas palavras de Acosta (2016), o Bem Viver consiste em

[...] viver em aprendizado e convivência com a natureza, fazendo-nos reconhecer que somos 'parte' dela e que não podemos continuar a viver 'à parte' dos demais seres do planeta. A natureza não está aqui para nos servir, até porque nós, humanos, também somos natureza e, sendo natureza, quando nos desligamos dela e lhe fazemos mal, estamos fazendo mal a nós mesmos (ACOSTA, 2016, p. 23).

A partir do entendimento de que os humanos não só fazem parte como se constituem natureza, a obra de Manoel de Barros dialoga com os preceitos do Bem Viver ao apresentar em sua poética a inexistência de hierarquia entre as espécies e ao estabelecer a necessidade de nos abirmos para novas formas de pensar e de nos relacionar com o mundo, de superar os conhecimentos estagnados, de valorizar os seres desprezados — para que então, “No que o homem se torne coisal — corrompem-se nele os veios comuns do entendimento” (BARROS, 2013, p. 243). Isso porque a mudança de valores, do olhar para as coisas, tira-nos do lugar comum e nos encaminha para a desconstrução de pensamentos e atitudes.

Outra faceta da poesia de Barros é a de expressar-se de forma a romper com a maneira dos humanos se relacionar com os seres do mundo. Além de vivermos em uma sociedade cujo sistema privilegia uma classe em detrimento de outras, que oprime o humano vulnerável e os seres não humanos, sua poética se abre como uma possibilidade de conceber relações outras com os seres não humanos e entre a própria espécie humana.

Na obra “Retrato do artista quando coisa”, Barros contrapõe os preceitos impostos pela sociedade e recusa a obrigatoriedade do cumprimento das ações cotidianas, que se tornam automáticas e alicerçadas pelo sistema na qual vivemos e que priva, condiciona a liberdade dos indivíduos de “ser Outros”:

[...]
 Não aguento ser apenas um sujeito que abre
 portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que
 compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora,
 que aponta lápis, que vê a uva etc. etc.
 Perdoai.
 Mas eu preciso ser Outros.
 Eu penso renovar o homem usando borboletas (BARROS, 2013, p. 347-348).

A privação do sujeito se estende até no contato e na relação com a natureza. E, ao viver uma rotina permeada pelo afastamento, a sociedade não percebe que se distancia cada vez mais e esquece de que não só fazemos parte como somos natureza, conforme exposto no último verso: “Eu penso renovar o homem usando borboletas”, destacando, assim a importância do retorno à natureza, ao primitivo como

forma transformação do Ser. “Para ser escravo da natureza o homem precisa ser independente” (BARROS, 2013, p. 271).

Até porque, “Quem anda no trilho é trem de ferro. Sou água que corre entre pedras: — liberdade caça jeito” (BARROS, 2013, p. 146), de tal forma que a poesia é um instrumento que viabiliza a mudança, nos tira do eixo, potencializa sonhos e aguça a capacidade de ver e imaginar o mundo além da nossa capacidade ou além do que é permitido.

No que se refere à maneira como Manoel fala da natureza, Silva e Reigota (2010) explicam que

A poesia de Manoel de Barros nos (re)conduz a outra ciência, uma forma de falar de natureza e das coisas que nos rodeiam de uma maneira muito simples e, paradoxalmente, muito complexa. A simplicidade de sua poesia está na primazia e na ascensão por aquilo que é considerado extremamente simples, pelos seres desgarrados de pertencimento, abandonados, esquecidos (SILVA; REIGOTA, 2010, p. 144).

Corroborando as palavras de Reigota e Silva (2010), a poesia de Manoel não só exprime coisas que nos rodeiam, mas aquelas que nos constituem como humano. São seres reinventados que navegam em seu espaço literário, permitindo a impregnação de elementos que rastejam e que se aproximam de uma natureza “[...] construída com trastes, trapos, cascos, restos, lixos, entulhos, palavras esquecidas. Ignoradas e desprezadas pela gramática, tudo que é inútil para a tecnologia serve para a poesia, até mesmo o ‘cago’” (SILVA; REIGOTA, 2010, p. 144).

Manoel, ao olhar para os seres do chão, busca uma poética do ínfimo, das miudezas, de forma a produzir o estranhamento no leitor, no qual o “[...] ser humano (sujeito) se encontra em plena comunhão com os seres do meio, pois ele mesmo deverá ser contaminado por estes seres e transformado em nova criatura, para acompanhar um possível devir do mundo dentro do universo da linguagem” (PINHEIRO, 2013, p. 130). Com base nas palavras de Pinheiro (2013), podemos compreender que o poeta busca a reinvenção dos seres com a intenção de criação de um novo universo, pautado pela dimensão de reencontro entre os seres, pela busca por produzir novos sentidos e despertar para o desconhecido, além de novas formas de relação com a ambiente.

Há em sua obra uma forma de desprendimento em relação às formas de separação entre o humano e a natureza, tal como nos apresenta neste trecho: “Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender

é parede: procure ser uma árvore” (BARROS, 2013, p.16). Para o poeta, a ciência pode classificar, separar, mas o encantamento das coisas está no contrário. Para ele, ciência é “parede” e para a poesia é “árvore”. Sua intenção é justamente diminuir essa dicotomia, a segregação que separa a sociedade da natureza, uma vez que a ciência colocou o humano em outro patamar, como um ser superior às demais espécies, dando margem para destruir, modificar e desprezar os demais seres.

O poeta não renuncia ao saber científico, mas propõe saberes do chão, das pequenas coisas. Saberes sensíveis da natureza que tenham o mesmo valor e grau de relevância para a sociedade, se coloquem na contramão do pensar dominante e nos levem a produzir novos sentidos. Segundo ele, é só a partir desse despertar que conseguiremos entender e impulsionar uma mudança em relação às coisas do mundo e alcançarmos a essência das coisas: “[...] Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão --. Antes que das coisas celestiais. Pessoas pertencidas de abandono me comovem: tanto quanto as soberbas coisas ínfimas” (BARROS, 2013, p. 335).

Dessa forma, entendemos que a Educação Ambiental, como potencialidade política de enfrentamento, pode utilizar-se dessa perspectiva do sensível que muito pode contribuir para a questão socioambiental do planeta com base na ressignificação dos sentidos. E diante da dificuldade e necessidade de repensar novos princípios e percepções humanas no que tange à natureza e ao planeta, a poética de Manoel nos possibilita essa imersão no primitivo, na comunhão com a terra, de forma a fundir-se nela, como podemos observar nesse poema em prosa, que compõe o livro “Menino do Mato”:

Eu bem sabia que a nossa visão é um ato poético do olhar. Assim aquele dia eu vi a tarde desaberta nas margens do rio. Como um pássaro desaberto em cima de uma pedra na beira do rio. Depois eu quisera também que a minha palavra fosse desaberta na margem do rio. Eu queria mesmo que as minhas palavras fizessem parte do chão como os lagartos fazem. Eu queria que minhas palavras de joelhos no chão pudessem ouvir as origens da terra (BARROS, 2013, p. 428).

Manoel incorpora em sua poesia o retornar às origens, ao primitivo, traduzindo o mundo poeticamente ao estabelecer conexões que permitem ao humano dominar-se pelo mundo natural e integrar-se, fundir-se com o chão, com a água, como se o desejo fosse buscar a fusão do corpo humano com a natureza, de modo a desprender do seu corpo para fundir-se nela. Para o poeta, não basta descrever os elementos. É

necessário fundir-se a eles e assim se transformar em coisa “inútil”; ou seja, em natureza.

É pelo humor, pelas brincadeiras com as palavras que Barros desconstrói nosso olhar ao criar uma possibilidade outra de dar sentidos às coisas, naquilo que antes entendíamos como saber, conhecimento ou aprendizado formal. Sua maneira única de descrever a natureza e as sensações que ela lhe dá, fortalecidas pelas “inutilidades”, pelas águas e pelo chão, ocorre mediante o desfazer do olhar cotidiano, abrindo-se para a importância do que parece “inútil”.

Além disso, sua forma de conceber as coisas do mundo nos ensina a procurar o lado não visto das coisas e mostra a necessidade de nos reinventarmos como sujeitos, como sociedade — baseando-se em um pensamento humanista, sensível, no afeto e no diálogo entre os saberes —, de modo a inverter essa lógica de valores que prestigia o conceito de utilidade de seres e coisas. E isso é justamente no que se baseia os preceitos Educação Ambiental: em processos que busquem incentivar modos de vidas alternativos ao modelo de vida hegemônico e questionar o consumismo, sobretudo em relação ao conceito de felicidade estar intrinsecamente sintonizado a essa questão.

A poesia de Manoel é permeada pela (*des*)palavra, na qual os sentidos se desfazem e são refeitos por meio da linguagem, dos seres que emergem do chão, do “inútil”, daquilo que não tem presteza e nem funcionalidade. No entanto, a essência está justamente no fato de eles serem desimportantes: “As coisas sem importância são bens de poesia” (BARROS, 2013, p. 137). É a partir desses seres que a poesia se transforma, valendo-se da própria potencialidade da linguagem.

Em tempos pandêmicos, com a suspensão do cotidiano, tivemos a nítida compreensão do quando a espécie humana é incompleta, vulnerável. Isso nos convocou a desacelerar o ritmo caótico, a respeitar o ciclo da natureza, a mostrar que somos seres comuns e que a espécie humana não se sobressai às demais, destituindo, assim, a considerada “supremacia” em relação aos demais seres que habitam o planeta. De modo que, ao se questionar: “Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?” (BARROS, 2013, p. 297), ele ressalta que sua preocupação não é com o humano, mas com os anseios da espécie humana, de modo a nos fazer entender que ela é parte constituinte do planeta e que nada a configura como ser superior em relação às demais espécies.

De acordo com Krenak (2020b), com a disseminação da covid-19, a espécie humana teve que enfrentar uma das situações mais difíceis dos últimos tempos. Para ele, “É incrível que esse vírus que está aí agora esteja atingindo só as pessoas. Foi uma manobra fantástica do organismo da Terra tirar a teta da nossa boca e dizer: ‘Respirem agora, quero ver’ (KRENAK, 2020b, p. 10-11).

Tal qual destaca o líder indígena, o fato de o vírus ter atingido de forma letal apenas os humanos pode ser considerado uma resposta do planeta Terra à forma exploratória e egoísta como temos nele agido, considerando as demais espécies como seres inferiores, colocando-as à disposição para serem exploradas, invadidas ou destruindo seu habitat natural, e gerando, conseqüentemente, a contaminação e a disseminação do vírus.

Por isso, ressalta-se a necessidade de fomentarmos a ressignificação da relação entre sociedade e natureza mediante uma perspectiva de pensar o mundo sem relações hierarquizadas, sem que a espécie humana tenha o poder de reger a vida ou a importância das demais espécies do planeta. Para Leff (2010), a compreensão do humano como ser dominante e hegemônico foi um erro histórico que nos levou a desvalorizar a compreensão da nossa própria natureza: “[...] ignorar nossa natureza como seres naturais e a natureza do planeta vivo que habitamos. Daí provém essa crise ambiental. Por que? Porque o mundo foi e está sendo governado hegemonicamente por uma falsa ciência supra-humana [...]” (LEFF, 2010, p. 100).

Sendo assim, conforme o teórico, é fundamental a aproximação do mundo para a construção de uma racionalidade ambiental com base no encontro com o outro, na valorização e reaproximação de outros saberes, no repensar as relações e na maneira como o humano age, ocupa e modifica o planeta. Dessa forma, coaduna com o exercício no qual Manoel nos coloca ao dialogar com temas que não só expressam uma forte ligação com a natureza, mas que são instrumentos poéticos de experiência imaginativa e sensível, que nos levam à consciência e aproximação do mundo a partir do abandono, da linguagem do chão, do ínfimo, aproximando-se do que concerne à racionalidade ambiental que, segundo Leff (2012),

[...] traz em si uma reaproximação do mundo a partir do ser e no ser. O saber ambiental revive a questão das lutas sociais pela apropriação da natureza e a gestão de seus modos de vida; do ser no tempo e o conhecer na história; do poder no saber e a vontade de poder que é um querer saber (LEFF, 2012, p. 60).

O saber ambiental está na aproximação dos saberes outros, que emergem das margens, e contrapõe a lógica predatória que continua a capitalizar a natureza. Tal lógica constitui-se uma das consequências socioambientais, além de ser geradora de injustiças, desigualdades, destruição e violência sem precedentes ocasionadas pela forma de conhecimento pela qual a sociedade moderna foi construída. Configura-se, ainda, como fator fundamental para fomentar a maneira como “[...] destruímos a natureza, degradamos os ecossistemas e contaminamos o ambiente, ao mesmo tempo que subjugamos os saberes que foram sendo construídos no processo de co-evolução das culturas com suas naturezas [...]” (LEFF, 2010, p. 97).

Logo, a Educação Ambiental não é somente uma dimensão de conteúdo — práticas ambientais e pedagógicas não apenas visando à proteção ou conservação do meio ambiente —, mas uma proposta de reconexão, de reencantamento pelas coisas da natureza e do mundo. Tem como papel fundamental estimular a aproximação da sociedade às comunidades tradicionais, a valorização do seu território, suas tradições e saberes, pois, conforme afirma Leff (2010, p. 95), “[...] a valorização dos saberes locais desloca a supremacia do conhecimento científico, da relação objetiva do conhecimento e sua pretensão de universalidade, para os saberes arraigados nas condições ecológicas do desenvolvimento das culturas [...]”.

Para tanto, faz-se necessária a desconstrução do humano com base em paradigmas que ainda permanecem arraigados na sociedade e que precisam ser superados, de modo a romper as formas de dominação do conhecimento e de resignificação da relação com os seres vivos. Dessa forma, podemos nos desafiar a pensar outras formas de relação com o ambiente, outras maneiras de lidar com o planeta e articular conhecimentos para além dos científicos.

Assim, estaremos exercitando o diálogo de saberes e auxiliando a construção de novas possibilidades para pensar a Educação Ambiental, de outras formas de mobilização em face da crise ambiental decorrente das atrocidades pelas quais as questões socioambientais vêm passando, como demonstra Cassiani e Giraldi (2020):

Entendemos que no momento vivenciado no Brasil, onde as matas ardem em chamas, os seres que habitam as nossas florestas não são respeitados em seu direito à vida, onde as políticas ambientais estão sob ataque constante, é urgente o levante de vozes que denunciem todas essas atrocidades e ao mesmo tempo contribuam para a construção de novos caminhos possíveis (CASSIANI; GIRALDI, 2020, p. 2).

Por tudo isso, entendemos que a poesia de Manoel de Barros, entrelaçada à Educação Ambiental, contribui para sensibilizar e impulsionar reflexões a respeito da problemática ambiental e seus determinantes, bem como permiti avançar no que tange às profundas injustiças socioambientais que cercam o país, permitindo construir um mundo mais justo e permeado por justiça socioambiental.

Para Guattari (1990), é necessário que haja uma mudança na sociedade nas relações de consumo, nas relações econômicas dominantes de poder, no modo de vida dos seres humanos, na reconstrução das relações humanas e nos perigos evidentes que ameaçam o meio ambiente, principalmente quanto aos danos que as grandes indústrias causam ao meio ambiente e que determinam o seu desequilíbrio.

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só as relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo (GUATTARI, 1990, p. 9).

Para o filósofo, é fundamental trabalhar na reconstrução das relações humanas em todos os níveis, deterioradas pelo capitalismo, e encarar seus efeitos, desafiando o poder do capital no tocante às questões ambientais. E diante do esfacelamento das questões ambientais que vem desafiando a sociedade em geral, faz-se necessária a efetivação de propostas que modifiquem o modelo de sociedade atual, transformando e resgatando a relação entre humano e natureza, concebendo uma educação que permita a expansão de diálogos de enfrentamento em relação à crise socioambiental.

E por isso, o intuito desta pesquisa é promover diálogo entre a literatura e a Educação Ambiental, de tal maneira que posamos fomentar discussões a respeito das questões socioambientais e buscar a ressignificação da relação humano-natureza, uma vez que, conforme destaca Aragão (1992), os desastres socioambientais e a destruição da biodiversidade com a justificativa de alavancar o progresso da civilização não podem ser mais serem ignorados:

Ao celebrar o verde, a nossa época celebra a natureza, por oposição ao estrago causado pelos desmatamentos, pela queima irracional de milhões de árvores, anualmente, exigências de uma civilização chamada de industrial, que necessita, vorazmente, de carvão para seus fornos. Em nome do progresso, isto é, dos adiantamentos tecnológicos, não se racionalizou o uso dos produtos naturais e o funesto resultado só agora tem sido levado em conta, pois os desastres ecológicos já não podem mais ser ignorados (ARAGÃO, 1992, p. 97).

Consoante o exposto por Aragão (1992), os desastres naturais não podem mais ser ignorados. Como exemplo podemos citar o estado de Minas Gerais, maior produtor de minério no Brasil, que explorado por grandes mineradoras sofre demasiadamente com os impactos ambientais, entre eles os desastres mais recentes nas cidades de Mariana e Brumadinho, cujos danos ainda afetam as comunidades moradoras da região.

A natureza, ao ser coisificada, desnaturalizada e transformada em recurso, transfigurou-se em apropriação capitalista, que a ressignificou sob os preceitos e valores econômicos, canalizando-a e mudando o seu fluxo onde “A água não apenas transborda, mas se consome e se evapora no calor entropizante da tecnologia e da economia” (LEFF, 2010, p. 112).

A crise ambiental se impõe como um cenário de ameaça à vida humana e às de outros seres do planeta, em suas diferentes dimensões: econômica, política, social e ambiental. Além disso, o equilíbrio socioambiental está intrinsecamente ligado à qualidade de vida dos humanos e ao Bem Viver, ligado ao modelo econômico, segundo aponta Guimarães (2000):

[...] a crise ambiental reflete a crise deste modelo de sociedade urbano-industrial que potencializa, dentre de sua lógica, valores individualistas, consumistas, antropocêntricos, e ainda como componente desta lógica, as relações de poder que provocam dominação e exclusão, não só nas relações sociais como também nas relações sociedade-natureza (GUIMARÃES, 2000, p. 24).

Os valores impregnados na sociedade pelo modelo de desenvolvimento econômico são os causadores da crise ambiental. Estão imbuídos por práticas de financeirização da vida que acentuam uma postura antropocêntrica e potencializam o distanciamento da sociedade quanto à natureza, uma vez que, sob esse olhar, o meio ambiente é percebido apenas como objeto de dominação e exploração totalitária, causando um processo de degradação de ambos, tendo em vista que há uma relação de dominação e exploração nas relações sociais e entre o humano e a natureza.

Diante da crise socioambiental que atinge o mundo, os elementos que constituem a obra de Manoel de Barros trazem profundas reflexões em torno da questão ambiental ao propor um *descaminho* para se aproximar da natureza, lugar em que os limites se desfazem. Dessa forma, dialoga com os preceitos da Educação Ambiental com vistas à construção de relações mais próximas e em sintonia entre

sociedade e natureza, auxiliando a busca por caminhos possíveis para a construção de um mundo social e ambientalmente equilibrado e justo.

Para Silva e Reigota (2010, p. 144), a escrita de Manoel de Barros está “[...] presa ao lodo, à lama, às coisas e seres que rastejam, forma rizomas, está presa ao esterco”. E por meio dos *deslimites* da desconstrução da linguagem, o poeta nos tira do lugar comum, do conhecimento linear ao qual estamos acostumados, mergulhando o humano na natureza, deixando-nos livres dos aprisionamentos de sentidos. Esse, para ele, é o papel da poesia, uma vez que a “[...] poesia é voar fora da asa”. Ele expressa a grandeza do ínfimo, subvertendo-o, de modo a apresentar as “inutilidades” das coisas, “utilizando das palavras para compor seus silêncios”.

O que parece é que há em Manoel uma intencionalidade explícita de resgatar o vínculo entre o humano e a natureza quando os idealiza como uma coisa só — concebendo sua poesia como ferramenta de aproximação, de comunicação entre a natureza e a sociedade — e quando abriga “[...] exercícios do olhar que resgata as coisas da lógica descritiva e dão prova de que os conceitos, as ciências, as verdades instituídas não são suficientes para dar conta das pluralidades da vida. Manoel de Barros desperta o olhar pela e para a natureza” (VIEIRA *et al.*, 2020, p. 136).

Corroborando a discussão, no livro “Menino do mato” identificamos a relação de fusão na qual o humano não sente só a necessidade de pertencer à natureza, mas de ser a própria:

Eu queria fazer parte das árvores como os pássaros fazem.
 Eu queria fazer parte do orvalho como as pedras fazem.
 Eu só não queria significar.
 Porque significar limita a imaginação.
 E com pouca imaginação eu não poderia fazer parte de uma árvore.
 Como os pássaros fazem.
 Então a razão me falou: o homem não pode fazer parte do orvalho como as pedras fazem.
 Porque o homem não se transfigura senão pelas palavras.
 E isso era mesmo (BARROS, 2013, p. 432-433).

O poeta dialoga com o pensamento ecocrítico ao dar visibilidade aos não humanos e estabelece uma relação de alteridade entre as espécies, na qual a natureza se mostra como sujeito e não apenas objeto. Dessa forma, ao compor uma fusão entre o humano e não humano, apresentado no trecho “Eu queria fazer parte

do orvalho como as pedras fazem”, compreende a natureza como algo essencial à existência humana, desenvolvendo uma consciência ecológica ao não enxergá-la como algo externo à vida, mas como elemento basilar para nossa existência.

Logo, o contato com a natureza e a ressignificação das relações, na obra poética de Manoel, possibilitam essa interconexão crítica da literatura com a Educação Ambiental mediante a reaproximação entre as diferentes espécies e, principalmente, no que se refere à compreensão do humano não existir desvinculado da natureza, haja vista os inúmeros elementos destacados na poesia do autor até aqui, que constituem novas e importantes formas de relação com o ambiente natural.

Nessa perspectiva, no livro “Poesias”, mais especificamente no poema em prosa “Encontro de Pedro com o nojo”, o poeta expressa a transformação do humano em vegetal, expondo alto grau fusão entre os seres — no caso do personagem Pedro, as raízes ocupam seu corpo e transforma-o em árvore:

No largo, entre pássaros, acalmou-se. Uma funda sensação de pertencer às coisas mudas, como a folha que pertence à árvore, invadiu-o.[...]. Cogumelos brotavam de seu ventre, e ocasos, Calangos vinham lambe os seus pés e marcar suas roupas e bois. [...] A terra cheia de poros, fermentada de raízes, rosas podres, bichos corrompidos, penas de pássaros, folhas e pedras – o atraíam (BARROS, 2013, p. 83-84).

Essa fusão entre o humano e o meio natural nos apresenta uma relação que extrapola a maneira como costumeiramente enxergamos os seres não humanos, tal como a ligação convencionalmente estabelecida pela sociedade moderna que separa, exclui, diminui, classifica os seres, estabelecendo vínculos hierarquizados, de dominação entre as diferentes espécies. Assim, mostra-nos uma outra experiência, transformando a maneira de olhar e de reflorescer nossa consciência em relação à natureza e às múltiplas conexões que podemos compor.

A profundidade com a qual o poeta estabelece essa forma de contato com o mundo natural retira o olhar racional sobre as coisas e nos leva para o caminho do sentir, da sensibilidade, sob a perspectiva do encantamento, que nos transporta para além dos limites da visão, do aprendizado sobre as coisas, para, então, nos tornarmos ainda mais conscientes da existência e importância dos seres.

Como exemplo, o poeta dedica-se para que nossa imaginação consiga vivenciar a sensação de ser árvore: “Fui convidado pelas aves para ser árvore. Eu sofro preferência para pedras” (BARROS, 2013, p. 262). Podemos observar outro

exemplo da relação explícita entre o humano, os vegetais e os animais no poema “Árvore”, que faz parte do livro “Ensaio fotográficos”:

Um passarinho pediu a meu irmão para ser a sua árvore.
 Meu irmão aceitou de ser a árvore daquele passarinho.
 No estágio de ser essa árvore, meu irmão aprendeu de sol, de céu e de lua mais do que na escola.
 No estágio de ser árvore meu irmão aprendeu para santo mais do que os padres lhes ensinavam no internato.
 Aprendeu com a natureza o perfume de Deus.
 Seu olho no estágio de ser árvore aprendeu melhor o azul.
 E descobriu que uma casca vazia de cigarra esquecida no tronco das árvores só presta para poesia.
 No estágio de ser árvore meu irmão descobriu que as árvores são vaidosas.
 Que justamente aquela árvore na qual meu irmão se transformara, envaidecia-se quando era nomeada para o entardecer dos pássaros.
 E tinha ciúmes da brancura que os lírios deixavam nos brejos. Meu irmão agradeceu a Deus aquela permanência em árvore porque fez amizade com muitas borboletas (BARROS, 2013, p. 366).

As árvores permeiam suas composições poéticas, disseminando a cumplicidade entre o humano e os vegetais como forma de colocar o humano íntimo da natureza, contaminando-se por elas, “Eu queria aprender o idioma das árvores. Saber as canções do vento nas folhas da tarde. Eu queria apalpar os perfumes do sol” (BARROS, 2013, p. 464). Nesse trecho, o intuito do poeta parece ser o de incentivar que conheçamos profundamente a natureza com os olhos dela e não com o olhar dos humanos.

Além dos bichos e vegetais, outro elemento abundante na obra do autor são as águas, os rios, que jorram através de sua linguagem poética: “A água passa por uma frase e por mim. Macerações de sílabas, inflexões, elipses, refegos. A boca desarruma os vocábulos na hora de falar, e os deixa em lanhos na beira da voz” (BARROS, 2013, p. 237).

Em outro poema, integrante da obra “Menino do mato”, Manoel nos mostra a necessidade de vivenciar a fusão entre humano e natureza, experienciando-se ser ele próprio a natureza ao expressar uma passagem em que “estava um rio. O próprio”. Desse modo, é possível sentir a relação profunda ao experienciar tal estado; sentir e adequar-se às características e afeições de um rio que, como elemento da natureza, também estabelece relações profundas com outros seres que se utilizam de suas margens para principiar encantamentos:

Naquele dia eu estava um rio.
 O próprio.
 Achei em minhas areias uma concha.
 A concha trazia clamores do rio.
 Mas o que eu queria mesmo era de me
 aperfeiçoar quanto um rio.
 Queria que os passarinhos do lugar
 escolhessem minhas margens para pousar.
 E escolhessem minhas árvores para
 cantar.
 Eu queria aprender a harmonia dos
 gorjeios (BARROS, 2013, p. 432).

As águas e o leito dos rios são empregados de modo a dividir-se com as larvas, rãs e todos os seres ínfimos que habitam o ambiente criado pelo poeta: “E vozes de rios e rãs em suas bocas. Águas manuseiam seus azuis. E, viver roça no corpo deles” (BARROS, 2013, p. 228). O rio cria vida e se comunica por meio do olhar, da fluidez, permitindo, inclusive, que as baratas percorram o seu leito:

Chove torto no vão das árvores.
 Chove nos pássaros e nas pedras.
 O rio ficou de pé e me olha pelos vidros.
 Alcanço com as mãos o cheiro dos telhados.
 Crianças fugindo das águas
 Se esconderam na casa.
 Baratas passeiam nas fôrmas de bolo...
 A casa tem um dono em letras.
 Agora ele está pensando —
 no silêncio líquido com que as águas escurecem as pedras...
 Um tordo avisou que é março (BARROS, 2013, p. 242).

Manoel expressa intensa relação com as águas e ainda propõe uma experiência imaginativa e sensível a respeito desse componente, por meio de seu olhar poético, o coloca como elemento indispensável e primordial para a nossa existência. No entanto, conforme destaca Leff (2010, p. 112), o curso das águas foi interrompido pela ciência: “A água deixou de ser um espaço de significação, contemplação, recriação e fascinação, para se converter em simples força natural, em potência tecnológica e objeto de apropriação econômica”. Entretanto, considerando que a poesia de Manoel tem o poder de desprendimento, de ir para além da razão ao promover desordem no pensamento, as águas correm e fluem livres, sem limites, assim como são os andarilhos:

Eu queria ser banhado por um rio como
 um sítio é.
 Como as árvores são.
 Como as pedras são.
 Eu fosse inventado de ter uma garça e outros
 pássaros em minhas árvores.

Eu fosse inventado como as pedrinhas e as rãs
em minhas areias.
Eu escorresse desembestado sobre as grotas
e pelos cerrados como os rios.
Sem conhecer nem os rumos como os
andarilhos.
Livre, livre é quem não tem rumo (BARROS, 2013, p. 425).

A sensação de ser banhado pelo rio, ao que parece, permite conhecer melhor a diversidade dos fenômenos que compõem a natureza, regressando ao mundo natural, à consciência do mundo. Por conseguinte, oportuniza ir além da aparência e dos encantos da natureza, possibilitando conhecê-la e senti-la na sua completude, religando, assim, o humano à natureza e potencializando reflexões em torno da questão ambiental quando nos mostra a necessidade de olhar para o outro e articular o mundo com base em preceitos éticos, de respeito e cuidado com a biodiversidade do planeta.

Essa completude com a natureza oportuniza o diálogo entre a poesia e a racionalidade ambiental, como uma nova forma de pensar a relação entre humano e natureza, exercendo, justamente o que preconiza Leff (2010) ao discorrer sobre a necessidade de outro paradigma em relação ao mundo, por meio do diálogo de saberes, que se dará por meio da compreensão da realidade e da participação dos atores sociais “[...] para a construção de uma racionalidade ambiental; que ultrapassa relação teórica entre os conceitos e os processos materiais e a desloca para as relações de significação entre o real e o simbólico em uma política da diversidade cultural” (LEFF, 2010, p. 16).

Para tanto, o caminho para desvelar os conflitos ambientais, que são fruto de processo histórico de exploração colonial e de relações predatórias com a natureza, constitui-se como propósito da Educação Ambiental, comprometida com a mudança, superação da exclusão socioambiental e ressignificação do vínculo dialógico entre sociedade e natureza. Seus pressupostos relacionam-se à potencialização da consciência do limite da natureza a partir de um olhar crítico, ético, de alteridade, com o intuito de impulsionar novas formas e leituras de mundo que despertem a ruptura de processos exploratórios e extrativistas aos quais a natureza é submetida. Conforme enfatiza Reigota (2011):

A educação em geral e a educação ambiental em particular, nesses tempos pós-modernos, não tem a pretensão de dar respostas prontas, acabadas, definitivas, mas sim instigar questionamentos sobre as nossas relações com

a alteridade, com a natureza, com a sociedade em que vivemos, com o nosso presente e com o nosso eventual por vir (REIGOTA, 2011, p. 145).

Sendo assim, entendemos que a poesia de Manoel de Barros se destaca pela potencialidade de instigar a importância de uma relação de alteridade com a natureza, uma vez que é justamente essa forma de conexão que o autor retrata em sua poesia ao comparar-se às árvores, aos seres ínfimos, legitimando a criação de uma linguagem inventiva na qual a natureza se comunica, tem vida, voz e expressividade. Permite-nos repensar sobre como estabelecer uma relação mais próxima e não hierarquizada com o mundo natural, baseando-se em um olhar sem distinção para os seres “inúteis”. Por isso, em sua linguagem poética, não há limites quando se trata de dar vida aos elementos da natureza, como podemos observar do trecho retirado da obra “Concerto a céu aberto para solos de ave”:

Ouço uma frase de araquã: *ên-ên? ço-hô!*
 ahê han? hum?...
 Não tive preparatório em linguagem de araquã.
 Caligrafei seu nome assim. Mas pode uma palavra chegar à perfeição de se tornar um pássaro?
 Antigamente podia.
 As letras aceitavam pássaros.
 As árvores serviam de alfabeto para os Gregos.
 A letra mais bonita era a (palmeira).
 Garatujei meus pássaros até a última natureza.
 Notei que descobrir novos lados de uma palavra era o mesmo que descobrir novos lados do Ser.
 As paisagens comiam no meu olho (BARROS, 2013, p. 257).

Sua poética mostra-se avessa aos preceitos antropocêntricos que coisificam e estabelecem relações opressoras entre humano e natureza, reforçando o humano como dominador e, portanto, apto a servir aos anseios como explorador “natural” constituído de suas riquezas naturais. É justamente a ruptura com esses preceitos e valores que Manoel tenta nos instigar, de maneira a olhar e perceber outra forma de relação e nos deslocarmos da percepção apenas humana das coisas, como uma maneira de resistência à dominação.

Cumpramos assinalar que é a partir do olhar canalizado para as coisas desimportantes, da necessidade de amorosidade no diálogo entre as coisas do mundo, que se inicia outra consciência com a natureza, de forma a estabelecer interações possíveis a fim de minimizar os conflitos socioambientais e fortalecer os

princípios éticos e humanos em face do esfacelamento socioambiental no planeta. Só assim construiremos uma sociedade sustentável, que vise à mudança na estrutura de poder e fortaleça a justiça socioambiental para romper os poderes hegemônicos e as barreiras que se impõem para a construção de novos sentidos no tocante às questões ambientais.

É importante frisar que a superioridade do humano perante os demais seres não se configura na poética de Manoel, pelo contrário. Quem verdadeiramente se sobressai em sua poesia são os seres considerados “inúteis”, subjugados, mas não de maneira hierárquica, permitindo a troca significativa entre eles, na qual o humano desenvolve sua capacidade de se animalizar ou se tornar vegetal ou mineral. Seu olhar para as coisas do mundo ultrapassa os preceitos antropocêntricos que têm objetivos utilitaristas quanto aos elementos provenientes da natureza, reduzindo-a exclusivamente em mercadoria com valor de troca.

O humano e a natureza são colocados em uma relação sem privilégios de superioridade entre um e outro, baseando-se em uma concepção plena de que o humano não é apenas parte, mas compreende-se como natureza — rompendo, assim, a rígida submissão ao qual é imposto, sobretudo com o condicionamento do olhar, de modo a incorporar a linguagem poética e sensível sobre as coisas, na qual é possível reverenciar o natural, apreciar “mais as abelhas do que aeroplanos” e tudo que a sociedade rejeita e joga fora, resgatando aquilo que é desprezado, conforme nos mostra o poema que compõe o livro “Retrato do artista quando coisa”:

Aprendo mais com abelhas do que com aeroplanos.
 É um olhar para baixo que eu nasci tendo.
 É um olhar para o ser menor, para o
 insignificante que eu me criei tendo.
 O ser que na sociedade é chutado como uma
 barata — cresce de importância para o meu
 olho.
 Ainda não entendi por que herdei esse olhar
 para baixo.
 Sempre imagino que venha de ancestralidades
 machucadas.
 Fui criado no mato e aprendi a gostar das
 coisinhas do chão —
 Antes que das coisas celestiais.
 Pessoas pertencidas de abandono me comovem:
 tanto quanto as soberbas coisas ínfimas (BARROS, 2013, p. 334-335).

Imersos na terra, humano e natureza se fundem, permitindo despertar-se para a grandeza das “miudezas”, como lugar de possibilidades de enxergar as coisas com base nas profundezas do chão: “Tenho um gosto elevado para o chão” (BARROS,

2013, p. 443); “Amo a nobreza do chão!” (BARROS, 2013, p. 445); “Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade” (BARROS, 2018, p. 32). Trata-se de uma maneira de incorporar-se à terra, ao ambiente natural, e promover novo sentido ao pensamento humano no tocante à necessidade de nos reaproximar e ressignificar nossa relação com a natureza, compreendendo-a como nossa essência, fonte de todas as coisas, e valorizando nossas origens, conforme destacado pelo poeta no poema “Fontes”:

FONTES

[...] Essa a pré-ciência que sempre vi nos andarilhos. Eles me ensinaram a amar a natureza. Bem que eu pude prever que os que fogem da natureza um dia voltam para ela. Aprendi com os passarinhos a liberdade. Eles dominam o mais leve sem precisar ter motor nas costas. E são livres para pousar em qualquer tempo nos lírios ou nas pedras – sem se machucarem. E aprendi com eles ser disponível para sonhar. O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim são meus colaboradores destas memórias inventadas e doadores de suas fontes (BARROS, 2018, p. 57).

No imaginário de sua poesia, Manoel refaz o pensamento trazendo a natureza como fonte de restauração, de transformação do mundo. Por meio do vazio, do insignificante, contrapõe o que o mundo urbano, industrial e degradado representa como experiência de vida, dentro de uma visão transformadora: “Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce por dentro deles um desejo de árvores e aves. Tenho gozo de misturar nas minhas fantasias o verdor primal das águas com as vozes civilizadas” (BARROS, 2013, 184).

Essa forma de ver nos obriga a nos despir da lógica das coisas e sua forma de interpretar o mundo, transfigurando o olhar para os seres do chão e potencializando reflexões com base no imaginário de sua poesia, no “insignificante”, no “vazio”, incorporados a partir de um olhar poético sobre as coisas, aproximando-nos do mundo, da natureza, e renovando nossa postura diante das alteridades que nos cercam, como destaca Pinheiro (2013):

Nessa visão de valorização do inútil e das coisas ínfimas, a essência tem muito mais relevo que a aparência. O íntimo contribui para que o ser humano enxergue as coisas de forma diferente. Nesse sentido, o que se trabalha no homem é a sua capacidade imaginativa, seu espírito crítico, seu estado de maravilhamento. Fica rebaixado o materialismo, a propriedade, o capital, tudo aquilo que avilta a condição humana e massifica a mente do ser (PINHEIRO, 2013, p. 90).

Dessa forma, Manoel, pela sua construção poética, enriquece nossa existência ao possibilitar que enxerguemos o desconhecido, desprendendo-nos dos limites do

real. É por meio do estranhamento que ele nos leva para o caminho da superação do conhecimento estagnado, sobretudo quando potencializa o exercício de *desleitura* do mundo, brindando-nos com o inaudito que, a partir do desvio no olhar, provoca criticidade e nos leva a questionar a leitura que fazemos de nós e do mundo.

Manoel de Barros concentra sua poesia em expressar o afeto pelo não humano, buscando novas formas de relação com o ambiente natural diante da precarização da natureza, que vem atingindo níveis alarmantes, culminando em crises socioambientais que atravessam o planeta e exigem da sociedade criticidade e busca de soluções de enfrentamento, de modo a nos tornarmos ainda mais conscientes da imprescindibilidade dos seres não humanos para nossa permanência no planeta.

Dessa maneira, a poesia de Manoel ocupa espaço de enfrentamento ao nos presentear com uma forma outra de relação com o ambiente natural. Por meio de sua linguagem poética, somos envolvidos na elaboração de sentidos e reaproximações, nas quais ser árvore ou estar em estado de é banhar-se de natureza, de forma a não se saber os limites entre um e outro, inscrevendo-se na natureza a partir da fusão entre os seres:

XV

[...]

— A partir da fusão com a natureza esses bichos se tornaram eróticos. Se encostavam no corpo da natureza para exercê-la. E se tornavam apêndices dela.

Ou seres adoecidos de natureza. Assim, pedras sonhavam eles para musgo. Sapos familiarizavam eles com o chão.

Nenhuma coisa ficava sem órgãos ou locas.

Mudaram a brancura das chuvas e a extensão dos escuros (BARROS, 2013, 227).

Manoel desregula a natureza, permitindo a integração entre os seres e que eles se tornem sua extensão, com o intuito de alcançar a essência das coisas. Isso nos instiga a enxergar o mundo sob outra perspectiva e vislumbrar o diálogo com a Educação Ambiental no que diz respeito ao enfrentamento, baseando-se no olhar sensível para o ambiente natural — o que pode contribuir para a questão socioambiental por meio da resignificação dos sentidos em relação ao planeta, sobretudo quando provoca nossa capacidade de ultrapassar as fronteiras e mudar o percurso do caminho, transpondo as formas de exclusão. Desse modo, a imaginação poética não permanece apenas no quesito “invenção”, mas fundamentalmente na valorização da presença do outro.

Nesse sentido, a Educação Ambiental caminha em sintonia com a poética de Manoel quando, de maneira reflexiva, nos mostra outra possibilidade de interagir com o ambiente, incluindo a necessidade de voltarmos a olhar para o outro, posto que a Educação Ambiental considera que enquanto essa possibilidade de ver o mundo não for compartilhada e acolhida pela sociedade como razão coletiva, a construção de sociedades nas quais os humanos se reconheçam como natureza ficará inviabilizada.

De forma que o diálogo entre a poesia e a Educação Ambiental tem como finalidade uma educação pela sensibilização, visto que a subjetividade contida na poesia é ferramenta fundamental para a formação humana no que tange à transformação necessária para superar os conflitos socioambientais que emergem no planeta, e por conseguinte, à construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A poesia de Manoel, por meio de sua linguagem sensível, retrata algo relevante como experiência humana. Isso permite descortinar mundos e saberes e transformar o olhar com base no respeito à natureza, às plantas, aos minerais, aos animais — que se comunicam por meio de “um dialeto coisal, larval” (BARROS, 2013, p. 243) — e na comunhão íntima entre o humano com a natureza, arrancando-nos do contexto habitual, de modo a produzir novas significações. É o que encontramos no poema em prosa da obra “Livro de pré-coisas”, que apresenta o brejo como espaço de fecundação e de recomposição da natureza mediante a fusão de diferentes seres:

[...]

Ali, por debaixo da arraia, se instaura uma química de brejo. Um útero vegetal, insetal, natural. A troca de linfas, de reima, de rúmen que ali se instaura é como um grande tumor que lateja.

Faz-se debaixo da arraia a miniatura de um brejo. A vida que germinava no brejo transfere-se para o grande ventre preparado pela matrona arraia.

[...]

E ao cabo de três meses de trocas e infusões — a chuva começa a descer. E a arraia vai levantar-se. Seu corpo deu sangue e bebeu. Na carne ainda está embutido o fedor de um carrapato. De novo ela caminha para os brejos refertos. Girinos pretos de rabinhos e olhos de feto fugiram do grande útero, e agora já fervem nas águas das chuvas.

É a pura inauguração de um outro universo. Que vai corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza.

Uma festa de insetos e aves no brejo! (BARROS, 2013, p. 188-189).

A intenção de Manoel parece ser justamente a de “corromper, irromper, irrigar e recompor a natureza”, baseando-se na configuração do brejo como espaço poético que recupera, por meio de suas profundezas, a essência das coisas de tudo aquilo que a civilização “rejeita, pisa e mija em cima”, no qual reinam a indiferença e a ausência.

O poeta percebe a presença do outro e a insignificância daquilo que costumeiramente evitamos enxergar e que nos fecha para a perspectiva de sonhos. Por tudo isso, modifica o olhar sobre o mundo natural, como lugar preenchido pela linguagem poética, o que permite estabelecer, de forma sensível, valores que trazem a leveza do mundo e nos levam para a dimensão do reencontro com uma natureza recomposta e ressignificada. Essa forma de olhar o mundo contrapõe a ideia de progresso tão valorizada pela modernidade, que é pautada pela necessidade de crescer economicamente mediante o incentivo a uma lógica de consumo e às custas de uma exploração ilimitada dos bens naturais, bem como pela marginalização das práticas culturais e de saberes populares das comunidades tradicionais.

Diante disso, é primordial construirmos uma política da natureza, conforme almeja Latour (2019, p. 12), que consista em modificar “[...] a vida pública para que ela leve em conta a natureza; adaptar; enfim, nosso sistema de produção às exigências da natureza; preservar, enfim, a natureza, contra as degradações humanas, por meio de uma política prudente e durável”. Também é necessário nos comprometermos com a defesa da natureza, entendendo-a não apenas como objeto estético ou unicamente sob uma perspectiva romântica das coisas, mas inseri-la no âmbito político e fazer dela um sujeito — especialmente no que se refere à necessidade de desfazer-se do imenso negócio na qual a transformaram, atrelada ao intenso processo de industrialização e urbanização, causando a degradação das condições de vida no planeta.

Para Layrargues (2020a), o estado de degradação ambiental global no qual se encontra a biosfera é uma “questão emergente de preocupação ambiental”. O autor chama a atenção para a possibilidade de aumento da letalidade em decorrência de pandemias, considerando que a degradação ambiental, sustentada pela lógica produtiva agroindustrial do capital intensivo, está fortemente associada ao risco de aparecimento de vírus no planeta:

É importante ficar claro que a produção de três *commodities* - a carne, o óleo de palma e a soja -, frequentemente estão vinculados à degradação ambiental equivalente a um verdadeiro ecocídio em seus territórios. Se por um lado a cultura do ‘Agro é Pop’ ostenta com orgulho o título de ser o setor produtivo que sustenta a economia, por outro lado é responsável pelo rompimento desse Serviço Ecossistêmico prestado gratuitamente pela natureza que provê saúde ambiental (LAYARGUES, 2020a, p. 12).

Diante de tal problemática apresentada por Layrargues (2020a), a disseminação dos preceitos da Educação Ambiental mostra-se imprescindível, uma

vez que ela, como proposta político-pedagógica, é permeada por concepções pautadas pela transformação da sociedade, por justiça social e pelo equilíbrio socioambiental do planeta.

Como consequência, a crise ambiental, atrelada ao modelo de sociedade geradora de crises socioambientais, colaborou para a disseminação da miséria no planeta, atingindo principalmente as camadas mais vulneráveis, que acabam vivenciando e sentindo os problemas ambientais mais de perto — o que se dá, muitas vezes, no cotidiano, diferentemente da classe dominante, cujas condições econômicas favorecidas podem atenuar tais problemas. E a sociedade permanece sob a lógica da dominação, da acumulação do capital e das políticas neoliberais que ampliam a miséria do mundo, a degradação do humano, e que, conseqüentemente, perpetuam as desigualdades sociais instaladas.

É nesse contexto que a Educação Ambiental é proposta, apresentando-se como um instrumento de luta contra as ações de exploração do capital e de formação de sujeitos comprometidos com a questão socioambiental, atrelada aos interesses das classes populares. Suas concepções se convergem com propostas emancipatórias que valorizam a alteridade, a luta pela transformação da realidade social e por justiça socioambiental, de maneira a romper com as relações de poder enraizadas no modelo atual de sociedade.

Para a construção da sociedade que queremos, justa e ambientalmente equilibrada, faz-se necessário romper a tradicional lógica perversa do capital, além de promover o engajamento pessoal e um embate intenso no campo educacional. Esse é um dos objetivos da Educação Ambiental, cujo bojo traz concepções que contrapõem a racionalidade instrumentalista de dominação da natureza e o processo de exclusão social no qual está inserida grande parcela da população.

Nesse viés, são necessárias ações educativas que levem à compreensão e sensibilização para a resignificação da natureza e a comunhão com o natural. Além disso, que incentivem o sentimento de pertencimento e a importância da natureza para manutenção da vida humana e de outros seres no planeta, contrapondo-se, assim, às relações de dominação vigentes no modelo de sociedade na qual estamos inseridos.

Esse caminhar para o olhar voltado à questão ambiental, de maneira distinta àquele que somos moldados a realizar, é fundamental para o fortalecimento de uma consciência ecológica que contraponha epistemologias hegemônicas, de modo a

afirmar nossa responsabilidade em face das necessidades de mudança no mundo — onde o humano seja visto como membro constituinte do meio natural — e potencializar o sentimento de pertencimento em relação à natureza. Dessa forma, Guimarães (2000, p. 73), ressalta que se faz necessária a constituição de novo comportamento para “[...] construção de uma nova postura, a superação da dicotomia presente na racionalidade materialista do cientificismo mecanicista contribuiu para transcendemos a nossa separação/dominação da natureza”.

Nesse contexto, o afastamento da sociedade-natureza apenas corrobora o processo crescente de degradação ambiental. Por isso a necessidade de se experienciar o vínculo de forma plena e integrada, a fim de que possamos recuperar os laços afetivos com a natureza e vivenciar a empatia para a construção de um novo modelo de sociedade, pautada pelo respeito nas relações entre os seres no mundo.

E isso a poética de Manoel de Barros nos mostra quando apresenta um mundo utópico, mas possível de ser construído por meio da poesia. Trata-se de uma poética expressada pela linguagem, pelas palavras, no descaminho onde é permitido ir além das aparências, seguir os sonhos e o desejo de mudar o mundo, onde nada é imposto e sim construído pelo diálogo. Uma poética baseada numa nova ética, na qual seja possível contribuir para o processo de transformação do modelo de sociedade atual, que rege e perpetua os processos de miséria humana e ambiental.

Em consequência dessa problemática, uma das maneiras de exemplificar a forma como a crise ambiental vem afetando o planeta é a disseminação da covid-19 e suas variantes, que assolam o mundo desde 2020. Tal cenário reforça a gravidade da crise pela qual passa o mundo, remetendo-nos à necessidade de repensar os caminhos pelos quais a sociedade moderna se dirige e despertar o senso de urgência para mudar essa situação.

Diante dessa crise, a poesia de Manoel apresenta elementos capazes de sensibilizar a espécie humana, num diálogo com a Educação Ambiental e na luta pela construção de uma sociedade sustentável, levando em consideração as aspirações e os valores convergentes, sobretudo baseados nos anseios coletivos pelos quais sua poesia alude, permitindo ultrapassar fronteiras e transgredi-las.

Sua extensa fortuna crítica — sob a perspectiva de resistência e valorização do ínfimo, da necessidade de voltarmos às coisas e aos seres marginalizados pela sociedade regida por preceitos e paradigmas hegemônicos — apresenta elementos

que externalizam a possibilidade de diferentes seres habitarem o mesmo planeta, serem vistos e tratados de forma igualitária.

Somado a isso, ainda há a capacidade de desconstruir conceitos, de trazer uma perspectiva outra em relação à conexão da sociedade com o ambiente natural, conforme destaca Santos Junior (2011, p. 131): “É uma poesia que rejeita o urbano, o utilitarismo, as metas, a produtividade e a reificação de tudo, entre outras coisas, e o faz predominantemente de forma indireta, ao reafirmar uma outra visão e um outro sistema de valores para os seres e a vida”.

No mundo construído pela sua imaginação poética, não estão inseridos apenas os humanos, mas uma diversidade de seres não humanos e de saberes capazes de estabelecer um mundo mais digno e justo. Sua percepção sensível de mundo, destituída de verdades absolutas e pautada pela construção de saberes por meio do diálogo, sensibilidade e alteridade, coloca-nos ao avesso das coisas instituídas, rompendo o mundo convencional, de forma a ressignificar a relação com a natureza e o enfrentamento das questões socioambientais com base em um olhar de humanização das coisas, de transfusão com a natureza.

Para Leff (2010), no exercício de renovar os significados das palavras, tão bem transcorrido por Manoel, é indispensável que as sacrifiquemos, renovemos seus significados, além de

[...] abraçar a vida, com dedos, mãos, línguas e braços; para construir as pontes para um futuro sustentável, assumindo nossa condição humana e aprendendo a viver nos turbulentos mares da vida; resistindo à morte entrópica do planeta e abrindo caminho para outros mundos possíveis (LEFF, 2010, p. 293).

E para abrir caminhos para outros mundos, é fundamental incorporar novas posturas epistemológicas, pautadas por valores éticos que são fundamentais para a transformação de atitudes na construção de um mundo mais justo e igualitário e nas quais a Educação Ambiental se configure, em diálogo com outros saberes, uma das ferramentas de mobilização de ações de cunho socioambiental e de recurso contra percepções estagnadas.

Ao não se desvincular da natureza, Manoel assume a poesia como lugar crítico no mundo, permeado por uma relação de troca entre seres, onde é possível aproximar e dialogar com a educação de maneira não antropocêntrica e alicerçada por uma não distinção hierarquizante entre os humanos e não humanos. Sua intenção se dá na reconstrução das relações, permeadas pelo afeto entre sociedade e natureza,

destituindo o humano da posição de centralidade do mundo, rompendo percepções que nos distanciam: “Meu olho perde as folhas quando lesma. A gente comunga é sapo” (BARROS, 2013, p. 163).

Que o prisma da Educação Ambiental, em diálogo com a poética de Manoel, contribua para agregar outros olhares sobre o nosso lugar no mundo e nos convoque a pensar acerca de nossa relação com diferentes seres, com os quais coabitamos o planeta.

2.3 Bernardo e o transfazer poético da natureza

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.
Ele faz encurtamento de águas.

Nos descaminhos percorridos pela obra poética de Manoel de Barros, encontramos um de seus principais personagens. Trata-se de Bernardo, inspirado em Bernardo da Mata, amigo e funcionário da fazenda do poeta por longos anos. Tal personagem dispõe de uma importância significativa em sua poesia, na qual utiliza-se de realidade e ficção para narrar as peraltagem do menino, bem como sua relação intensa e sensível com o ambiente natural.

Em meio à comunhão do personagem com a natureza, Manoel muda a concepção de mundo quanto ao restante dos seres que compõem o universo, a qual estamos acostumados. As traquinagens de Bernardo nos conduzem aos devaneios percorridos em meio à natureza, às voltas com os “restos do chão”, seres que em nada se diferenciam das demais espécies que integram a biodiversidade do planeta. Inclusive, o fato de Bernardo constituir-se humano não o impede de se colocar no lugar de outras coisas e seres.

O personagem carrega consigo uma peculiar relação com a natureza, frequentemente se relacionando com bichos e outros seres como iguais. Dessa forma, no poema “Bernardo”, retirado da obra “Livros infantis”, podemos apreciar a poesia de Manoel, que traz Bernardo em estado de “árvore” ao se tornar reduto de pássaros e, depois, transformar-se pássaro, voando em busca da liberdade e de desprendimento para continuar a enxergar as riquezas do ínfimo, em busca da essência da vida:

BERNARDO

Bernardo já estava uma árvore quando
eu o conheci.
Passarinhos já construíam casas na palha

do seu chapéu.
 Brisas carregavam borboletas para o seu paletó.
 E os cachorros usavam fazer de poste as suas
 pernas.
 Quando estávamos todos acostumados com aquele
 bernardo-árvore
 Ele bateu asas e avoou.
 Virou passarinho.
 Foi para o meio do cerrado ser um arãquã.
 Sempre ele dizia que o seu maior sonho era ser um arãquã para compor o
 amanhecer (BARROS, 2013, p. 460).

Além de se tornar árvore, Bernardo tinha como desejo converter-se em Aracuã, pássaro natural da região pantaneira que tem como principal característica habitar os galhos das árvores e cujo canto tem a peculiaridade de prenunciar o amanhecer e o entardecer no Pantanal.

Bernardo vivia entrelaçado e tinha o seu corpo como a extensão de uma árvore, atingindo a condição de ser “inútil” — seres que vivem imersos sob o modo da desigualdade e indiferença. Como sujeito, sua condição vai além do que é valorizado pela sociedade moderna, regida por preceitos neoliberais. Tal sociedade em nada preza sujeitos que detêm a condição de Bernardo, de desprendimento a tudo que comporta valores ligados à competição entre a espécie humana, ao consumo e à objetificação dos seres e das coisas.

Seus interesses se propunham a conversar com os entes da natureza, por meio do imaginário e do sensível, e estabelecer plena comunhão com os seres que viviam ao seu redor: “Bernardo fala com pedra, fala com nada, fala com árvore. As plantas querem o corpo dele para crescer por sobre. Passarinho já faz poleiro na sua cabeça” (BARROS, 2013, p. 310). De certa forma, o personagem era regido e regia a natureza ao viver entre as árvores e, às vezes, ele se confundia com elas. Um exemplo disso está no texto retirado da obra “O Guardador de Águas”, que também dá título ao poema:

O GUARDADOR DE ÁGUAS

II

Esse é Bernardo. Bernardo da Mata. Apresento.
 Ele faz encurtamento de águas.
 Apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros
 Até que as águas se ajoelhem
 No falar com as águas rãs o exercitam.
 Tentou encolher o horizonte
 No olho de um inseto — e obteve!
 Prende o silêncio com fivela.
 Até os caranguejos querem ele para chão.
 Viu as formigas carreando na estrada duas pernas de ocaso
 para dentro de um oco... E deixou.

Essas formigas pensavam em seu olho.
 É homem percorrido de existências.
 Estão favoráveis a ele os camaleões.
 Espreado na tarde —
 Como a foz de um rio — Bernardo se inventa...
 Lugarejos cobertos de limo o imitam.
 Passarinhos aveludam seus cantos quando o veem (BARROS, 2013, p. 219-220).

Nesse poema, Bernardo realiza o “encurtamento de águas”. Sua interação com os seres é tão intensa que ele chega a se transformar em animais pequenos, como lagarta, caranguejo, camaleões e rãs, em uma constante interação entre os seres e, mutuamente, entre os humanos e a natureza. Dessa maneira, ele se aproxima da “inutilidade”, das grandezas do ínfimo, das coisas e dos seres “inúteis” encontrados no chão. E conforme destaca Silva e Reigota (2010, p. 146), a relação estabelecida entre o personagem e a natureza é de pertencimento: “[...] é ver Bernardo – *ethos* presente na poesia manoelina – que se constrói com a figura do humano, que se aproxima da natureza, num ideal de pertencimento”.

É baseado nesse ideal de pertencimento que Bernardo empreende sensibilidade ao ser mergulhado em comunhão com o meio natural, pulsando natureza por meio de seus poros. E ao viver em estado de graça com a natureza, “Bernardo armou sua barraca na beira de um sapo. Ele era beato de sapo. Natureza retrata ele. Bernardo é criador. Ele viu um passarinho sentado no ombro do arrebol. Lagarto encostava nele para dormir” (BARROS, 2013, p. 427-428). Trata-se de um humano pertencido à natureza e guiado pelas coisas do chão, com quem se comunica, pois domina o mesmo idioma dos seres não humanos.

Manoel amplia a relação do humano com a natureza, colocando-se como agente transformador do meio ambiente, de modo a valorizar as coisas do mundo, transfazendo a natureza, sobretudo as palavras, para que elas possam se reinventar, desabrir sobre os seres e as coisas, desprendendo-se da lógica formal de sua significação. Para isso, envolto no personagem de Bernardo, ele constrói uma oficina com elementos como águas, pedras, árvores e pássaros, a fim de “transfazer a natureza”, utilizando do “Dialeto-Rã” para se comunicar. Ele transforma a natureza em uma oficina de criação poética:

Bernardo escreve escorreito, com as unhas, na água,
 O Dialeto-Rã.*
 Nele o chão exuberava.
 O Dialeto-Rã exara lanhos.
 Bernardo conversa em rã como quem conversa em

Aramaico
 Pelos insetos que usa ele sabe o nome das chuvas.
 Bernardo montou no quintal Oficina de Transfazer
 Natureza.
 (Objetos fabricados na Oficina, por exemplo:
 Duas aranhas com olho de estame
 Um beija-flor de rodas vermelhas
 Um imitador de auroras — usado pelos tordos.
 Três peneiras para desenvolver moscas
 E uma flauta para solos de garça.)
 Bernardo é inclinado a quelônio.
 A córnea azul de uma gota de orvalho o embevece (BARROS, 2013, p. 224).

Baseado em seu “transfazer da natureza”, Bernardo constrói os objetos em seu quintal por meio do contato direto com a natureza, apropriando-se de elementos presentes ao seu redor para fabricá-los. Sua função é “transfazer a natureza” e, para isso, constrói uma oficina na qual a natureza é transfeita, a fim de conhecer a essência das coisas e abrir caminho para o desconhecido. Diante disso, Souza (2010), considera que o “transfazer” é ir além da poesia, do que se consegue vislumbrar, do impensável:

Transfazer. Fazer poesia, desinventar sobretudo as palavras e dar-lhes fundação de não significar ou não comunicar, para que assim elas possam reinventar-se como sentido.
 Nem todo fazer poético é transfazer. Nem todo verso e rima atinge essa condição. Transfazer é mais do que fazer poético, é mais do que rima e verso. Transfazer é estender o poético para além da poesia. E é isso que faz Manoel de Barros ao fazer poesia: põe-nos no estado desta, à disposição de “inventar comportamentos” e vislumbramos novas possibilidades para a vida que vivemos (SOUZA, 2010, p. 71-72).

Logo, o transfazer é abrir novos caminhos, percepções a respeito do mundo, em busca de valores que devem nos constituir. É ressignificar nossa existência para compreensão de outras, de modo a conceber novos sentidos e contribuir para a construção de um mundo melhor para todas as espécies e não apenas para os seres humanos. É ultrapassar fronteiras perante a diversidade que compõe o planeta, com o propósito de observar o “ínfimo” e voltar o olhar para as “pequenas” coisas, a fim de instigar nossa sensibilidade perante as coisas e os seres.

Dessa forma, o poeta aponta que Bernardo nunca fez outra coisa a não ser “[...] ouvir as vozes do chão, [...] ouvir a fala das águas, [...] ouvir o silêncio das pedras, [...] ouvir o crescimento das árvores, [...] ouvir as vozes do chão, [...] o formato dos cantos” (BARROS, 2013, p. 383). São versos que nos fazem concluir a humanização dos elementos da natureza, que são recorrentes na produção poética de Manoel Barros,

estabelecendo uma relação essencial com ela por meio de um olhar que integra todos os seres, de diferentes espécies ao humano.

À vista disso, aproxima-se das “inutilidades” ligadas à natureza, onde bichos, vegetais e minerais ganham voz, dado que consegue enxergar o invisível ao demonstrar imenso respeito pelos seres não humanos, além de dialogar e zelar por eles. Ao que parece, Bernardo é a própria natureza e nos ensina a amá-la, a desenvolver sentimento de alteridade aos outros seres, baseando-se numa concepção humana completamente desconectada dos preceitos do capitalismo e redefinindo um estilo de vida diverso de valorização do conhecimento subjetivo. Nas palavras de Cunha (2020),

Bernardo, personagem principal, é um dos elementos importantes para entender esse acesso ao tempo puro, pois seus atributos e valores estão muito vinculados a um mundo que ainda mantém um vínculo direto com a natureza. Sem relógio, não participa do tempo linear, fragmentado e profano dos centros urbanos (CUNHA, 2020, p. 154).

A relação de Bernardo com a natureza, realçada na poesia, mostra-nos que há existências presentes no mundo tão importantes quanto a espécie humana, de forma que o poeta tira o humano do pedestal no qual se colocou. Diante disso, a poética de Manoel aponta outros rumos no que tange ao olhar sobre as coisas, ao qual estamos acostumados, mostrando que há possibilidade de construir outro mundo com base no estabelecimento de novas conexões. Para tanto, é necessária uma mudança na postura da espécie humana quanto aos não humanos, que nos impulsionará para outro mundo possível.

Nesse sentido, a maneira como Bernardo dialoga e vive em comunhão com a natureza coaduna com as palavras de Leff (2015) ao discorrer sobre a forma ideal de nos relacionar com a natureza, como compromisso da Educação Ambiental na construção de uma racionalidade ambiental pautada por uma sociedade sustentável comprometida, que seja

[...] capaz de gerar uma consciência e capacidades próprias para que as populações possam apropriar-se de seu ambiente como uma fonte de riqueza econômica, de prazer estético e de novos sentidos de civilização; de um novo mundo onde todos os indivíduos, as comunidades e as nações vivam irmanados em laços de solidariedade e harmonia com natureza (LEFF, 2015, p. 252).

É justamente esse ideal que a poesia de Manoel transfigura em seus versos, trazendo a compreensão da necessidade de mudança tanto no olhar quanto na

postura em relação às coisas do mundo. Além disso, vislumbra a urgência de transformar as relações entre os seres humanos e não humanos, a fim de que percebamos a importância de construir um mundo mais justo e igualitário por meio da luta coletiva.

Ele volta o olhar para a natureza, exercendo papel fundamental ao aproximar a espécie humana do mundo natural, despertando para a complexidade e desafios pertinentes às questões socioambientais — que podem ser sensibilizadas por meio da poesia, do olhar sensível, em diálogo com a Educação Ambiental como ferramenta de formação e promoção de conhecimento e de novos olhares sobre o mundo.

Na poética de Manoel, Bernardo se metamorfoseia em estado de árvores: “Esse Bernardo eu conheço de léguas. Ele é o único ser humano que alcançou de ser árvore. Por isso deve ser tombado a Patrimônio da Humanidade” (BARROS, 2013, p. 466). Desse modo, estabelece uma complexa fusão com o meio natural e uma necessária aproximação entre os seres dentro da poesia e da vida em sociedade, sendo um exercício ao retorno à natureza e às concepções fundamentais que necessitamos ser introjetadas na sociedade atual.

Ao recriar a linguagem e reinventar a natureza por meio dela, o poeta descobre a sabedoria que a natureza pode nos proporcionar: “As folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes” (BARROS, 2018, p. 48). Além disso, Manoel rebatiza os elementos que a constituem, recompondo um ambiente geográfico com base no contato com os seres vivos, muitos deles metamorfoseados, e na comunhão entre o humano com a natureza, conforme nos mostra nos versos em prosa retirados da obra “Livro de pré-coisas”:

NO PRESENTE

[...] Repositório de chuva e bosta de ave é seu chapéu. Sementes de capim, algumas, abrem-se de suas unhas, onde o bicho-de-porco entrou cresceu e já voou de asa e ferramentas.

De dentro de seus cabelos, onde guarda seu fumo, seus cacos de vidro, seus espelinhos — nascem pregos primaveris!

Não sabe se as vestes apodrecem no corpo senão quando elas apodrecem. É muito apoderado pelo chão esse Bernardo. Seu instinto seu faro animal vão na frente. No centro do escuro se espriam.

Foi resolvida em língua de folha e de escama, sua voz quase inaudível. É que tem uma caverna de pássaros dentro de sua garganta escura e abortada (BARROS, 2013, p. 195).

É na relação que o personagem Bernardo demonstra seu olhar de ressignificação para os seres do mundo, de tal forma que a poesia coaduna com os

princípios da Educação Ambiental no que tange à importância de valorizarmos os bens naturais e concebê-los como elementos inerentes a nossa espécie.

Bernardo, por meio da relação estabelecida com os seres ínfimos, ensina-nos outra possibilidade de vínculo com o planeta, assim como fazem as comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e os povos de terreiros, que têm a consciência de que são natureza e que a alteração do percurso de um rio só pode ocorrer mediante mudança realizada pela própria natureza, e não em virtude de interesses econômicos.

Desse modo, a literatura mostra-se ferramenta fundamental para a idealização de uma sociedade socialmente equilibrada, visto que, por meio dela, é possível estabelecer outra ética nas relações sociais. E “Uma nova ética nas relações sociais e entre diferentes sociedades, e estas na relação com a natureza, precisa ser construída para que possamos conseguir um desenvolvimento realmente sustentável ambientalmente” (GUIMARÃES, 1995, p. 14), com base em um olhar diverso que nos possibilite repensar o mundo e nos colocar em igualdade com os seres não humanos.

Para o poeta, os seres vistos de baixo, inúteis, sem valor, são os seres de uma significância incomensurável, e seu personagem, alter ego Bernardo, é constantemente apresentado em contato direto e estreito com as inutilidades. Em entrevista a Pedro Spíndola, um de seus grandes amigos, Manoel menciona que “Bernardo era um ser encantado à natureza como são os rios e os sapos. Os bonecos têm um de inocência da natureza” (SPÍNDOLA, 2006, p. 54). Assim, o personagem estabelecia uma forma de viver e se relacionar com a natureza e com o seu território.

Para Müller (2011), apesar de Manoel resistir à alcunha de poeta com características ecológicas, é impossível não nos depararmos com vários elementos que contradizem essa recusa em sua obra. A própria relação de Bernardo com os seres que vivem ao seu redor permite essa consciência ecológica, de respeito e sensibilidade, decorrente da comunhão com a natureza como princípio ético demonstrado pelo poeta.

Em meio ao mergulho de sensibilidade em face das questões do mundo, avistamos algumas aspirações do poeta na busca por uma sustentabilidade planetária, permeadas pelas subjetividades humanas, que a partir de nossa compreensão permitem projetar sonhos à procura de um mundo menos desigual. Assim como compreende a Educação Ambiental, as preocupações em relação ao planeta devem ir além de questões relativas à poluição, ao desmatamento, ao lixo,

entre outras, mas, sobretudo, nos conduzir aos ambientes que precisam ser reconhecidos, com base na legitimação da multiplicidade de saberes que compõem o mundo e, principalmente, da consciência de que a preservação da sociobiodiversidade é fundamental para o equilíbrio do planeta.

E de maneira simples, e ao mesmo tempo complexa, o poeta nos leva a perceber a importância dos outros seres que constituem o planeta e permanecem aquém do nosso olhar. Desse modo, ele propõe que olhemos para esses seres como sujeitos constituintes, que os percebamos, a fim de reconstruirmos um mundo marcado pela sustentabilidade planetária, atrelada à justiça socioambiental, e aberto à natureza.

Mostra-nos, ainda, que é possível nos articular de forma mais ética, com respeito à diversidade das coisas e dos seres e em diálogo com a Educação Ambiental que, em seu bojo, também compreende a importância das coisas “ínfimas”, dos seres “insignificantes”, do acolhimento do diferente, do olhar voltado ao outro advindo de diferentes realidades, mas que integra o ambiente — como um princípio de solidariedade para a construção de um mundo mais ético e humano.

No entanto, Manoel não pode ser reportado apenas como o poeta de “visão ecológica” por falar de lesmas, caramujos e árvores ou ser aludido como o poeta “Pantaneiro” por mencionar a região do Pantanal em diversos de seus poemas. Manoel, em sua poesia, é muito maior do que a simples menção desses seres. Sua intenção vislumbra acolher o diferente, voltar o olhar ao outro como sujeito, mediante respeito e cuidado, pois coabitamos o mesmo universo. Nesse sentido, Müller (2011) assim discorre:

Seria um erro associar Manoel de Barros a uma “visão” ecológica pelo simples fato de que ele fala de caramujos, de árvores e de passarinhos. Por isso ele não gosta da alcunha de “poeta do Pantanal”. Como (grande) poeta que é, Manoel tem consciência de que visões precisam se manifestar materialmente em imagens e sons, em frases. Por isso, mais do que um poeta preocupado com a linguagem da natureza, interessa-lhe pensar a natureza da linguagem.

Por outro lado, a ecologia poética de Manoel de Barros concilia a essa transividade comungante de quem, ao mesmo tempo que afirma querer “cristianizar as águas”, é tomado por aquilo que fala, a ponto de sofrer mutações na sua dicção a partir daquilo que as coisas mesmas lhe impõem (MÜLLER, 2011, p. 49).

Além do mais, sua poesia desvela um caminho ou um espaço possível para aflorar a já inadiável mudança em relação à construção de um mundo pautado pela ética das relações, por justiça socioambiental e por conexões mais humanas e justas,

de modo a contribuir para a superação dos problemas socioambientais que emergem no planeta a cada instante.

Segundo Castello (1999), Manoel assinalou sua preocupação com o futuro dos seres que permeiam da natureza: "Tenho medo que a ciência acabe com os cavalos, com a luz natural, com as fontes do ser. Medo de que o idioma não sirva mais para celebrar, que se torne apenas um instrumento pragmático, cheio de objetivos e sem nenhum espírito" (CASTELLO, 1999, p. 117). Seu receio é de que as subjetividades não sejam vistas como importantes e que vivamos permeados pela fragilidade das relações, engolidos pelos preceitos capitalistas que nos oprimem, estreitam nosso olhar e endurecem nossas relações com as coisas do mundo.

Todavia, há muitas incompreensões no mundo vinculadas a alguns fenômenos que a ciência ainda não conseguiu responder, de tal modo que a poesia, as subjetividades e a sensibilidade do olhar podem contribuir para a formação humana, para o resgate do afeto, para a formulação de antídoto contra o embrutecimento das relações e para a superação dos conflitos que atingem o planeta.

Nesse sentido, acreditamos que a literatura, por meio da poesia, mostra-se importante instrumento de aprendizagem, que permite a compreensão do mundo no qual estamos inseridos e a disseminação dos preceitos da Educação Ambiental, a fim de que sejam pensados e dialogados entre diferentes grupos na sociedade, de modo a contribuir de maneira crítica ao estabelecer conexões com as questões ambientais "[...] para a resolução de problemas com os quais nos deparamos em nosso cotidiano, principalmente os ambientais, que não se relacionam apenas a um indivíduo de modo isolado, mas que são globais, e que precisam ser pensados e resolvidos como tal" (ZANON, 2006, p. 65).

E entre as obras poéticas literárias, a de Manoel de Barros se destaca como um dispositivo fundamental ao inspirar e potencializar o contato próximo com a terra e a comunhão com a natureza, oferecendo ferramentas para dialogar com a Educação Ambiental, de modo a fomentar ideias e valores que potencializam relações abertas para com a natureza e a construção de novos olhares para a questão socioambiental. Poetizando o mundo, conforme menciona Barcelos: (2012, p.39), "Será que a ação pedagógica e metodologia em Educação Ambiental não ficaria mais prazerosa com um pouco de poetização no mundo?"

Logo, nessa intrínseca relação com a natureza que a poesia de Manoel nos apresenta, os diversos elementos que compuseram a investigação desta pesquisa, e que foram apresentados ao longo do capítulo, permitiram-nos compreender a urgência de resgatar esse vínculo com o meio natural e de ressignificar nossas relações, combatendo esse projeto de destruição dos ecossistemas, da biodiversidade, que leva ao desequilíbrio, aos desastres ambientais e à dizimação de culturas e saberes tradicionais, atingindo a própria condição de sobrevivência humana no planeta.

É importante lembrar que, apesar de termos focado apenas na relação de Manoel com a natureza, no seu olhar para a questão ambiental, sua poética detém uma extensa riqueza crítica no que diz respeito a questões como a infância, a memória, o erotismo, entre outras, sendo uma fonte inesgotável de reflexões sobre outros aspectos.

E, por meio da literatura, podemos propiciar a criação de novos espaços de subjetividade, considerando que as obras literárias nos conduzem para visões de natureza, de ciência e de mundo. “Esse saber que a poesia incorpora, objeto de reflexão constante nas obras de Manoel de Barros, é tematicamente tratado como um ‘dessaber’, isto é, uma negação do conhecimento lógico e cotidiano [...]” (PINHEIRO, 2013, p. 41- 42).

Nessa perspectiva, este capítulo não teve a intencionalidade de realizar uma análise esmiuçada dos poemas do autor, mas propor uma leitura crítica, à luz da Ecocrítica e da Educação Ambiental, identificando e explorando possíveis relações entre a obra de Barros e a Educação Ambiental. A contribuição relaciona-se, assim, à reflexão sobre a possibilidade de enxergarmos a poesia de Manoel sob uma perspectiva ambiental, considerando a sensibilidade na qual o poeta retrata a sociobiodiversidade em suas poesias, respeitando a diversidade dos seres do mundo.

Ao deslocar seu olhar para seres “pequenos”, “marginalizados” e “desprezíveis”, que não despertam interesse em grande parte da sociedade, o poeta leva a atenção ao natural, religando os seres vivos e potencializando formas de religar e reaproximar a espécie humana do mundo natural, sob um olhar não hierarquizante, ressignificando nossa relação com a natureza e com a própria espécie humana, conforme destaca Santos Junior (2011):

Para Manoel de Barros, não basta somente ressacralizar os elementos esquecidos e escamoteados por uma sociedade capitalista e utilitarista. Sua poesia nos mostra que a nossa essência que há muito foi perdida só pode ser reencontrada quando o homem reaprender a ver e escutar o espetáculo

do mundo e da natureza que se materializam em linguagem (SANTOS JÚNIOR, 2011, p. 131-132).

Para tanto, procuramos ressaltar, neste capítulo, o quão é inesgotável o olhar do poeta para as “sutilezas” e as “inutilidades” das coisas do chão. Ele se coloca constantemente sob um exercício de transfigurar, de transfazer e de transver as palavras, resgatando a essência e a nossa relação com as coisas e seres que compõem o mundo. Dessa forma, sua poesia nos remete diretamente a um universo mais primitivo, seja por meio do permitir-se ser árvores, seja pelo canto dos pássaros: “Tenho de transfazer natureza. À força de nudez o ser inventa. Água recolhendo-se de um peixe. Ou, quando estrelas relvam nos brejos” (BARROS, 2013, p. 196-197).

Além disso, descontrói a linguagem instituída ao converter a natureza em palavras e nos leva a reaprender outras formas de ver o mundo, permitindo sonhar e construir um mundo que contemple relações permeadas por preceitos éticos, igualitários e mais humanos.

Assim, a Educação Ambiental caminha entrelaçada à poética de Manoel por convergirem sobre a importância de olharmos para os seres com os quais compartilhamos o planeta e suas diferentes formas de vida, de forma a propor a construção de novos valores a respeito do mundo, além de um planeta mais ético, acolhedor, solidário e que contraponha a lógica de interesses capitalistas — mostrando que há uma diversidade de seres e coisas e que é imprescindível nos despir de normas e regras para enxergar o mundo com todos os seus conflitos, assim como a necessidade do cuidado com o outro.

Logo, podemos afirmar que Manoel, por meio de sua obra, poderia ser compreendido como um educador ambiental a partir do momento em que ele ressignifica sua existência pela poesia, pela reaproximação do humano com a natureza. Isso dentro de uma ética que fortalece princípios de construção de uma sociedade sustentável, na qual é possível não só escutar a natureza e ouvir seus sussurros, mas, sobretudo, perceber que está entranhada e entrelaçada em nós mediante uma fusão de afetos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tivemos a intenção de investigar a relação humano-natureza nos textos literários do poeta Manoel de Barros, baseando-se no diálogo entre literatura e Educação Ambiental como espaço fecundo para uma formação crítica, humana e de sensibilização de indivíduos sobre a problemática socioambiental.

Seus versos atravessam os sentidos e transformam-se em metáforas; despertam a comunhão com o mundo natural, oferecendo uma outra forma de compreensão, dedicada ao pleno exercício de alteridade com os outros. O poeta transfaz a natureza sob uma perspectiva não humana, apresentando o mundo em consonância com a natureza e com os seres que nela habitam, repleta de elementos que possibilitam reflexão e nos reportam à questão ambiental, uma vez que impacta na racionalidade em favor da sensibilidade quando utiliza-se de ferramentas que possibilitam a imersão nas coisas simples.

A forma como o poeta se relaciona com os seres não humanos dialoga com o pressuposto da Educação Ambiental na medida em que potencializa, como instrumento de sensibilização do humano, a necessidade de exercício de uma relação “natural” com o ambiente. Isso com base em uma relação ética, de cuidado. Uma relação para o sensível que nos permite outros encontros, outras formas de ser e existir com a natureza, e culmina no desejo de engajamento social e político para outras atenções, em busca de outros mundos mais justos e ambientalmente possíveis com as outras vidas não humanas.

Pela ótica da Ecocrítica e da Educação Ambiental, a investigação demonstrou como se dá o vínculo entre o humano-natureza na poética de Manoel e o despertar para uma postura ética em relação à natureza. Como uma prática de sensibilização e reflexão, de maneira a acordar para a consciência ambiental e para o afloramento do pensamento crítico, a obra do autor configura-se uma ferramenta importante no que tange à potencialização da reflexão sobre a questão ambiental em um espaço significativo de interlocuções necessárias com os saberes ambientais.

É justamente esse o papel da poesia de Manoel, que dialoga com a Educação Ambiental ao nos presentear com versos imbuídos de respeito e devoção aos seres, de cuidado com a terra, a água, o território e todos com quem dividimos o planeta. É por meio do olhar sensível no trato com as coisas do mundo que o poeta nos oferece

uma abertura entre a poesia dada às coisas da natureza e a Educação Ambiental, dialogando sobre a importância do acolhimento dos seres do “chão”, ressignificando coisas “desprezíveis”. Dessa forma, colabora com a visão menos utilitarista do meio ambiente e contribui para a superação de elementos e conceitos mercadológicos ainda imbricados em nossa sociedade pelo poder hegemônico, visando a novas formas de convivência entre os seres.

Além do mais, é capaz de sensibilizar a espécie humana para a construção de um mundo mais ético, de apreço pela diversidade de elementos e saberes que compõem o planeta, baseando-se na relação entre as diferentes espécies, de modo a superar as limitações que separam a espécie humana das demais e auxiliar na proposição de novos sentidos.

Nessa esteira, o mergulho na poética de Manoel se constitui importante ferramenta, capaz de colaborar na construção de um novo olhar para a relação entre humano e as diferentes espécies que compõem o planeta, por difundir, por meio de seu olhar poético, a importante coexistência de diferentes seres e coisas que habitam o mesmo espaço, sendo fundamentais para o equilíbrio do planeta.

Os textos literários analisados potencializam o viés de que humanos e natureza formam uma única entidade. Assim, mobilizam a espécie humana para um estado mais sensível na construção de outros campos possíveis e na criação de novos mundos, com base nos universos poéticos que nos rondam e nos mostram caminhos nos quais possamos ampliar possibilidades de pensar o mundo sob um viés ético, político e socioambiental.

Ademais, tais textos estabelecem conexão ao deixar-se fecundar pelos caminhos da sensibilidade com o ambiente natural, de modo a contrapor as formas utilitaristas, destrutivas e exploratórias da natureza e evocar a transformação mediante a compreensão da indispensável interação entre humano e natureza e de que os saberes que emergem das margens são, justamente, capazes de nos ensinar a estabelecer essa íntima e tão necessária relação.

Além disso, eles contribuem para questões relativas ao desenvolvimento da consciência crítica e da ética ambiental, visto que se trata de uma área do conhecimento que se mostra sensível às coisas do mundo e que traz profundas contribuições para a construção de outro olhar voltado à questão ambiental e para a consciência crítica e da ética ambiental.

A poesia de Manoel possibilita conexões reflexivas no que concerne à interação com os seres, ampliando nosso universo mediante a compreensão do mundo no qual estamos inseridos, utilizando-se da comunhão com o mundo natural como uma nova forma de concepção de mundo, desprovido de amarras. Seu *descaminho* poético nos aproxima da natureza, espaço onde os limites se desfazem, emergindo uma conexão que atravessa o campo da Educação Ambiental quando nos mostra outra forma de relação com os não humanos, com o ambiente natural, e descortina caminhos possíveis para a construção de um mundo social e ambientalmente equilibrado e justo.

Suas obras trazem importantes reflexões em torno das questões ambientais, tão emergentes e fundamentais para um mundo em constante crise socioambiental, principalmente no tocante à necessidade de desconstrução relacionada ao humano, que se sobrepõe às demais espécies e se vê dissociado do meio ambiente, desconsiderando a concepção de integralidade com natureza e de que tudo é parte de um todo. Manoel nos mostra uma forma de ver o mundo transgredida pela natureza, contrapondo, assim, a visão antropocêntrica do humano. Ele transfaz a natureza sob uma perspectiva não humana, *desvendo* o mundo com base no olhar mergulhado no meio natural, em consonância com a natureza e com os seres que nela habitam.

Quando nos ensina a valorizar e dar credibilidade aos elementos descartados pela sociedade de consumo, o poeta, pela sua arte, oferece-nos um elemento de reflexão, uma nova maneira de ver mundo e as coisas. Além disso, por meio de sua sensibilidade poética, das interações com o ambiente natural, possibilita sermos tocados no que diz respeito ao lugar onde vivemos e à maneira como nos relacionamos. Isso, de certa maneira, contribui para repensarmos sobre as injustiças socioambientais ocasionadas por intervenções humanas no ambiente, que levam a um descontrole socioambiental no planeta.

É nesse contexto que a poética de Manoel nos impulsiona à reflexão, com base no entrelaçamento de saberes, entre poesia, literatura e Educação Ambiental, que, ao nosso ver, estimula a construção de um mundo imbuído pela emancipação das classes desfavorecidas socialmente, de modo a minimizar as disparidades sociais e de subsidiar, por meio de um olhar sensível, a não compreensão do humano desassociado da natureza.

Nesse sentido, contribui para a construção de um mundo com mais equidade socioambiental, sobretudo porque enriquece a relação ética entre os seres humanos e as coisas que os rodeiam, permitindo o desenvolvimento de sociedades sustentáveis e a valorização da vida humana e dos seres não humanos. Pela sobrevivência da biodiversidade, das espécies vegetais e animais, buscamos em nossas ações outras formas de ser e estar no mundo, de superar as diferenças, dicotomias e dualidades que nos impregnam e que estão no nosso modo de entender e vivenciar o mundo cada vez mais urbano, industrializado, de modo a contrapor o processo de dominação e exploração da natureza

Assim, Manoel nos faz perceber a necessidade de evidenciar as “miudezas” da vida, para que sejam redescobertas pelo nosso olhar, ao mostrar que o que faz sentido à vida são as coisas “pequenas”, as criaturas de um mundo pouco valorizado, mas que são fundamentais para fomentar a sensibilidade e a conscientização em face da questão ambiental. É por meio das manifestações sutis que sua poesia nos oferece, seus movimentos e sons, que somos levados a uma comunhão com o meio natural, interligando humano e natureza a partir da sutileza e percepções poéticas sobre o mundo.

Dessa maneira, sua obra nos impulsiona a acreditar na construção de uma sociedade que seja permeada pelo respeito e pela solidariedade, na qual todos sejam incluídos, tenham o mesmo nível de importância e possam partilhar de um planeta sustentável, que comungue com os preceitos da Educação Ambiental como princípio ético-político, no que tange ao fortalecimento de nossas lutas no que tange à mudança nas estruturas sociais e econômicas, com o intuito de minimizar as desigualdades e conflitos socioambientais.

Em meio a períodos nebulosos e sombrios que nos atravessam, com o desmonte maciço das políticas ambientais, que esta pesquisa possa trazer reflexões, cultivar diálogos e saberes, de modo a contrapor obscurantismo, a ignorância, e permitir vivenciarmos uma sociedade mais humana, empática — principalmente em um período no qual as artes, a questão ambiental, os direitos humanos, tão fundamentais para nossa existência, são submetidos a ataques recorrentes.

Para o Programa de Ensino de Ciências, na área de concentração em Educação Ambiental, que esta pesquisa possa contribuir como espaço de aprendizagem para a Educação Ambiental, sobretudo diante dos retrocessos que

assistimos em todos os sentidos. Tecer de outros modos, permitir outras formas de ver e se relacionar com o mundo, fornece um ambiente rico para a sensibilidade humana em relação ao mundo natural, aberta para novas significações e menos enrijecida, com vistas à construção de outros olhares para o enfrentamento da questão ambiental.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ACSELRAD, Henri. Justiça ambiental e construção social do risco. Desenvolvimento e Meio Ambiente. n. 55, p. 49-60, jan./jun, Editora UFPR, 2002.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; AZEVEDO, Sérgio Luiz Malta de. Meio Ambiente na contemporaneidade: significados e sentidos. Revista GeoSertões (Unageo/CFP-UFCG). n. 1, vol. 1, jan./jun. 2016.

ALVES, José Eustáquio Diniz. A encíclica Laudato Si': ecologia integral, gênero e ecologia profunda. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 13, n. 39, p. 1315-1344, 30 set. 2015.

ARAGÃO, Maria Lúcia. A natureza e a poesia: o exemplo Murilo Mendes, In: SOARES, Angélica Maria Santos (Org.). Ecologia e literatura. Tempo Brasileiro, 1992, p. 93-102.

BARBOSA, Luiz Henrique. Palavras do chão: um olhar sobre a linguagem adâmica em Manoel de Barros. Annablume, Fumec, Belo Horizonte, 2003.

BARCELOS, Valdo. Educação ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes. Petrópolis, RR, Vozes, 2012.

BARCELOS, Valdo. "Escritura" do mundo em Octavio Paz: uma alternativa pedagógica em educação ambiental. In: SATO, Michèle, CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Educação Ambiental: pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

BARCELOS, Valdo. O mundo como um texto - uma alternativa pedagógica em educação ambiental. In: 29A. ANPEd, Caxambu. ANAIS DA 29A. ANPEd. São Paulo: Editores Associados. v. 1. p. 01-15, 2006.

BARCELOS, Valdo. Por uma educação ambiental nos trópicos: intercultura e antropogogia. In: PREVE, Ana Maria Hoepers; GUIMARÃES, Leandro Belinaso; BARCELOS, Valdo; LOCATELLI, Julia Schadeck. (Orgs). Ecologias inventivas: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

BARROS, Manoel. Memórias Inventadas. 1ª ed – Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.

BARROS, Manoel. Poesia completa. São Paulo: LeYa. 2013.

BARROS, Manoel. Três momentos de um gênio. Revista Caros amigos, São Paulo, edição 117, dez, 2006. Entrevista concedida a Bosco Martins, Cláudia Trimarco e Douglas Diegues. Disponível em: < <http://bosco.blog.br/manoel-de-barros/manoel-de-barros-tres-momentos-com-um-genio/>>. Acesso em: 5 de maio de 2021.

BOFF, Leonardo. Ecologia: Grito da Terra, Grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, Ouro sobre azul, 2004.

CARVALHO, Fabiana Aparecida. Fragmentos literários para a Educação Ambiental. Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental. V 18, jan/jun. 2007.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. A questão ambiental e a emergência de um campo de ação político-pedagógica. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo, LAYRARGUES, Philippe Pomier, CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.). Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental/conceitos para se fazer educação ambiental. Brasília, (Cadernos de educação ambiental), IPE – Instituto de Pesquisa Ecológicas, 1998.

CASSIANI, Suzana, GIRALDI, Patrícia Montanari. Diálogos entre Educação Ambiental em ciências em tempo de pandemia: buscando caminhos em prol dos direitos humanos e da terra. Revista Sergipana de Educação Ambiental. Vol.7, edição especial. São Cristóvão, SE, 2010.

CASTELLO, José. Inventário das sombras. Editora Record, Rio de Janeiro, 1999.

CASTRO, Ronaldo Souza de. A construção de conceitos científicos em educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Loureiro, LAYRARGUES, Philippe Pomier. Repensar a educação ambiental: um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009.

CATUNDA, Marta. Território, ambiente, educação: sonora contemporaneidade. In: PREVE, Ana Maria Hoepers; GUIMARÃES, Leandro Belinaso; BARCELOS, Valdo; LOCATELLI, Julia Schadeck. (Orgs). Ecologias inventivas: conversas sobre educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.

CORREIA, Fernanda, Bezerra de Aragão. Literatura e meio ambiente: uma abordagem eco-poética em Manoel de Barros. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal de Sergipe, 2019.

COSTA, Lucia Cortes da. A pandemia e a necessidade de solidariedade: Como pensar no Brasil?. In: CASTRO, Daniel; DAL SENO, Danillo; POCHMANN, Marcio (Org.). Capitalismo e a Covid-19: um debate urgente. (Livro eletrônico). São Paulo, 2020.

COUTO, Mia. E se Obama fosse africano?: e outras interinvenções – 1º ed – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CUNHA, Yanna Karlla. “Poeta precisa inventar outro mundo”. Manoel de Barros: infâncias, invenções, experimentações. / Goetttert, Jones Dari, Suttana, Renato (organizadores). – Dourados, MS : UFGD, 2020.

DASSOLER, Elisa. Ken Saro-Wiwa: arte e ativismo na luta por justiça ambiental. Florianópolis: UDESC, 2020.

FIGUEIREDO, Guilherme José Purvin de. Três anotações sobre ecocrítica literária e direito ambiental. Revista de direitos difusos, v. 69, nº1, 2018.

FRANCISCO. Papa. Carta Encíclica Laudato Si' do Santo Padre Francisco sobre o Cuidado da Casa Comum, Vaticano, Roma, 24 maio 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 07 jun. 2021.

GARRARD, Greg. Ecocrítica. Tradução de Vera Ribeiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 292p. 2006.

GIFFORD, Terry. A ecocrítica na mira da crítica atual. Terceira Margem, Rio de Janeiro, Número 20, pp. 244-261, janeiro/julho 2009.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOETTER, Jones Dari; SUTTANA, Jones Dari (organizadores). Manoel de Barros: infâncias, invenções, experimentações. Dourados, MS : UFGD, 2020. 286p.

GUATTARI, Félix. As Três ecologias. Campinas, SP, Papirus, 1990.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso, KRELLING, Aline Gevaerd, PEREIRA, Juliana Cristina, PONT, Karina Rousseng Dal Pont. Desobediências...In: GUIMARÃES, Leandro Belinaso, KRELLING, Aline Gevaerd, PEREIRA, Juliana Cristina, PONT, Karina Rousseng Dal Pont. (Orgs). Ecologias inventivas: experiências das/nas paisagens. Curitiba, PR: CRV, 2015

GUIMARAES, Leandro Belinaso. O que eu poderia ser se fosse para outros lugar?.In: GUIMARAES, Leandro Belinaso, KRELLING, Aline Gevaerd, BARCELOS, Valdo (Orgs). Tecendo Educação Ambiental na arena cultural. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; CODES, Davi de (Orgs.). Na pele do mundo: educações ambientais. Florianópolis: Casatrês, 2020. 223p. (eBook).

GUIMARÃES, Mauro. A dimensão ambiental na educação. Campinas, SP, Papirus 1995.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental: no consenso um debate? Campinas, SP, Papirus, 2000.

GUIMARÃES, Mauro; CARTEA, Pablo Ángel Meira. Há rota de fuga para alguns, ou somos todos vulneráveis? a radicalidade da crise e a educação ambiental. Ensino, Saúde e Ambiente – Número Especial, pp. 21-43, junho. 2020.

GUIMARÃES, Mauro; PRADO, Carlos. Educação em Direitos Humanos e Educação Ambiental: ética e história. In: SILVA, Aida Maria Monteiro; TIRIBA, Léa. (Orgs). Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para educação em direitos humanos. São Paulo: Cortez, 2014. – (Coleção educação em direitos humanos).

HENNING, Paula Corrêa. Estratégias Bio/ECopolíticas na Educação Ambiental: a mídia e o aquecimento global. Educação Unisinos – v.23, n. 2, abril-junho 2019.

KRELLING, Aline Gevaerd. Encontros e fabulações: outras possibilidades de experienciar o mundo. In: GUIMARAES, Leandro Belinaso, KRELLING, Aline Gevaerd, BARCELOS, Valdo (Orgs). Tecendo Educação Ambiental na arena cultural. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. Companhia das Letras. São Paulo, 2020b.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. Companhia das Letras. 2ª ed, São Paulo, 2020c.

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. Companhia das Letras. São Paulo, 2020a.

LATOOUR, Bruno. Políticas da natureza: como associar as ciências à democracia. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Educação para a gestão ambiental: a cidadania no enfrentamento político dos conflitos socioambientais. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo, LAYRARGUES, Philippe Pomier, CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.). Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2012.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. LIMA, Gustavo Ferreira da Costa. As macrotendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. XVII, n. 1, p. 23-40, jan-mar. 2014.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Manifesto por uma Educação Ambiental indisciplinada. Revista Ensino, Saúde e Ambiente – Número Especial, p. 44-88, junho. 2020b.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Pandemias, colapso climático, antiecológico: educação ambiental entre as emergências de um ecocídioapocalíptico. Revbea, São Paulo, v. 15 nº4, p.01-30, 2020a.

LEFF, Enrique, Epistemologia Ambiental. Cortez: São Paulo, 2002.

LEFF, Enrique. Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez, 2012.

LEFF, Enrique. Discursos sustentáveis. São Paulo, Cortez, 2010.

LEFF, Enrique. Educação Ambiental e desenvolvimento sustentável. In: REIGOTA, Marcos. Verde cotidiano: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 2ª edição, 2001.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 11. Ed. – Petrópolis. RJ: Vozes, 2015.

LEMOS, Vinicius. Por que Pantanal vive 'maior tragédia ambiental' em décadas. BBC News Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53662968>>. Acesso em: 24 de junho de 2021.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Apresentação à 7ª edição. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo, LAYRARGUES, Philippe Pomier, CASTRO, Ronaldo Souza de (orgs.). Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2012.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Contribuições teórico-metodológicas para a educação ambiental com povos tradicionais. Revista Ensino, Saúde e Ambiente – Número Especial, p. 133-146, junho. 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2012b.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Trajetórias e fundamentos da educação ambiental. 4. ed, São Paulo: Cortez, 2012a.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; COSTA, César Augusto Soares da. Educação Ambiental Crítica e Interdisciplinaridade: A contribuição da dialética materialista na determinação conceitual. Terceiro Incluído, NUPEAT – IEASA – UFG, v. 3, n.1, jan/jun, p. 1-22, 2013.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectiva de aliança contra – hegemónica. Revista Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 11 n.1, p.53-71, jan./abr. 2013.

MARINHO, Samarone. Manoel ama lembrar: uma interpretação à poética de Manoel de Barros. 1º ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

MARTINS, Bosco. Entrevista com Manoel de Barros: Três momentos com um gênio. 2014. Publicada na edição 117 da revista Caros Amigos, em 2008. Disponível em: <<https://www.carosamigos.com.br/index.php/grandes-entrevistas/2675-manoel-de-barros>>.

MENDES, Maria. do Carmo. No princípio era a Natureza: percursos da Ecocrítica. Anthropocena. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica, [S. l.], v. 1, 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. In:; Suely Ferreira Deslandes, GOMES, Romeu. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). 26. ed. — Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

MORIN, Edgar. É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

MÜLLER, Adalberto. A ecologia poética de Manoel de Barros. Revista Palavra - Sesc Literatura, ano 3, número dois, julho, Rio de Janeiro, 2011.

MÜLLER, Adalberto. (org). Manoel de Barros. Encontros. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2010.

OLIVEIRA, Adelino Francisco; MACHADO, José; SORRENTINO, Marcos. A utopia pós pandemia de covid-19: dignidade humana e a transição ecológica como paradigmas de reconstrução social. In: CASTRO, Daniel; DAL SENO, Danillo; POCHMANN, Marcio (Organizadores). Capitalismo e a Covid-19: um debate urgente. (Livro eletrônico). São Paulo, 2020.

OLIVEIRA, Elizabete. A educação ambiental & Manoel de Barros: diálogos poéticos. São Paulo, Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, Vanderluce Moreira Machado. A reescritura poética de Manoel de Barros. 1ª ed, Curitiba: Appris, 2016.

OPPERMANN, Serpil. Ecocriticism : Natural world in the literary viewfinder. Published at Hacettepe University Journal of Faculty of Letters. 16.2 (December 1999): 29-46.

PERERINO, Giselly. Infância, educação e Manoel de Barro. Curitiba, CRV, 2017.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Brefore. Entre o ínfimo e o grandioso, entre o passado e o presente: o jogo dialético da poética de Manoel de Barros. São Paulo: Todas as Musas, 2013.

PLÁCIDO, Patrícia de Oliveira; CASTRO, Elza Maria N. V; GUIMARÃES. Mauro. Travessias para Educação Ambiental ‘Desde el sur’: uma agenda política crítica comum em ‘zonas de sacrifício’ como o Brasil e América Latina. AMBIENTE & EDUCAÇÃO Revista de Educação Ambiental. v. 23, n. 1, p. 8-30, 2018.

PRECIOSA, Rosane. Destampar a imaginação para florescer outros modos de convívio. ALEGRAR, nº25 - jan/jul 2020.

REIGOTA, Marcos. A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 2011.

REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. Cortez, São Paulo, 2007.

ROCHA, Renata. Kelen da; FELDMAN, Alba. Krishna Topan.; SILVA, Marisa Corrêa. Ecocrítica e ecofeminismo: uma leitura do conto “A porca”. Revista Ártemis - Estudos de Gênero, Feminismos e Sexualidades, v. 29, n. 1, p. 30-45, 17 jul. 2020.

RUECKERT, William. Literature and Ecology: an Experiment in Ecocriticism. In: GLOTFELTY, Cheryll and FROMM, Harold; (eds.). The Ecocriticism Reader – Landmarks in Literary Ecology. Athens and London: The University of Georgia Press, 1996. p. 105-123.

SAITO, Carlos Hiroo; FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque; VARGAS, Icléia. Albuquerque. Educação Ambiental numa abordagem Freireana: fundamentos e aplicação. In: PEDRINI, Alexandre de. Gusmão.; SAITO, Carlos. Hiroo. (org.). Paradigmas Metodológicos em Educação Ambiental. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SANTOS JÚNIOR, José Rosa dos. Vermes, latas e lixo: Matéria de poesia. Cadernos de Literatura e Diversidade, Feira de Santana – Bahia, n. 7, 129-147, 2011.

SATO, Michèle, OLIVEIRA, Herman de; JÚNIOR, Armando Tafner; WERNER, Inácio. Para não dizer que não falamos das flores, In: Maria Henriqueta Andrade Raymundo et al (org). Avaliação e monitoramento de políticas públicas de educação ambiental no Brasil: transição para sociedades sustentáveis, Piracicaba: MH-Ambiente Natural, p.315-330, 2019.

SATO, Michèle. Cthuluceno: esperanças nas ruínas do capitalismo. In: SATO, Michèle (Coord) e vários autores. Os condenados da pandemia. (livro eletrônico). Cuiabá, MT: GPEA-UFMT, pdf, 157 p. il, 2020.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michèle, CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Educação Ambiental: pesquisas e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SÁVIO, Ligia. A poética de Manoel de Barros: uma sabedoria da terra. Literatura y Linguística, Santiago, n.15, p. 67-80, 2004.

SCARPELLI, Marli de Oliveira Fantini. Meio Ambiente e Literatura. Alegria: Revista de Estudos de Literatura, v, 15, 188-204, jun. 2007.

SCHWARCZ. Lilia Moritz. Quando acaba o século XX (Breve Companhia). Editora Schwarcz S.A, São Paulo – SP, 2020.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Antônio Almeida; REIGOTA, Marcos. Ciência e poesia em diálogo: uma contribuição à educação ambiental. Quaestio, Sorocaba, SP. V.12, p. 139-153, 2010. SILVA, Ivete Souza da. Antropofagia e Educação Ambiental: tessituras interculturais. In: GUIMARAES, Leandro Belinaso, KRELLING, Aline Gevaerd, BARCELOS, Valdo (Orgs). Tecendo Educação Ambiental na arena cultural. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2010.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. Manoel de Barros a poética do deslimite. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

SOUZA, Elton Luiz Leite de. Manoel de Barros e a desfilosofia. In: SOUZA, Elton Luiz Leite (Org.). Poesia pode ser que seja fazer outro mundo: uma homenagem ao centenário de Manoel de Barros. 1ª ed, Rio de Janeiro, 7Letras, p. 47-67, 2017.

SPÍNDOLA, Pedro. Celebração das coisas: Bonecos e Poesias de Manoel de Barros, 2006.

TORRES, Juliana Rezende, FERRARI, Nadir, MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. Educação Ambiental crítico-transformadora no contexto escolar: teoria e prática freireana. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Loureiro, TORRES, Juliana Rezende. Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire. 1ª ed., São Paulo: Cortez, 2014.

TOZZONI-REIS, Marília. Freitas de Campos. Educação Ambiental: natureza, razão e história. Campinas - SP, Autores Associados, 2004.

TOZZONI-REIS, Marília. Freitas de Campos. Educação Ambiental: referências teóricas no ensino superior, Interface Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.9, p.33-50, 2001.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto arado. São Paulo, Todavia, 2019.

VIEIRA, Camila de Freitas, VANCONCELOS, Glaucia Lima, FILHEIRO, Mônica Cristine Junqueira, GARCIA, Patrícia Helena Mirandola. Poesia de Manoel de Barros em diálogo com a ciência e com o saber ambiental. Revbea, São Paulo, v. 15, nº 3, 122-142, 2020.

ZANON, Angela Maria. A utilização de obras literárias no ensino e no exercício da educação ambiental. In: VARGAS, Icléia Albuquerque et al. Educação ambiental: gotas de saber: reflexão e prática. Campo Grande, 2006.